INGENTES DEBATES ESPIRITISTAS

APONTAMENTOS PALPITANTES
SOB A PERSPECTIVA ESPÍRITA

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 04 de janeiro de 2011

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

> "Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e, nessa cobiça, alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores."
>
> Paulo (I Timóteo, 6:10)

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

Exórdio

O admirável Paulo, eu viveu do dignamente do tear até a velhice admoestou que "o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e, nessa cobiça, alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores." (1) Lembra Emmanuel que o Convertido de Damasco não nos diz que o dinheiro, em si mesmo, seja flagelo para a Humanidade.

Quantas vezes, vemos o Mestre em contacto com o assunto, contribuindo para que a nossa compreensão se dilate. Recebendo certos alvitres do povo que lhe apresenta determinada moeda da época, com a efígie do imperador romano, recomenda que o homem dê a César o que é de César, exemplificando o respeito às convenções construtivas. Numa de suas mais lindas parábolas, emprega o símbolo de uma dracma perdida. Nos movimentos do Templo, aprecia o óbolo pequenino da viúva.

O dinheiro não significa um mal. Todavia, o apóstolo dos gentios nos esclarece que o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males. O homem não pode ser condenado pelas suas expressões financeiras, mas, sim, pelo mau uso de semelhantes recursos materiais, porquanto é pela obsessão da posse que o orgulho e a ociosidade, dois fantasmas do infortúnio humano, se instalam nas almas, compelindo-as a desvios da luz eterna.

O dinheiro que te vem às mãos, pelos caminhos retos, que só a tua consciência pode analisar à claridade divina, é um amigo que te busca a orientação sadia e o conselho humanitário. Responderás a Deus pelas diretrizes que lhe deres e ai de ti se materializares essa força benéfica no sombrio edifício da iniquidade! (2)

São Paulo, 04 de janeiro de 2011
Irmãos W. e Jorge Hessen

Referências:

(1) Timóteo 6:10
(2) XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida. Pelo Espírito Emmanuel. 28.ed. Brasília: FEB, 2009. Capítulo 57

Breve panorâmica do mundo atual

Fazendo um comentário sobre a sociedade contemporânea, observamos que é inegável a força avassaladora do progresso, seja no campo tecnológico, no pensamento acadêmico, na ética, etc. Hoje, investem-se vultosos recursos financeiros em projetos de investigação das prováveis causas das angústias humanas.

Nesse contínuo e acelerado avanço, surgem inúmeros laboratórios de análises médicas, onde pesquisam as várias patologias; há o Projeto Genoma, cujo objetivo é o mapeamento de todos os genes humanos; levantam-se hospitais, centros de recuperação, universidades, e assim vai...

Não desconhecemos, nessa conjuntura, a rejeição que sofrem os excluídos sociais, visto que a ganância pelo dinheiro atinge patamares surrealistas. Estarrece-nos a voracidade dos adolescentes pelo sexo, quase sempre remetidos aos pântanos da indigência moral. A cada dia, sucumbem muitos jovens e adolescentes que são comercializados para o mercado da lascívia, algemados nos ambientes regados por alucinógenos e de profunda violência, onde são perpetrados crimes inconcebíveis sob o estímulo da miséria moral e da obsessão.

Atualmente, as pessoas hesitam sair às ruas, em face dos assaltos e sequestros relâmpagos que têm ocorrido a todo momento. São momentos de muita inquietude e de grande instabilidade emocional. No Brasil, há quase 30 milhões de pessoas com transtornos mentais, com neuroses e índices acentuados de demência; com epilepsia e psicoses várias.

Nessas angústias, a depressão tem preocupado os especialistas, que estimam que, em cada grupo de 100 pessoas, 15 têm grande probabilidade de desenvolvê-la.

Ao Cristianismo está reservada a tarefa de alargar os horizontes das pesquisas, nos domínios da alma humana, contribuindo para a solução dos enigmas que atormentam o

homem contemporâneo, projetando luz nas questões, quase que indecifráveis do destino e do sofrimento humano.

Porém, ainda amargamos os contrastes de uma suprema tecnologia no campo da informática, da genética, das viagens espaciais, dos supersônicos, dos raios laser, ao mesmo tempo em que ainda temos que conviver com a febre amarela, a tuberculose, a AIDS, e com todos os tipos de droga (cocaína, heroína, skanc, ecstasy, o crack, etc.).

Nesse panorama, a mensagem do Cristo é um elixir miraculoso, o mais seguro para a redenção social, que haverá de penetrar em todas as consciências humanas, como um dia penetrou no desprendimento de Vicente de Paulo, na majestosa solidariedade de irmã Dulce, na bondade de Francisco de Assis, na suprema dedicação de Teresa de Calcutá, no amor de Chico Xavier, na genialidade mnemônica de Divaldo Franco.

Precisamos cultivar a compaixão sem pieguismos, cultivar generosidade que começa na arte de doar coisas, para culminar no dom de doar-nos, espontaneamente, ao próximo. Fazer algo de bom, e que ninguém saiba, por um desafeto qualquer. Aprendermos a orar e meditar, porque, quem não medita não se conhece bem, e, nesse comportamento, podermos soltar o sereno grito como o fez Paulo: "Já não sou quem vive, mas o Cristo é quem vive em mim..."

Urge, portanto, exercermos o Evangelho nos múltiplos setores da sociedade, porque o Cristianismo nos ensina que temos uma fatalidade biológica, porém, a forma de nos comportarmos dentro do limite berço-túmulo é da nossa livre escolha, e podemos alcançar a sublimação com o simples querer, mas, sempre, movidos por uma fé raciocinada.

Silvícola versus civilizados – o inalterável "apartheid" social

Muitos compatrícios "civilizados" têm menosprezado os valores dos indígenas brasileiros. Alguns os acusam de malandros, ardilosos e preguiçosos. A rigor, o assunto sobre eles ["incivilizados"] não é debatido com frequência e quando é abordado é feito de modo burlesco. Alguns creem que os indígenas representam personagens adstritos ao passado do Brasil e que deixaram de ter importância histórica após a urbanização das cidades. Essa concepção superficial redunda na construção de uma imagem dos primeiros habitantes do país totalmente distorcida, apesar de cerca de 40% dos brasileiros terem algum parentesco com um silvícola ancestral.

Atualmente, todos os tipos de anomalias patológicas existentes nas áreas urbanas são disseminados nas pequenas áreas remanescentes (habitats) dos indígenas, inclusive alcoolismo e suicídios. Os fatores preponderantes são atribuídos à maior proximidade com as atmosferas citadinas e a intensificação do contato com a sociedade "civilizada". Isso estabeleceu um processo de marginalização e paradoxal aproximação com o modus vivendis da modernidade. A rigor, o "silvícola" tem sofrido com a violência, o preconceito e a falta de efetivação de direitos fundamentais de sobrevivência. Os estudiosos consideram que as garantias dos "incivilizados", estabelecidas pela Constituição brasileira de 1988, estão em risco devido ao avanço dos interesses econômicos, sobretudo no campo.

Não tem sido fraterno o relacionamento social entre "civilizados" e "silvícolas". Não esqueçamos que a lei de evolução governa os ditames da Criação. Todos estamos em processo de evolução. Em nossa origem primordial somos dominados pelos instintos. A inteligência só gradativamente vai se desenvolvendo em cada um de nós. Todos fomos criados em

estado de integral simplicidade e absoluta ignorância. Contudo, gradualmente nos afastamos das condições primárias através de múltiplas experiências e iniciamos longo processo de aprendizado e desenvolvimento, tendo como destino a angelitude.

O mesmo ocorre com os indígenas, que são espíritos no estágio de infância relativa e que também chegarão à angelitude. Tais seres são relativamente desenvolvidos, porque já nutrem paixões, e as paixões são indícios de desenvolvimento. São sinais de atividade e de consciência do eu, portanto, nos espíritos primitivos a inteligência e a consciência se acham presentes. A demanda que anotamos aqui é a forma de como os "civilizados" têm convivido com os "incivilizados" de todos os tempos. Sabemos a priori que para serem legítimas as aquisições das civilizações contemporâneas, é necessário estarem alicerçadas nos valores éticos, sem os quais as conquistas se convertem em emanações peçonhentas que culminam por aniquilar quem as promove.

Quando um espírito sai do estado silvícola ou de barbárie e, por força do progresso, adquire novos conhecimentos, tem início o acesso à civilização, mas essa civilização é ainda imperfeita em face da incompletude do seu progresso. Uma civilização só é completa pelo seu desenvolvimento moral. Obviamente, "não podemos responsabilizar a civilização pelos desvarios do mundo, mas sim o homem que a desfigura.". (1) Portanto, a civilização é um estágio da evolução da humanidade, porquanto reflete o grau de moralidade e organização que nos é útil. Estágio este ainda incompleto, pois que embora imperfeito, a civilização demonstra o quanto fomos capazes de evoluir em organização e o quanto ainda necessitamos melhorar.

Dizem os Espíritos que "nenhuma sociedade tem verdadeiramente o direito de dizer-se civilizada senão quando dela houver banido os vícios que a desonram e quando ali as pessoas viverem como irmãos, praticando a caridade cristã. Até que isso seja alcançado, ela será apenas um conjunto de pessoas esclarecidas, que terão percorrido a primeira fase da civilização.". (2) Portanto, não tão distantes dos indígenas,

aborígenes e outros nativos.

Pedimos licença a fim de recordar as históricas agonias sofridas pelos nativos de todos os rincões. Veio-nos à mente o caso dos aborígenes australianos no início da colonização européia em 1770. Os colonos ingleses trataram os nativos da Austrália com racismo e violência física. Perpetraram chacinas espantosas, estabeleceram leis discriminatórias. Nos idos de 1950, com o país já independente do tacão inglês, permanecia a discriminação racial contra qualquer indivíduo que não fosse de genealogia britânica.

No decorrer do século XX, o governo australiano retirou 100 mil crianças aborígenes dos pais (a maioria de pele clara, ou seja, mestiços) e as internou em centros educativos para incutir nelas a cultura ocidental. Esse tipo de ação foi denominada "Política de Assimilação". Os estudiosos batizaram o processo de "geração roubada" essas crianças "sequestradas" dos pais. Consta nos noticiários internacionais que, em 2008, John Howard, primeiro-ministro da Austrália, lamentou publicamente esse fato, mas não quis pedir desculpas oficiais, pois isso iria acarretar em milhões de dólares de indenizações para as famílias ou seus descendentes.

À medida que a civilização avança no tempo cria novas necessidades, estabelece novas fontes de angústias e violências. "As desordens sociais estão na razão das necessidades factícias criadas". (3) O choque cultural entre "civilizados e silvícolas" é fruto de imaturidade moral dos citadinos. Porém, considerando a pluralidade das existências, consoante os Códigos divinos, os exploradores "civilizados" jazem subordinados ao imperativo da Lei de Causa e Efeito, e seguramente reencarnarão entre grupos de "indígenas ou aborígenes", a fim de repararem os danos causados aos irmãos em evolução.

Não desconsideramos, nessas arguições, a rejeição que sofrem os demais infelizes "civilizados" completamente excluídos do convívio social, porquanto a ambição e o egoísmo atingem níveis insuportáveis. Vivemos numa civilização repleta de muita inquietude e de grande volubilidade emocional. Somos os seres racionais que amargam os paradoxos de

surpreendentes conquistas científicas, ao mesmo tempo em que ainda coexistimos com a dengue, febre amarela, tuberculose, aids e com todas as espécies de droga (cocaína, heroína, skanc, ecstasy, crack, oxi etc).

Nesse contraditório panorama ainda sinistro da sociedade pós-moderna, o Evangelho do Cristo precisa ser a transubstanciação do mais poderoso recurso para o indulto das mentes humanas, escravas do persistente "apartheid" social.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Nascer e Renascer, ditado pelo Espírito Emmanuel, SP: Ed. GEEM, 1970

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 1077, Perg. 793

(3) Idem perg. 926.

Os contrassensos humanos ante o calor das virtudes e o frio da indiferença

Sabemos que "a virtude no seu grau mais elevado abrange o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, trabalhador, sóbrio, modesto, são as qualidades do homem virtuoso." (1) De tanto ver atirados nos entulhos das ruas de Mirassol-SP os livros clássicos da literatura (Machado de Assis, José Saramago e Érico Veríssimo), a virtuosa Cleuza Aparecida Branco de Oliveira, então semianalfabeta e catadora de recicláveis, que sonhava construir uma biblioteca para emprestar livros a pessoas sem condições de comprá-los, conseguiu implantar a biblioteca na associação de catadores da qual participa. O acervo já conta com centenas de títulos que são emprestados gratuitamente aos interessados. (2) Na verdade, uma pessoa simples que possui a virtude realmente digna desse nome não precisa dos estéreis lauréis humanos. "Temos de adivinhá-la, mas ela se esconde na sombra, foge à admiração das multidões (...) deixam-se levar pela corrente de suas aspirações, e praticam o bem com absoluto desinteresse e completo esquecimento de si mesmas." (3)

A história de Cleuza Aparecida arremessou minhas recordações para os anos 90. Certa vez, executando minhas atividades de fiscal do Inmetro, tive o ensejo de conhecer Luiz Amorim, um incorruptível açougueiro de Brasília. Sua história impressionou-me à época. Contou-me que foi um simples funcionário que conseguiu, com muito sacrifício, comprar o açougue no qual trabalhava. Narrou-me que aos sete anos de idade já trabalhava como vendedor de picolés, engraxate e lavador de carros. Em 1980, aos doze anos, começou a trabalhar no açougue como ajudante.

Em 1987 a empresa foi vendida, mas permaneceu trabalhando por mais sete anos com os novos proprietários,

porém estes decidiram vender o açougue. Luiz lançou mão da pouca economia que tinha, complementou com um empréstimo bancário e comprou a casa de carnes. Na condição de proprietário do açougue, providenciou montar uma prateleira com dez livros para emprestar aos fregueses. Seu empreendimento cresceu e virou referência cultural em Brasília - o Açougue Cultural T-Bone.

Atualmente o açougue T-Bone promove atividades culturais. Centenas de milhares de pessoas já participaram das Noites Culturais (shows musicais gratuitos à comunidade). Desde o início do projeto, em 1998, cerca de duzentos artistas no nível de Geraldo Azevedo, Erasmo Carlos, Belchior, Flávio Venturini, Blitz, entre outros, já participaram do evento.

O Açougue T-Bone mantém encontro com escritores de renome da literatura como Ziraldo, Marina Colassanti, Donaldo Schuller, Nicolas Behr, Frei Betto, Zuenir Ventura, Ignácio de Loyola, entre outros.

Outro singularíssimo projeto cultural de Luiz Amorim é a manutenção de prateleiras de aço instaladas nos trinta e cinco pontos de ônibus da Avenida W3 Norte de Brasília. Cada prateleira contém aproximadamente seiscentos livros organizados por assunto. "Desse modo, o açougue T-Bone tem emprestado diariamente cerca de dois mil livros gratuitamente aos passageiros interessados". (4)

As façanhas humanas também têm os seus paradoxos, basta compararmos os moldes da vida de Cleuza e Amorim com as atitudes de Gail Posner, uma socialite americana que dividia uma mansão de sete quartos em Miami com sua cadela e mais dois cães. Posner faleceu aos 67 anos e no testamento veio à tona a divisão de bens. À cadela coube a posse do imóvel, no valor de US$ 8,3 milhões, e um fundo de US$ 3 milhões (pasme!). Leona Hemsley, outra magnata de Nova York, deixou um fundo de investimento no valor de US$ 12 milhões para Trouble, sua maltesa e excluiu os netos do testamento.

Analisemos a psicose da bilionária apresentadora de tevê Oprah Winfrey, que reservou US$ 30 milhões de sua fortuna para seus vários cachorros. A cadela da atriz Drew Barrimore deve herdar a casa da atriz, avaliada em US$ 3 milhões. A

condessa alemã Karlotta Liebenstein deixou US$ 194 milhões para o pai de Gunther IV, o pastor alemão Gunther III, em 1992. O cachorro morreu e o fundo em que o dinheiro ficou aplicado tem hoje US$ 372 milhões.

Se fôssemos praticantes dos códigos do bem, inexistiriam fatos tão insensatos e aberrações comportamentais quais as heranças para seres irracionais, a guerra do crack, sequestros, a prostituição, a poligamia, a traição, a inveja, o racismo, as inimizades, a tristeza, a fome, a ganância e as guerras. Não depararíamos com pessoas perambulando pelos logradouros, embriagadas, sujas, cabelos desgrenhados, roupas sebentas, catando comida no lixo ou esmolando um pedaço de pão.

Para mudança dessa funesta panorâmica é urgente a prática da mensagem do Cristo. O Evangelho é o medicamento poderoso, o mais seguro para a redenção social, que, se Deus quiser, haverá de penetrar em todas as consciências humanas, como um dia penetrou no desprendimento de Vicente de Paulo, na admirável solidariedade de irmã Dulce, na amabilidade de Francisco de Assis, na soberana renúncia de Teresa de Calcutá, na doce ternura de Chico Xavier e nas equidades de Cleuza Aparecida e Luiz Amorim.

Urge aprendermos a fazer o bem irrestritamente, a fim de pronunciarmos o sereno brado de Paulo de Tarso: "Já não sou quem vive, mas o Cristo é quem vive em mim.” (5)

Somos convidados a exercitar o Evangelho nos diversos domínios da sociedade, porque a vida nos alerta que todos desencarnaremos um dia; entretanto, a forma de nos comportarmos dentro da fronteira berço-túmulo é da nossa livre opção. Por isso, podemos alcançar a sublimação com o simples querer, mas, sempre, movidos por uma fé calcada nas boas obras em favor do próximo como exemplificaram Luiz e Cleuza!

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, A Virtude ditado pelo Espírito François-Nicolas-Madeleine, Paris, 1863, item 8, Cap XVII, RJ: Ed, FEB, 2000

(2)disponível em

http://www.boanoticia.org.br/noticias_detalhes.php?cod_secao=1&cod_noticia=4893 acesso 25/07/13

(3) Idem

(4) disponível em

http://www.dfcriativa.com.br/espacosculturais/1391" acesso 25/07/13

(5) Gl 2,20

Família e religião, bases para uma juventude saudável

No atual estágio da sociedade, percebemos que a juventude está assustadoramente atormentada, sem alicerces morais desejáveis, sem perspectiva e com profundas influências da violência e erótica dos tempos cibernéticos. Cientificamos que jamais um jovem teve aproximação tão intensa com mensagens de brutalidade e apelo sensualistas como nos tempos atuais, sobretudo, em função do mau uso da rede Mundial de computadores (Internet). Em razão desse fenômeno psicossocial, vaga sem rumo, atordoado, confundindo liberdade com liberalidade ou libertinagem, menoscabando o legítimo conceito do amor.

Como resultado da instabilidade, crescem os distúrbios psicológicos, o que explica, em parte, o crescente índice de violência e prostituição, além de muitos abortos provocados, por se considerarem proprietários dos corpos que a vida lhes empresta.

É de suma importância o jovem entender que a mudança repentina e drástica que ocorre na sua organização íntima e, consequentemente, no seu corpo físico, especialmente no que diz respeito à função sexual, é a Mãe-Natureza, preparando os primeiros passos para o seu autoconhecimento. Esse período remete o jovem a verdadeiras crises existenciais de identidade, de contestação de valores, decorrentes das mudanças físicas, comoções da carga erótica, psicológicas e cognitivas, tudo ao mesmo tempo. A tecnologia, em que pese as benesses que propiciou ao homem atual, criou os mais complexos meios de propagação dos seus escopos que, associando-se à ausência de um compromisso com a questão moral, gerou um vasto mecanismo de publicidade em torno das fraquezas juvenis, mormente as ligadas ao sensualismo, tisnando a estrutura mental da juventude desprevenida.

É mister o enfrentamento dessa experiência com muita

seriedade, para não desencadear os fatores depressivos de quem busca, apenas, o prazer imediato, pois, no adolescer, as emoções se confundem, como vetores de significativas alternâncias de humor e sentimentos. É nesse período que o indivíduo reassume sua integral condição, apresentando, a partir daí, todas as variáveis dos defeitos e virtudes. É o Espírito que retoma sua natureza e se mostra como ele era em vidas anteriores.

Em face desses fenômenos, cremos que a religião desempenha um papel fundamental na formação moral e cultural do adolescente. Com o sentimento religioso, haure novas forças para a vida, desperta a consciência de si mesmo e, a partir daí, começa o amadurecimento dos valores significativos, que lhe serão incorporados, em definitivo, estabelecendo-lhe fórmulas seguras de comportamento para toda a existência.

Quando o adolescente não encontra os significados da sua religiosidade, torna-se amargo e inabilitado para arrostar os desafios, fugindo, com facilidade, para a rebeldia ou a malícia, que são, invariavelmente, portas de acesso à delinquência e ao desespero.

O Espiritismo, propagando e explicando temas como a reencarnação e a imortalidade da alma (sobrevivência à morte física), demonstra que a luta é o clima ideal da vida e ninguém cresce sem a enfrentar. É urgente que o jovem exercite a introspecção (viagem para dentro de si mesmo), a fim de que possa aprender a se conhecer e, em se conhecendo, aprender a se amar e a se perdoar, espontaneamente.

Um jovem sem Deus, que não concebe a importância da religiosidade e que não dá valor à família, fica muito vulnerável às sugestões do mal, e, consequentemente, desperdiça tempo valioso quanto ao seu crescimento espiritual. Quaisquer que sejam as investidas na recondução do bem, se não aprender a administrar seus conflitos no seio da família, dificilmente saberá se ajustar na sociedade que o cerca.

A Doutrina Espírita não propõe soluções específicas, reprimindo ou regulamentando cada atitude, nem receita fórmulas miraculosas de bom comportamento aos jovens.

Prefere acatar, em toda sua amplitude, os dispositivos da lei divina que asseguram, a todos, o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente de seus atos (causa e efeito).

Os pais espíritas devem ensinar a tolerância, porém, sem desdenhar a advertência enérgica, quando necessária, no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos. Devem ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. A missão dos pais espíritas, principalmente da mãe, resume-se em dar sempre o amor de Deus, que pôs no coração delas a sagrada essência da própria vida humana.

Os filhos, quando muito pequeninos, registram, em seu psiquismo, todas as atitudes dos pais, tanto as boas quanto as más, manifestadas na intimidade do lar. Por isso, os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscar diálogos abertos com os filhos, sobretudo, apontando-lhes os riscos das estradas da vida e amando com ardor, independentemente, de como se situam na escala evolutiva, ou seja: sejam filhos pródigos, sejam filhos-problemas, sejam filhos normais.

É importante que os pais ensinem seus filhinhos amados a manterem permanente vigilância pela oração, embasada numa fé raciocinada e, também, estimulá-los à ação altruística em favor do próximo. Mediante tais estímulos, os jovens estarão mais identificados com as suas mais elevadas aspirações e aptos a construírem um mundo melhor.

Um obreiro na cúria romana, oremos a fim de protegê-lo

O papa Francisco é, sem dúvida, um aguerrido e alumiado proletário de Jesus. O portal "Mundo História", da Espanha, divulgou uma preleção poderosa do "Santo papa" que está ecoando em todo o mundo católico. Dentre outras lúcidas declarações, destacamos: "não há fogo no inferno, Adão e Eva não são reais" (1). Os postulados doutrinários que afrontam a razão e a natureza excelsa de Deus, mantidos pela Igreja romana, estão sendo reavaliados pelo brilhante Sumo Sacerdote.

Diz o papa que "a igreja já não acredita em um inferno literal, onde as pessoas sofrem. Essa doutrina é incompatível com o amor infinito de Deus. Deus não é um juiz, mas um amigo e um amante da humanidade. Deus nos procura não para condenar, mas para abraçar". Afiança Francisco o seguinte: "como a história de Adão e Eva, nós vemos o inferno como um artifício literário. O inferno é só uma metáfora da alma exilada, que, como todas as almas em última análise, estão unidos no amor com Deus.". (2)

Nos últimos meses, os cardeais, bispos e teólogos católicos têm debatido na Cidade do Vaticano sobre o futuro da Igreja e da redefinição das doutrinas católicas e seus dogmas. Para Francisco, "a verdade religiosa evolui e muda. A verdade não é absoluta ou imutável. Deus habita em nós e em nossos corações.". (3)

Afirmou o Pontífice que "algumas passagens da Bíblia estão desatualizadas", lembrando que algumas "passagens bíblicas induzem para intolerância ou julgamento." (4) E com base em nossa nova compreensão teológica, o papa ainda diz que é "importante abrir as portas para as mulheres, ordená-las como cardeais, bispas e sacerdotes. E tem esperança que um dia um papa feminino não permita que qualquer porta que está aberta para um homem seja fechada para uma mulher.". (5) **Como**

diz o jargão italiano "se non é vero... é ben trovato" ou seja "se não é verdade, foi muito bem contado".

Nossa razão se recusa a alcançar a lógica de uma pessoa com adequada formação acadêmica, teológica etc., doutores, enfim, que acreditem em dogmas. Certo dia, andando pelas ruas de Brasília, por curiosidade, parei diante de um cartaz, afixado em um ponto de ônibus, com o seguinte aviso: ALMAS PERDIDAS E TORTURADAS PARA SEMPRE O INFERNO EM CHAMAS, 11.000 GRAUS CENTÍGRADOS E NEM UMA SÓ GOTA D'ÁGUA. O anúncio divulgava um filme que seria exibido numa igreja local. Era um documentário produzido por uma instituição norte-americana registrando "exatamente" como era o Inferno. Pasme!...

O Espiritismo é concessão divina para que enfrentemos as comoções provocadas pelas teologias caducas. As doutrinas que defendem a tese do Inferno (penas eternas), Céu (salvação), Adão, Eva etc., difundem germens danosos contra a emoção e a razão do homem. Acreditar que o "bonzinho" vá viver por toda a eternidade de contemplação, à espera do Céu beatífico, é conceber uma vida fastidiosa, após a morte. Houve época em que a crença mais comum era a de que havia sete céus - daí a expressão "estar no sétimo céu" para exprimir a perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, enquanto que o astrônomo Ptolomeu, que viveu em Alexandria, no século II, contava onze céus, e a teologia romana admite três céus.

Graças a Nicolau Copérnico, no século XV, foi dado um grande passo em direção à moderna Astronomia, destruindo as teorias geocêntricas ptolomaicas. No século XVI, Kepler, em sua obra intitulada Mistério Cosmográfico, seguindo o sistema de Copérnico, descobre a verdadeira órbita dos planetas. Galileu, com as pesquisas de Kepler, criou a mentalidade da Cosmografia Científica, abrindo espaço para a síntese newtoniana - base de toda a teoria astronômica. Isaac Newton, no século XVII, aplicou os princípios da mecânica aos fenômenos celestes, e pelas leis de Kepler deduziu a lei da Gravidade Universal, afirmando que quanto maior o corpo, menor a sua queda. Graças a isso é que se dá o equilíbrio entre

os astros.

Hoje, a Ciência tenta explicar com segurança a formação das galáxias, das estrelas. Temos conhecimento de que existem cem bilhões de sóis na Via Láctea, e mais de cem milhões de galáxias configurando os planos do Universo de Deus, desafiando a inteligência humana.

O famigerado cartaz dos "11.000 GRAUS CENTÍGRADOS E NEM UMA SÓ GOTA D'ÁGUA" é a entronização do inferno, dramatizado pelos escritores Virgílio e Homero na Grécia antiga, que acabou sendo o modelo do gênero e se perpetuou no seio cristão, onde teve os seus poetas plagiadores. Ambos têm o fogo material por base de tormento, porém, como sempre, a mitologia cristã exagerou na imagem do inferno. Se os pagãos tinham como suplícios individuais os tonéis das Danaides, a roda de Íxion e o rochedo de Sísifo, os cristãos têm para todos, sem distinção, as caldeiras ferventes. Kardec comenta um sermão pregado em Montpillier em 1860, em que o sacerdote citou: "caldeiras que os anjos levantam o tampo para assistirem os tormentos dos condenados sem remissão e Deus ouve-lhes os gemidos para toda a eternidade".

As tradições de diversos povos registram a crença em castigos para os maus e recompensa para os bons na vida além-túmulo, de conformidade com suas obras durante a vida terrena. Todavia, a tese que se fundamenta na existência de um inferno e na eternidade das penas não resiste à análise objetiva. O fogo eterno é somente uma figura de que o homem se utilizou para materializar a ideia do inferno, por considerar o fogo o suplício mais atroz e mais efetivo para punir almas pecadoras. O homem do século XXI não vê sentido lógico nessa tese.

Jesus Se utilizou da figura do inferno e do fogo eterno para Se colocar ao alcance da compreensão dos homens daquela época. Valeu-Se de imagens fortes para impressionar a imaginação de homens que pouco entendiam sobre coisas do espírito. Em muitas outras oportunidades, Ele enfatizou que o Pai é misericordioso e bom, e que todos que Deus Lhe confiara, nenhum se perderia.

A Justiça Divina não se manifesta para punir, mas para

redirecionar ao bem aquele que se desviou do caminho reto. Deus criou os seres para que progridam, continuamente. Essa evolução se produz pelas diversas experiências, boas e más, e o que nos serve de consolação é saber que o sofrimento não é eterno, como o mal também não é.

No Universo de Deus não há lugar reservado para o inferno eterno, muito menos para o inferno em chamas. André Luiz nos fala, sim, sobre o Umbral, onde vivem seres inferiores em evolução, mas que esse lugar não se assemelha ao inferno na tradicional acepção teológica. No Umbral, os seres que lá se agrupam estão sujeitos também à lei do progresso, pois graças aos mecanismos da reencarnação, todos vão se ajustando gradualmente às Leis de Deus.

Tornando a citar o empenho do brioso papa, lembremos que ele já revelou outras opiniões polêmicas que a própria Cúria logo desmentiu. As afirmações que citamos acima atribuídas a ele, parece que foram inventadas de forma satírica o que não invalida a abordagem da temática sob o enfoque espírita.

Papas progressistas sempre foram problemas para o Vaticano. Na obra A Caminho da Luz Emmanuel narra sobre o papa Clemente XIV, quando tentou extinguir a Companhia de Jesus, em 1773, com o seu breve "Dominus ac Redemptor". Exclamava desolado:" "Assino minha sentença de morte, mas obedeço à minha consciência". Com efeito, em setembro de 1774, o grande pontífice entregava a alma a Deus, em meio dos mais horrorosos padecimentos, vitimado por um veneno que lhe apodreceu lentamente o corpo." (6)

Estão muito nítidas as ameaças contra Francisco e não é à toa que ele tem implorado orações para sua alma, seguramente por ter consciência de que é "UM ESTRANHO NO NINHO", e está sob a mira de uma falange de chefes das trevas (encarnados e desencarnados) que estão engendrando fórmulas letais (peçonhas) para expulsá-lo do corpo físico, trucidá-lo, precisamente como fizeram com os papas Clemente XIV e João Paulo I. Alguém duvida? Oremos pois, pelo papa mais inteligente da história da igreja romana.

Referências bibliográficas:

(1) Foi recentemente nomeado o "Homem do Ano" pela revista "TIME"

(2) Tradução livre do site espanhol "Mundo História", conforme link http://www.mundohistoria.org/temas_foro/religi-n-filosofia-pensamiento/no-hay-fuego-infierno-ad-n-eva-no-son-reales-expone-papa-f acesso 04/02/2014

(3) Idem

(4) Idem

(5) Idem

(6) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, cap. XX, Publicação original em 1939 pela: Editora FEB, www.febnet.org.br, Versão digital em 2011 – Brasil

Breve reflexão sobre o papel da mulher no mundo

A imprensa internacional noticiou recentemente que as mulheres reivindicam a possibilidade de dirigir veículos automotivos na Arábia Saudita. Destaca-se que ativistas iniciaram uma campanha para que elas consigam a permissão de dirigirem nas avenidas e ruas sauditas. Esse tipo de comportamento nos remete aos obscuros cenários medievos. Que absurdo! Em pleno Século XXI, ainda temos que conviver com essa situação discriminatória contra a mulher.

Há, atualmente, uma ingente luta da mulher (cada qual na sua atividade, no seu dia a dia) no sentido de obter um espaço digno na sociedade, visando o seu crescimento como pessoa. A busca de novos caminhos profissionais para a mulher, hoje, toma conta de quase todas as famílias, em função, também, das novas necessidades que, a cada dia, surgem na nossa civilização. Porém, nem sempre foi assim. Segundo as Escrituras, "a mulher é responsável pela proscrição do homem; ela perde Adão e, com ele, toda a Humanidade; atraiçoa Sansão". Uma passagem do Eclesiastes a declara "uma coisa mais amarga que a morte". O casamento mesmo parece um mal: "(...) os que têm esposas sejam como se não as tivessem" - exclama Paulo aos Colossenses, aos Efésios.

Realmente, houve um período mais obscuro em que o cristianismo "oficial" não compreendeu a mulher. Seus representantes (monges e padres), vivendo no celibato, longe da família, não poderiam apreciar o poder e o encanto desse delicado ser, em quem enxergavam, antes, um perigo. Em contrapartida a esse cruel tratamento da igreja, a mulher era considerada "sacerdotisa nos tempos védicos; ao altar doméstico, era intimamente associada; no Egito, na Grécia, na Gália, às cerimônias do culto; por toda parte, era a mulher objeto de uma iniciação, de um ensino especial, que dela faziam um ser quase divino, a fada protetora, o gênio do lar, a

custódia das fontes da vida". (1)

A situação da mulher, na civilização contemporânea, ainda é difícil e bastante sofrida. Como vimos no noticiário acima, nem sempre a mulher tem, para si, os direitos e as leis; muitos perigos a cercam. Se ela titubeia, sucumbe; normalmente não se lhe estende mão amiga, e o que é pior, a corrupção dos valores morais faz, da mulher, a vítima do momento. Porém, a Doutrina Espírita restitui à mulher seu verdadeiro lugar na família e na obra social, indicando-lhe a sublime função que lhe cabe desempenhar na educação e no adiantamento da Humanidade.

O Espiritismo a atrai e lhe satisfaz as aspirações do coração, as necessidades de ternura, que estendem para além do seu círculo de vida física. Daí a necessidade de desenvolver na mulher, além dos poderes intuitivos, suas admiráveis qualidades morais, o esquecimento de si mesma, o júbilo do sacrifício, ou seja, o sentimento dos deveres e das responsabilidades inerentes à sua missão sublime. "A mulher tem que se fazer borboleta; ela tem que sair do seu casulo; e reconquistar seus direitos, que são divinos; como a falena, lançar-se na atmosfera e reencontrar o clima de seu justo valor. Até porque, se o agente educador por excelência for reduzido ao estado de nulidade, a sociedade vacilará. É o que deveis compreender no século dezenove". (2)

O Espiritismo defende a tese de que "são iguais perante Deus, o homem e a mulher, e têm os mesmos direitos, pois ambos possuem a faculdade de progredir" (3) e se, em alguns países, a mulher é considerada inferior, isso é resultante do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito. (4) Mas, "as funções, para as quais a mulher é destinada pela Natureza, terão importância tão grande quanto às destinadas ao homem, e maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida". (5) Assim sendo, "uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher, embora com funções diversas. Pois é preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete.

Ocupe-se do exterior, o homem e, do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão". (6)

Com muita razão, "a lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto, nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos". (7)

No passado recente, a mulher não tinha voz, não tinha vontades e acreditavam que sequer tinha alma. Este tema foi até discutido num concilio, no ano 585, quando não apenas discutiam se a mulher teria alma, mas também diziam que a natureza da mulher era má, era culpada de males, porque (como vimos mais acima), na Bíblia consta que ela é que aceitou a sugestão da serpente e desviou Adão da obediência a Deus. Como reação a essa milenar subjugação da mulher, atualmente ocorrem extremismos preocupantes em sua estrutura psicológica. A miséria, as lágrimas, a prostituição, o suicídio - tal é o destino de grande número de infelizes mulheres em nossas sociedades opulentas e materialistas. Muitas mulheres radicalizam. O seu corpo é considerado só dela, ela faz o que bem entende, não deve nada a ninguém. O desafio está posto. O desafio é encontrar o meio termo, o ponto certo, o equilíbrio momentâneo para a mulher moderna. Portanto, ser mulher e ser mãe são desafios cotidianos a serem enfrentados.

Há dois mil anos, Jesus propôs dar à mulher uma condição de "status" social igual a do homem. Em verdade, "dela provém a vida; e ela a própria fonte desta, a regeneradora da raça humana, que não subsiste e se renova, senão, por seu amor e seus ternos cuidados". (8) "Todo inócuo argumento machista de a mulher ser apenas a sombra do marido, procriadora por excelência, objeto de prazer ou apenas alguém que tome conta da casa, é evidente que precisa ser aclarado e desfeito, por ser fenômeno extemporâneo". (9) Concebemos até, que a mulher

deva reduzir, o quanto lhe for possível, o tempo gasto no trabalho profissional e se esforce mais na tarefa da educação de seus filhos, preferindo ganhar um pouco menos em valores materiais e potencializando seus tesouros espirituais. Sabemos que atualmente não está fácil essa tarefa, pois "a sociedade se curvou ante o consumismo materialista, sequestrando a mulher do lar para enclausurá-la nas funções hodiernas, às vezes, subalternas a sua grandeza e, quase sempre, estranhas à sua natureza". (10)

A administração de uma família, atualmente, é tarefa extremamente importante. Dentro dessa pequena república, há o fator econômico, as regras, a disciplina, o zelo, as tradições e a responsabilidade da formação moral e intelectual dos filhos. "A mulher deve conciliar o papel de mãe e esposa, por vezes, deixado um pouco de lado. Por isso, é importante não permitir que a competição do casal, as pressões do status, do dinheiro e do destaque sociais roubem o equilíbrio que a felicidade da família requer". (11)

Nada mais justo que a luta pela causa de maior liberdade e direito para ela. Afinal, na Ordem Divina não há distinção entre os dois seres. Porém, urge muita cautela. Os movimentos feministas, embora tenham seu valor, costumam cair no radicalismo, querendo fazer da participação natural uma imposição. Muitas vezes, em seus intuitos, ao lado de compreensíveis pleitos, enuncia propósitos que fariam da mulher, não mais mulher, mas arremedo do homem.

Em sintonia com os pleitos femininos, atualmente, nas hostes espíritas, observa-se a mulher, não apenas trabalhando como médium no campo da mediunidade, mas, também, encontramo-la dialogando com os espíritos, dirigindo reuniões mediúnicas, instruindo e preparando novos trabalhadores no campo da mediunidade, escrevendo para esclarecer e orientar a prática mediúnica. É o Espiritismo, esta abençoada doutrina que nos permite isso. Ela, não apenas nos ilumina individualmente, nos consola e nos alenta, mas, também, enseja que estejamos encarnados como homens ou como mulheres, nos "somemos os nossos esforços" e, juntos, continuemos a realizar o sublime intercâmbio espiritual, respeitando, sobretudo, a "condição" do

espírito que encarna, seja ela qual for.

Referências bibliográficas:

(1) DENIS, Léon. Cristianismo e Espiritismo. RJ: Ed Feb, 2008.

(2) Kardec, Allá. Revista Espírita ano III número 12, dezembro de 1860, Comunicação do Espírito de Alfred de Musset (1810-1857 poeta e romancista francês).

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2001, questão 817

(4) idem, questão 818.

(5) idem, questão 821.

(6) idem, questão 822.

(7) idem, questão 825.

(8) Hessen, Jorge. DEUS ABENÇOE TODAS AS MULHERES DO MUNDO, artigo publicado em 21.01.07, disponível no site

(9) idem

(10) idem

(11) idem

Preconceitos de raça... raça?... que raça?

O atleta Paulão, que defendeu a equipe do Gama aqui de Brasília, sofreu o insulto de racismo por alguns torcedores do Betis, na Espanha. O ex-lateral-esquerdo da seleção brasileira Roberto Carlos saiu agastado de campo, durante uma partida, logo após torcedores russos jogarem uma banana em campo. Em 2005, durante partida da primeira fase da Libertadores, o atacante são-paulino Grafite acusou o zagueiro Leandro Desábato de chamá-lo de "macaco". (1) Na Semana passada, o jogador Tinga, do Cruzeiro, foi humilhado pela torcida do Real Garcilaso, que fazia coro (imitando voz de macaco) toda vez que o atleta tocava na bola, durante o jogo realizado no estádio de Huancayo, no Peru.

Em que pesem as atuais e severas leis anti-racistas, o racismo continua a ser um grave problema em muitos países, mesmo onde teoricamente não existe, como no caso dos EUA (sobretudo nas zonas do Sul). A crise econômica e a pressão demográfica costumam ser motivo de problemas raciais mais ou menos graves, como sucede na Grã-Bretanha com os imigrantes, na França com os norte-africanos, na Alemanha com os turcos ou na Espanha com a população cigana e os trabalhadores negros ilegais.

Porém, sem dúvida alguma, o racismo brasileiro, ainda escamoteado e acobertado pelo mito da "democracia racial", é um estigma, uma nódoa presente na mente dos brasileiros, e que faz parte do cotidiano de todos nós. Diante d'Ele, todos são iguais. Valendo-se, ao mesmo tempo, da possibilidade de anonimato e do alcance a milhões de internautas, o racismo tem se espalhado de maneira intensa pelo mundo digital. No Brasil, a divulgação do racismo, mesmo pela internet, significa crime, conforme é caracterizado pela legislação brasileira. A Constituição de 1988 tornou a prática do racismo crime sujeito a pena de prisão, inafiançável e imprescritível.

Os brasileiros atualmente mostram-se, aparentemente, menos preconceituosos do que há duas décadas. Contudo, reconhecemos o preconceito no outro, mas não em nós mesmos. Ou, como já definiu a historiadora da USP, Lilia Moritz Schwarcz, "todo brasileiro se sente como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados". (2) É preocupante constatar que a ambivalência se mantém. Parece que os brasileiros jogam, cada vez mais, o preconceito para o outro.

Para a ciência contemporânea, o conceito de raça é abstrato e agressivo, pois raças humanas não existem como entes biológicos. É agressivo porque a concepção de raça tem sido usada para abonar discriminação, opressão e barbaridades. "As raças não existem, mas a mentalidade relativa às raças foi reproduzida socialmente". (3)

A afirmação das raças biológicas multicoloridas tem sido cada vez mais rejeitada pela genética. Os pesquisadores descobriram que a natureza genética de todos nós é idêntica o bastante para que a mínima porcentagem de genes que se caracterizam na aparência física, cor da pele etc., invalide a composição da sociedade em raças. Isso porque o acanhado número de genes desiguais está comumente conectado à adequação do indivíduo ao tipo de meio ambiente em que vive. Todas as raças provêm de um só tronco – o Homo sapiens – portanto o patrimônio hereditário dos humanos é comum.

Atualmente, ramos do conhecimento científico como a Antropologia, História ou Etnologia preferem o uso do conceito de etnia para descrever a composição de povos e grupos identitários ou culturais. Nacionalistas do final do século XIX foram os primeiros a abraçar os discursos contemporâneos sobre "raça", etnicidade e "sobrevivência do mais forte" para moldar novas doutrinas nacionalistas.

No texto intitulado "Frenologia espiritualista e espírita – Perfectibilidade da raça negra" (4), Kardec faz uma espécie de releitura dessa "ciência", com um enfoque espiritualista, demonstrando que o "atraso" dos negros [habitantes da África à época] não se deveria a causas biológicas, mas por seus espíritos encarnados ainda serem, relativamente, jovens.

No bojo da literatura basilar da Terceira Revelação, o Codificador ressalta que "na reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade". (5) Ante os ditames da pluralidade das existências, ainda segundo Kardec "enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerarem-se membros de uma grande família". (6)

A verdade é que nos grandes debates de cunho sociológico, antropológico, filosófico, psicológico etc., o Espiritismo provocará a maior revolução histórica no pensamento humano, conforme está inscrito nas questões 798 e 799 de O Livro dos Espíritos, sobretudo quando ocupar o lugar que lhe é devido na cultura e conhecimento humanos, pois seus preceitos morais advertirão os homens da urgente solidariedade que os há de unir como irmãos, apontando, por sua vez, que o progresso intelecto-moral na vida de todos os Espíritos é lei universal e tendo por modelo Jesus, que, ante os olhos do homem, é o maior arquétipo da perfeição que um Espírito pode alcançar. (7)

Com a Mensagem de Jesus compreendemos que na Terra há uma só raça: a raça humana. Caucasianos, africanos, indianos, árabes, judeus, asiáticos, não são de diferentes raças, são apenas de diferentes etnias, no esplêndido reino dos seres racionais.

Referências bibliográficas:

(1) http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/brasileiro-sofre-racismo-da-propria-torcida-na-espanha acesso 15/02/2014

(2) http://zelmar.blogspot.com.br/2010/09/todo-brasileiro-se-sente-uma-ilha-de.html aceso em 22/07/13

(3) Disponível em http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2013/02/05/ciencia-busca-explicacoes-sociais-e-biologicas-para-explicar-o-preconceito.htm

(4) Publicado na Revista Espírita, artigo "Frenologia espiritualista e espírita – Perfectibilidade da raça negra", de abril de 1862

(5) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2002, pág. 31.

(6) Idem págs. 415-416.

(7) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2003, parte 3ª, q. 798 e 799, cap. VIII item VI - Influência do Espiritismo no Progresso

Adultérios nas redes sociais, numa reflexão Kardecista

Chegaram no Brasil algumas redes sociais com propostas gritantes: promover a infidelidade conjugal. São 12 milhões de usuários ao redor do mundo. Em nosso país, já há mais de 500.000 pessoas (70% são homens) interessadas em aventuras promovidas pelos mecanismos próprios desses sites, que faturam não poucos milhões de dólares por ano. Cerca de 60% das mulheres revelaram ter sido infiéis a namorados ou maridos. Entre os homens, o valor é ainda maior: 70%.

A ideia de instituir ambientes virtuais dessa natureza surgiu há uma década, através do canadense Noel Biderman, criador do Ashley Madison, que deve faturar 60 milhões de dólares em 2011. De acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Tendências Digitais, a "Pátria do Evangelho" paradoxalmente registra os maiores índices de infidelidade.

Por que será que o mundo virtual vem fascinando mais do que a vida que se levava 20 anos atrás? Permanecer neste mundo quimérico, seduzidos pelas ondas eletromagnéticas da Internet, diante de um monitor, será por receio? Timidez? Acanhamento? carência de amor próprio? Incerteza? Carência? Solidão? Ou será tolo encantamento, necessidade de aventuras, realização de feitos inenarráveis, ultrapassar limites, provocar reações e escândalos...?

Assim como há depravados nas drogas, no jogo e no tabaco, há internautas que passam horas a fio nas redes sociais, fato que vários grupos de especialistas americanos consideram um problema psiquiátrico. "Só no Brasil o número de internautas é de aproximadamente 75,5 milhões." (1) A Internet oferece, sem dúvida, extremos perigos quando veicula cenas reais de apelos eróticos, de violências nos joguinhos "infantis" etc. Por outro lado, não podemos desconsiderar que a Internet está presente nos hospitais, nos tribunais, nos ministérios, nas agências bancárias, nos supermercados, nas

lojas, nas escolas, na segurança de nossas casas e empresas; enfim, permite fazer uma movimentação bancária, compras, observar nota na escola, realizar trabalhos escolares e profissionais, pesquisas. Eis aqui alguns dos exemplos de como estamos mais envolvidos com a informática do que se possa imaginar.

Na era da cibernética, da robótica, "vivemos épocas limítrofes nas quais toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado."(2)

Estamos num estágio social em que o mundo virtual é quase o real, mas ele nos surge como sonho. Alguns sonham com cuidado, outros se perdem nos cipoais dos delírios oníricos. Em todos esses estágios há o perigo disso virar pesadelo. Esse é o preço que a sociedade contemporânea paga pelo avanço da Tecnologia da Informação (TI), apesar de muitos cidadãos ainda não terem se dado conta de que seus atos pelas vias virtuais estão estabelecendo desastres morais de consequências imprevisíveis. Vejamos: a questão aqui colocada como inquietante é o adultério ocorrido pelas ferramentas virtuais, desaguando quase sempre na vida real.

Para refletirmos sobre o adultério, recorramos à sentença do Cristo que assevera: "atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado."(3) Esta sentença faz da indulgência um dever para nós outros porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. "Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita."(4)

O Espírito Emmanuel explica que "é curioso notar que Jesus, em se tratando de faltas e quedas, nos domínios do espírito, haja escolhido aquela da mulher, em falhas do sexo, para pronunciar a sua inolvidável sentença."(5)

Para Emmanuel, "dos milenares e tristes episódios afetivos que reverberam na consciência humana, resta, ainda, por ferida sangrenta no organismo da coletividade, o adultério que, de futuro, será classificado na patologia da doença da alma, extinguindo-se, por fim, com remédio adequado." Considerando as aberrações propostas pelas redes sociais, urge considerar que o "adultério ainda permanece na Terra, por instrumento de prova e expiação, destinado naturalmente a desaparecer, na equação dos direitos do homem e da mulher, que se harmonizarão pelo mesmo peso, na balança do progresso e da vida."(6)

Em verdade, quando respeitarmos os sentimentos alheios, "para que o amor se consagre por vínculo divino, muito mais de alma para alma que de corpo para corpo, com a dignidade do trabalho e do aperfeiçoamento pessoal luzindo na presença de cada uma, então o conceito de adultério se fará distanciado do cotidiano, de vez que a compreensão apaziguará o coração humano e a chamada desventura afetiva não terá razão de ser."(7)

Auscultemos nos recessos profundos da consciência a oportuna advertência dos Benfeitores espirituais, lembrando-nos que diante de toda e qualquer desarmonia do mundo afetivo, seja com quem for e como for, coloquemo-nos, em pensamento, no lugar dos acusados, analisando as nossas tendências mais íntimas e, após verificarmos se estamos em condições de censurar alguém, escutemos, no âmago da consciência, o apelo inolvidável do Cristo: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.(8)

Referências bibliográficas:

(1) Últimas atualizações do Ibope/NetRatings.

(2) Pierre Lévy - As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

(3) João 8:7.

(4) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1977, item 13, do Cap. X.

(5) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro, 1972, Ed. FEB, cap. 22.

(6) Idem.

(7) Idem.

(8) João 15:12.

Sacrifícios de animais nos laboratórios é uma parvoíce "Científica"

Recentemente, ativistas invadiram o Instituto Royal localizado no estado de São Paulo e resgataram centenas de cachorros da raça beagle e vários coelhos mantidos em gaiolas do instituto. O protesto foi contra o uso dos animais em testes feitos para empresas farmacêuticas. Embora o Instituto Royal tenha permissão legal para o uso de animais em estudos "científicos", é evidente que os animais eram também alvo de mutilações.

Para a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) os ativistas desconhecem a "importância" do uso de animais para o desenvolvimento de novos medicamentos e tratamentos para o ser humano e para outras espécies. Mas, segundo a Anvisa, há dois anos houve um acordo de cooperação com o Centro Brasileiro de Validação de Métodos Alternativos (BRACVAM), ligado ao Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS-Fiocruz), para que sejam utilizados métodos alternativos à pesquisa que dispensem o uso de animais.

Será que uma pessoa sensata tem alguma dúvida de que os testes em laboratórios causam sofrimento, ferimentos e transtornos psicológicos nos animais? Não é justo os animais sofrerem com os testes para a obtenção de medicamentos e produtos que supostamente "beneficiarão" o homem. A estupidez atinge o seu grau máximo quando os defensores dessa prática "científica" dizem que os experimentos com animais beneficiam os próprios animais, pois são usados no desenvolvimento de rações, vacinas e medicamentos veterinários.

Desde a antiguidade, pesquisadores valem-se de animais (cobaias) para testes "científicos" e ensaios das mais diversas espécies. O coelho foi uma das primeiras espécies utilizadas em

pesquisas e atualmente camundongos e rãs são os preferidos para experiências de laboratório. Será que esses “cientistas” desconhecem que o organismo de um animal não é o mesmo que o nosso? Será que esqueceram o grande fracasso do século XX - A TALIDOMIDA, que foi testada em animais e depois colocada no mercado?

O experimento em animais é um método bestial, e por isso mesmo antiético e completamente destituído de validade científica. Sabemos que aproximadamente um terço dos doentes com problemas renais crônicos destruíram sua função renal tomando analgésicos considerados seguros depois de aplicados em animais. Todos os medicamentos tóxicos retirados do mercado por exigência dos órgãos de saúde foram testados antes em experiências com animais.

Existem importantes movimentos de proteção animal que resistem para findar com a vivissecção (ato de dissecar um animal vivo com o propósito de realizar estudos de natureza anatomo-fisiológica). Os avanços em biotecnologia já permitiram substituir os animais por computadores ou tubos de ensaio. Em diversos campos estão sendo utilizados processos alternativos, como in-vitro, com culturas celulares. As células tronco já são uma alternativa e vão ser decisivas na substituição das cobaias. Pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desenvolveram um programa de computador que pode substituir o sacrifício de animais durante as aulas de fisiologia. O programa pode substituir o uso de animais nas aulas práticas de Fisiologia e Biofísica ministradas nos cursos de Medicina, Ciências Biológicas, Enfermagem e Educação Física.

Apesar de milhões de animais torturados e mortos, a dissecação anatômica não conseguiu obter um resultado frente às epidemias do nosso tempo. Ante a falácia de que os animais são utilizados em benefício da saúde humana, devemos nos lembrar que eles são seres vivos que sentem dor e que sofrem, por isso somos responsáveis por eles. Como é que experiências toxicológicas – durante as quais os animais são envenenados de forma mais ou menos rápida – podem ocorrer sem tortura e dor, sem sofrimento terrível para o animal infligido? São muitas

as experiências que representam para o animal um sofrimento atroz, que normalmente culmina com a morte.

A ética na experimentação com animais é uma preocupação muito antiga, fundamentando-se na necessidade de conscientização de que o animal é um ser vivo, que possui hábitos próprios de sua espécie, inclusive o natural instinto de sobrevivência, sendo sensível à dor e à angústia. Ora, o que o Espiritismo explica sobre os animais? Eles têm alma? Progridem? Ou serão sempre animais? Eles sofrem? Os Benfeitores do Além afirmam que os animais não têm alma como nós humanos, mas têm um princípio espiritual que "sobrevive ao corpo físico após a morte" (1), ou seja, a alma dos animais "conserva, após a desencarnação, sua individualidade; porém, não a consciência de si mesma, apenas a vida inteligente permanece em estado latente." (2)

É bem verdade que o instinto domina a maioria dos animais; "mas há os que agem por uma vontade determinada, ou seja, percebemos que há certa inteligência animal, ainda que limitada." (3) Rememoremos que os bichos "não são simples máquinas, embora sua liberdade de ação seja limitada pelas suas necessidades, e, logicamente, não pode ser comparada ao livre-arbítrio humano. Os animais, sendo inferiores ao homem, não têm os mesmos deveres, mas eles têm liberdade sim, "ainda que restrita aos atos da vida material." (4)

Os animais pensam, mas não raciocinam; os animais têm memória, e recorrem a ela; aprendem com o acerto e com o erro, e não com o raciocínio. Evidentemente, não conseguem teorizar, abstrair, prever eventos, solucionar problemas, mas são, de fato, mais inteligentes do que imaginamos. Estão em processo de evolução e, nesse sentido, devemos considerar que possuem, diante do tempo, um porvir de fecundas realizações, e através de numerosas experiências chegarão um dia ao chamado reino hominal, como, por nossa vez, alcançaremos, no escoar dos milênios, a situação de espíritos puros.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed.

FEB, 2001, perg 597-a

(2) idem perg. 598
(3) idem perg. 592
(4) idem perg. 595

O impacto da pornografia na degradação dos valores morais

O léxico define a pornografia como ação ou representação que ataca ou fere o pudor, a moral ou os bons costumes. A sexualidade explícita e sugestiva tem uma longa história, é uma manifestação de "arte" ancestral. Há registros de imagem da nudez e da sexualidade humana na era paleolítica. (1) Arqueólogos alemães encontraram, em abril de 2005, um desenho de cerca de 7200 anos de um homem sobre uma mulher, sugerindo fortemente um ato sexual. A figura masculina foi batizada de Adônis Von Zschernitz, todavia, entendemos que a imagem descoberta tinha um significado, digamos, mais "místico".

Presentemente não há nada de espiritual na efígie pornográfica. O abuso de conteúdo erótico de fácil e rápido acesso na web e outros meios de comunicação permite que as pessoas sejam expostas regularmente à excitação da sexualidade e tem instituído na mente incauta uma visão distorcida da carga genésica. Quem duvida que a pornografia é a exaltação da prostituição? Infelizmente, há aqueles que sob o guante do delírio abonam a pornografia como sendo "boa para a sociedade". (2) (!?...)

Em verdade, o uso abusivo da erótica, de coisas consideradas obscenas, geralmente de caráter sexual (livro, revista, filme, novas mídias etc.) com intenção de provocar excitação sexual, também tem sido cada vez mais entronizado na arte cinematográfica. Atualmente a pornografia é uma indústria poderosa, que degrada e desumaniza homens e mulheres e movimenta quantias vultosas de dinheiro. "Estudiosos da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, acreditam que o uso excessivo de pornografia online está criando uma geração de "homens desajustados". O psicólogo Philip Zimbardo acredita que as pessoas estão criando "vícios

de excitação", deixando-as incapazes de conviver sadiamente no mundo real e desenvolver relacionamentos benfazejos, segundo reportagem do jornal Daily Mail(3).”

Pesquisas recentes indicam que um número expressivo de crianças e adolescentes são bombardeados com cenas erotizantes desde tenra idade e têm acesso às obscenidades frequentemente por meio das novas tecnologias. Sim! a Internet potencializou a indústria pornográfica, que fatura hoje pelo menos vinte vezes mais do que nas décadas de 1980 e de 1990.

Na web são aproximadamente 30 mil usuários por segundo acessando conteúdos eróticos; são mais de 1 bilhão (isso mesmo! 1 bilhão) de downloads de material pornográfico a cada mês. Há estudos demonstrando que em menos de quatro anos mais lares foram destruídos pela pornografia do que o comparativo dos últimos 50 anos. Isso acontece sem distinção de nacionalidade, cor, etnia ou credo religioso. A Pedofilia, por exemplo, considerada a mais grave infração permeada pela web, tem fortalecido um transtorno inigualável aos jovens e crianças. Alguns inescrupulosos negociantes da indústria do sexo usam métodos parecidos com o tráfico de drogas. Primeiro oferecem gratuitamente os conteúdos. Posteriormente começam a cobrar. Aliás, é desse jeito que o império das ilusões e da criminalidade tem florescido.

Tal como das drogas, o mercado pornográfico é um dos mais lucrativos mercados da história. Larry Flynt, empresário e dono do império Hustler, retratado por Milos Forman e Oliver Stone no filme "O povo contra Larry Flynt”, Bob Guccione, da revista Penthouse e Hugh Hefner, dono do Império Playboy, compõem alguns desses milionários da exploração da fantasia sexual. Obviamente, uma fatia gigantesca desse mercado é dominada pelo crime organizado.

Como se não bastasse toda essa degradação dos valores morais, atualmente nas telenovelas, igualmente a habilidade artística e o enredo abarcando os personagens, deram lugar à exposição de corpos desnudos e relacionamentos impregnados de volúpia erótica, que dão a conotação de cenas de sexo explícito; até mesmo nos programas vespertinos, dedicados a

um público entre infantil e adolescente as cenas são altamente apelativas.

A pornografia sugerida na mente é como o combustível junto à fogueira do desejo sexual primitivo, resultando em pensamentos e apelos instintivos desequilibrados. Tem um efeito crescente – qual uma droga, o viciado precisa de mais e mais para atender o indômito desejo. Sim, doentes e viciados, pois o mecanismo psíquico da pornografia é o mesmo do alcoolismo. Clínicas psiquiátricas e psicológicas, de atendimento a esses problemas (compulsão sexual), já estão sendo espalhadas pelo planeta. E terapeutas familiares têm travado um combate intenso nos lares.

Assim como um usuário de drogas é levado a consumir quantidades maiores e mais poderosas de entorpecentes, a pornografia arrasta o ser humano, levando-o a pesados vícios sexuais e desejos animalizados. Como se percebe, estamos diante de viciados do sexo que se expõem no tablado dos prazeres, na qualidade de servos ridículos em revistas de sexo explícito ou em filmes eróticos, desandando-se em ídolos da pornografia e da lubricidade hipocondríaca. "O meretrício de crianças e adolescentes se avulta, em face da fadiga dos corrompidos que exigem carnes novas para os apetites selvagens que os consomem. É compreensível que aumentem as estatísticas das enfermidades dilaceradoras como o câncer, a tuberculose, as cardiovasculares, a AIDS, outras sexualmente transmissíveis, as infecções hospitalares, dentre diversas, acompanhadas pelos transtornos psicológicos (4)."

As buscas das imagens eróticas criam um tônus de frequência mental em que se sintonizam espíritos em estado de desequilíbrios sexuais. Os obsessores mantêm a imagem da lascívia na mente, repetindo-a ininterruptamente para estabelecer um circuito de luxúria e conduzir de volta o obsedado à pornografia. Infelizmente a maioria das pessoas desconhece a intervenção espiritual na vida física. Contudo, essas influências são constantes em nossas mentes em forma de pensamentos e consequentemente em ações. Grande parte dos vícios humanos é potencializada por influências obsessivas e até subjugações espirituais, motivando amplos transtornos

para os viciados em fantasias pornográficas.

É uma perversão tão grave que tem destruído famílias e levado muitas pessoas a transtornos de complicada etiologia. A pornografia transforma os seres em objetos sexuais. Um levantamento na União Européia (UE), por exemplo, concluiu que 25% das pessoas com idade entre 9 e 16 anos já tinham visto imagens de cunho sexual. "E em 2010, uma pesquisa na Grã-Bretanha revelou que quase um terço dos jovens com idade entre 16 e 18 anos havia visto fotos de natureza sexual em celulares, na escola, mais de uma vez por mês. A National Association of Head Teachers (Associação Nacional de Diretores de Escolas) da Grã-Bretanha está fazendo uma campanha sobre o impacto da pornografia com o objetivo de que crianças e adolescentes sejam educados de maneira apropriada à idade". (5)

O tema proposto é gravíssimo. Muitos pais entram em pânico quando encontram pornografia no computador dos filhos. Sabem que pode ser um campo minado e muitos não sabem o que fazer ou o que dizer. Cremos que escolas, instituições religiosas e os pais devem trabalhar juntos, a fim de conscientizar as crianças, os jovens e os adolescentes sobre perigos que envolvem o aviltamento da sexualidade. Toda prudência se faz necessária quanto à conduta que temos diante dos filhos, pois facilmente criamos nelas uma boa ou má impressão. Tudo, até o próprio tom com que lhes falamos, em certas circunstâncias, pode influenciá-los. Deve causar surpresa o fato de neles se desenvolverem vícios dos quais se ignora a fonte? Uma criança pode aprender a doçura com pais que se deixam dominar pelas paixões? Pode adquirir sentimentos nobres com pais vulgares? Pode adquirir as virtudes sociais com pais que não as têm? Sem falar dos vícios mais palpáveis, está aí uma série de observações minuciosas que contribuem essencialmente para a formação do moral dos nossos filhos. Experimentamos na sociedade os reflexos das escolhas íntimas.

Ou modificamos as opções infelizes de comportamento ou reencarnaremos sob débitos, em face da soma das perversidades cunhadas e mantidas pela invigilância. Não podemos nos acomodar, nem sequer nos omitir ante a onda de

promiscuidades, pornografias e corrupção moral. "Pensamento é fermentação espiritual. Em primeiro lugar estabelece atitudes, em segundo gera hábitos e, depois, governa expressões e palavras, através das quais a individualidade influencia na vida e no mundo". (6) Nada justifica ficarmos indiferentes e imóveis diante do acelerado aniquilamento dos valores cristãos. Se descuidarmos da vigília, é certo que resgataremos obrigatoriamente à indiferença e inércia diante desse cenário preocupante do envilecimento do sexo.

Felizmente existe um divino Código que há dois mil anos vigora na Terra; Código que pode transformar o planeta quando exercitado entre os homens. Trata-se do Evangelho de Jesus. Inspiremo-nos Nele.

Referências bibliográficas:

(1) Refere-se ao período da pré-história que vai de cerca de 2,5 milhões a.C., quando os antepassados do homem começaram a produzir os primeiros artefatos em pedra lascada, até cerca de 10000 a.C.

(2)Disponível em
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130513_pornografia_beneficios_mv.shtml?s acesso 25/06/13

(3) Disponível em
http://tecnologia.terra.com.br/internet/pornografia-online-levara-homem-a-extincao-diz-professor,aafbfe32cdbda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html

(4) Mensagem psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na manhã de 19 de Maio de 2009, na residência de Josef Jackulak, em Viena Áustria. Em 24.05.2010. Disponível no site da Federação Espírita do Paraná disponível em http://www.feparana.com.br/cartao.php?msg=598&cat=3

(5)Disponível em http://www.bbc.co.uk

(6)Xavier, Francisco Cândido. Fonte Viva, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.

Os gastos absurdos de uma guerra

Na sociedade contemporânea, identificamos a inegável e avassaladora força do progresso tecnológico nas academias de ciência, na filosofia, na sociologia, na ética, etc. Porém, ficamos atônitos quando sabemos dos gastos vultosos decorrentes do desastrado projeto de guerra contra o Iraque. Os custos para os Estados Unidos com esse conflito, que completou cinco anos no dia 20 de março de 2008, serão superiores aos das guerras da Coréia e do Vietnã: são 400 bilhões de dólares (1), e a fatura total deve ultrapassar os três trilhões de dólares (2), conforme afirma Joseph Stiglitz, que, em 2001, recebeu o Prêmio Nobel de Economia. (3)

Os 05 bilhões de dólares/ano, que os norte-americanos repassam à África, equivalem a, somente, 10 dias de guerra no Iraque. Ficamos estarrecidos quando verificamos que os gastos, com apenas 15 dias de guerra, na terra do Ex-Presidente Saddam Hussein, poderiam erradicar o analfabetismo no Mundo.

A invasão dos EUA ao Iraque fez com que o preço do petróleo aumentasse muito. Antes da guerra, o preço era de 23 a 25 dólares o barril de petróleo. Agora, o preço do barril chega a 100 dólares, o que equivale a mais miséria para os países pobres, mais fome, mais mortalidade infantil, mais consumo e tráfico de drogas.

Atualmente, as pessoas hesitam sair às ruas em quase todas as grandes cidades, em face dos assaltos e outras violências urbanas que têm ocorrido a todo momento. São instantes de muita inquietude e de instabilidade emocional. São milhões de pessoas com algum tipo de transtorno mental, neuroses e índices acentuados de demência; epilepsia e psicose, fato esse que muito tem preocupado os especialistas. Estima-se que em cada grupo de 100 pessoas na Terra, 15 têm grande probabilidade de desenvolver a angústia depressiva.

Não desconhecemos a rejeição que sofrem os países excluídos da tecnologia atual. Impera, nos países ricos, a ganância pelo dinheiro, que atinge patamares surrealistas. A violência, a voracidade pela posse, pelo prazer, tudo isso tem remetido muitos incautos aos pântanos da indigência moral. A cada dia, sucumbem muitos jovens e adolescentes que são comercializados para o mercado da lascívia, algemados nos ambientes regados por alucinógenos e de profunda violência, onde são perpetrados crimes inconcebíveis sob o estímulo da miséria moral.

Hoje somos quase 7 bilhões de pessoas, sendo que 57% estão concentrados, 21% são europeus, 8% são africanos, 4% são americanos. No jogo frio dos números estatísticos sabemos que 6% possuem quase 60% de toda riqueza e (pasmem!) 6% (sim, 6% de 6%) são norte americanos. Considerando que 80% de pessoas vivem em condições sub-humanas, 50% sofrem de desnutrição, 70% não sabem ler, 1% (sim, só 1%) tem educação universitária, 1% possui um computador. Se temos comida na geladeira, roupa no armário, um teto sobre nossa cabeça, um lugar onde dormir, acreditem, somos mais ricos que 75% da população mundial. Nesse dramático contexto, ao Espiritismo está reservada a tarefa de alargar os horizontes das propostas de pacificação nos domínios da alma humana, contribuindo para a solução dos enigmas que atormentam o homem contemporâneo, projetando luz nas questões, quase que indecifráveis do destino e do sofrimento humano.

Ainda que amarguemos os paradoxos de uma suprema tecnologia no campo da informática, da genética, das viagens espaciais, dos supersônicos, dos raios laser, ainda temos que sobreviver com a dengue hemorrágica, com a febre amarela, com a tuberculose, com a AIDS, e com todos os tipos de droga (cocaína, heroína, skanc, ecstasy, o crack, etc.).

Nesse tétrico e real panorama terreno, a mensagem do Cristo é um remédio de inimaginável potencial de cura, sendo o mais eficaz para a redenção humana. Remédio que haverá de penetrar em todas as consciências, como um dia penetrou no desprendimento de Vicente de Paulo, na majestosa

solidariedade de irmã Dulce, na bondade de Francisco de Assis, na suprema dedicação de Teresa de Calcutá e no amor de Chico Xavier.

Por muitas razões, devemos contribuir para amenizar a densa psicosfera do Orbe e, para tanto, urge que cultivemos a compaixão e a generosidade. Fazermos algo de bom, em silêncio (que ninguém saiba), por um adversário qualquer, consubstanciando a experiência e o conselho de (Siddhartha) Gautama, o grande Buda.

Precisamos aprender a orar e meditar, porque, quem não medita não se conhece bem, e, nessa atitude evangelicamente proativa, podermos soltar a serena voz, como fez Paulo: "Já não sou quem vive, mas o Cristo é quem vive em mim..." e aguardarmos um mundo mais harmônico e higienizado moralmente, para albergar, carinhosamente, os nossos descendentes.

(*) Nota: Para o leitor ter uma ideia, segue o resumo dos gastos:

$16 bilhões - Quantia gasta mensalmente pelos EUA para manter as guerras no Iraque e Afeganistão.

$138 milhões - Valor pago mensalmente por todas as residências para a cobertura dos custos operacionais da guerra.

$19.3 bilhões - Valor que a empresa Halliburton recebeu por contratos de trabalho no Iraque.

$25 bilhões - Custo anual dos EUA pela alta do preço do petróleo, uma consequência da guerra.

$05 bilhões - Custo de 10 dias de luta no Iraque.

Estimativas:

$01 trilhão - Juros que a América irá pagar até 2017 pelo dinheiro tomado emprestado para financiar a guerra. 3% Média da queda de renda de 13 países africanos - resultado direto do aumento dos preços do petróleo. Esta queda de renda suplanta o aumento da ajuda internacional à África. De fato, leitor, os custos da guerra são muito complexos: tratamento de feridos, pensões, funerais, transporte dos corpos de cerca de 4000 militares, só dos que morreram no Iraque.

$03 trilhões - Uma estimativa conservadora do verdadeiro custo, só dos EUA, da aventura de Bush no Iraque. O restante

do mundo deverá arcar com o mesmo valor, novamente.

Referências bibliográficas:

(1) Segundo um relatório do Centro americano de Avaliação Estratégica e Orçamentária (CSBA), um organismo independente, o custo real do conflito no Iraque (com as correções da inflação) é amplamente superior ao da guerra do Golfo de 1991 (88 bilhões de dólares) e está prestes a superar os da guerra da Coréia (456 bilhões de dólares) e do Vietnã (518 bilhões).

(2) Stiglitz explica que apenas um sexto da quantia seria suficiente para, por exemplo, resolver todos os problemas de seguridade social nos Estados Unidos pelos próximos 50 a 75 anos.

(3) Stiglitz, Joseph & Bilmes Linda J. A guerra de US$ 3 trilhões - O custo real do conflito no Iraque

Paradoxos humanos

Gail Posner, uma socialite americana que dividia uma mansão de sete quartos em Miami com sua cadela e mais dois cães, faleceu aos 67 anos recentemente e no testamento veio à tona a divisão de bens. À cadela coube a posse do imóvel, no valor de US$ 8,3 milhões, e um fundo de US$ 3 milhões. Leona Hemsley, outra magnata de Nova York, deixou um fundo de investimento no valor de US$ 12 milhões para Trouble, sua maltês e excluiu os netos do testamento. A bilionária apresentadora de tevê Oprah Winfrey reservou US$ 30 milhões de sua fortuna para seus vários cachorros. A cadela da atriz Drew Barrimore deve herdar a casa da atriz, avaliada em US$ 3 milhões A condessa alemã Karlotta Liebenstein deixou US$ 194 milhões para o pai de Gunther IV, o pastor alemão Gunther III, em 1992. O cachorro morreu e o fundo em que o dinheiro ficou aplicado tem hoje US$ 372 milhões.

Na opinião de alguns psicólogos esse tipo de atitude extrema é um recado claro: "Deixei minha herança para o cachorro porque ganhei muito mais amor do meu bicho." Obviamente, para chegar a esse ponto, a pessoa deve ter uma aversão muito grande aos seres humanos ao seu redor. O Professor da Universidade da Virgínia (EUA), Jonathan Haidt, em seu livro "The Happiness Hypothesis", diz: "a família e os amigos são mais relevantes do que o dinheiro e a beleza. Uma condição que nos torna felizes é a capacidade de nos relacionarmos e estabelecermos laços com os demais."(1) "Para muitas pessoas, o animal é uma referência emocional, porque ele não faz julgamentos e tem fidelidade incondicional."(2)

Se fôssemos consciente da necessidade da prática do bem, não haveria situações tão extremadas de todos os tipos de aberrações, como as doações de fortunas para animais, a guerra do crack, sequestros, prostituição, poligamia, traição, inveja, racismo, inimizades, tristeza, fome, ganância e guerras.

Não encontraríamos pessoas perambulando pelas ruas, embriagadas, sujas, cabelos desgrenhados, roupas ensebadas, catando coisas no lixo ou esmolando um pedação de pão.

Desfrutamos de uma realidade tecnológica que, num passado recente, era impossível imaginarmos, exceto nos filmes de ficção. Recordo-me do início da década de 70, quando não havia como pensar em fornos de microondas, aparelhos de videocassete, telefones celulares, microcomputadores, cartões magnéticos, e, principalmente, a Internet. No entanto, atualmente, são recursos comuns. Porém, ainda amargamos os contrastes de uma suprema tecnologia no campo da informática, da genética, das viagens espaciais, dos supersônicos, dos raios laser, ao mesmo tempo em que ainda temos que conviver com a febre amarela, a tuberculose, a AIDS, e com todos os tipos de droga (cocaína, heroína, skanc, ecstasy, o crack, etc.).

Ante os paradoxos humanos, nem tudo está perdido. Sabemos que desde o século XIX, os milionários americanos seguem a tradicional prática de mecenato e filantropia com doações milionárias para museus, salas de concerto e universidades. Inclusive, muitos milionários não esperam mais a morte para doar parte da fortuna para causas sociais. "O modelo do velho moribundo na cama do hospital que deixa tudo para uma fundação está superado. Agora, o sujeito monta uma fundação aos 30, 40 anos de idade. Desta forma, os doadores controlam melhor o destino dado ao dinheiro para que ele seja aplicado exatamente nas causas que eles escolheram."(3)

Além da vontade de resolver problemas sociais, os magnatas têm outra razão para doar seu dinheiro enquanto ainda estão vivos. Não querem deixar grandes heranças para os filhos com medo de estragá-los. Nos Estados Unidos, a figura do self-made man, aquele que faz fortuna por si próprio, é muito valorizada. Daí a crença de que grandes heranças roubariam a possibilidade de os herdeiros terem a sensação de que realizaram algo.

No topo do ranking dos doadores aparece Bill Gates e sua esposa, Melinda. A Fundação Bill & Melinda Gates investe em

projetos de saúde e educação em vários países, inclusive no Brasil. Warren Buffett, investidor e industrial de 79 anos cuja fortuna é calculada em 47 bilhões de dólares, afirmou que mais de 99% da sua riqueza irá para a filantropia durante vida ou quando morrer.

Nesse panorama promissor, a mensagem do Cristo é um elixir poderoso, o mais seguro para a redenção social, que haverá de penetrar em todas as consciências humanas, como um dia penetrou no desprendimento de Vicente de Paulo, na majestosa solidariedade de irmã Dulce, na bondade de Francisco de Assis, na suprema dedicação de Teresa de Calcutá e no amor de Chico Xavier.

É urgente aprendermos a fazer o bem incondicional, e nesse comportamento podermos soltar o sereno grito como o fez Paulo: "Já não sou quem vive, mas o Cristo é quem vive em mim."(4) Precisamos exercer o Evangelho nos múltiplos setores da sociedade, porque a natureza nos ensina que temos uma fatalidade biológica (vamos todos desencarnar um dia), porém, a forma de nos comportarmos dentro do limite berço-túmulo é da nossa livre escolha. Podemos alcançar a sublimação com o simples querer, mas, sempre, movidos por uma fé calcada nas boas obras em favor do próximo.

Referências bibliográficas:

(1) IstoÉ independente, N° Edição: 1925 | 13.Set - 10:00 | Atualizado em 21.Ago.2010, disponível http://www.istoe.com.br/reportagens/4955_SEGREDOS+DA+FELICIDADE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage

(2) Cf. Mario Marcondes, veterinário e diretor do Hospital Veterinário Sena Madureira, em São Paulo.

(3) Cf. Rick Cohen, diretor executivo do Comitê Nacional de Filantropia Responsável

(4) Gl 2,20

Anomalias morais e poluição atmosférica são cancerígenas?

Pesquisadores mais pessimistas preveem o plausível aniquilamento da vida vegetal, animal e humana como decorrência dos descomunais estragos causados pelas indústrias, comércios e escambos modernos. Será possível tal aniquilamento em face das atuais agressões à natureza? Sem dúvida, pois estamos dilacerando, não a natureza, mas a nós mesmos e arcaremos com as consequências pelos nossos crimes contra o meio ambiente. Chico comentou certa vez que "aqueles que acreditarem na preservação da natureza acima de seus próprios interesses auxiliarão na defesa do mundo natural, da vida simples na Terra, que poderia ser uma vida de muito mais saúde e de muito mais tranquilidade se respeitássemos coletivamente todos os dons da natureza. Mas, se continuarmos agredindo-a demasiadamente, pagaremos o preço, porque depois voltaremos em novas gerações, plantando árvores, acalentando sementes, modificando o curso dos rios, despoluindo as águas, drenando os pântanos e criando filtros que nos libertem da poluição. O problema será sempre do homem. Teremos que refazer tudo, porque estamos agindo contra nós mesmos.". (1)

Uma sociedade que destrói o meio ambiente é uma sociedade insana. Não é possível esperar a chegada de uma "Nova Era" algemados na inércia da indiferença à natureza. Sem os devidos valores morais, muitos retornaremos a esse mundo pelas vias da reencarnação difícil. Se ainda almejarmos encontrar aqui estoques razoáveis de água potável, atmosfera límpida, campos produtivos, lixos reciclados e um clima estável – sem os açoites oriundos da combustão crescente de petróleo, gás e carvão que ultrajam o efeito estufa – é urgente atuar já, sem demora.

Como se não bastasse, a Agência Internacional de Pesquisas sobre o Câncer (IARC), vinculada à Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou recentemente a classificação da poluição do ar exterior como cancerígena. Não precisamos ser especialistas para saber que poluição causa câncer. Dizem o que já sabíamos de sobejo, ou seja, a exposição à poluição do ar provoca câncer de pulmão. Porém, sabemos que não somente o ar está contaminado, mas a água "potável" da mesma forma está infectada, os alimentos estão intoxicados.

É gravíssimo o atual nível de poluição atmosférica, em face das substancias insalubres lançadas pelas chaminés das fábricas, quais bocas de dragões, expelindo substâncias danosas em forma de detritos, pelos motores de veículos automotivos a se multiplicarem delirantemente e imobilizando as cidades, pelos agrotóxicos empregados nos campos, pela queima de combustíveis fósseis, pelas usinas atômicas. Em verdade, por onde o homem passa ficam os sinais maléficos da sua marcha, em forma de poluição, esterilidade, desmoronamento e extinção.

Sobre a poluição atmosférica seria interessante pressionar os governantes pela adoção de leis severas para preservação ambiental, a fim de que os transgressores sejam penitenciados exemplarmente. É preciso conscientizar os consumidores a lutar pela sustentabilidade ambiental, isto é, mudar seus hábitos e necessidades de compra pensando na sobrevivência ambiental das futuras gerações. É importante modificar o sistema de consumo tornando-nos compradores mais cônscios que elegem de forma consciente o que consumir, coagindo o comércio a vender produtos ecologicamente adequados. Dia virá em que todos os produtos serão ecologicamente corretos e a economia despoluída, porque será exercida sob os princípios do respeito ao habitat ambiental.

A Natureza é sempre o livro divino, "onde as mãos de Deus escrevem a história de sua sabedoria, livro da vida que constitui a escola de progresso espiritual do homem, evolvendo constantemente com o esforço e a dedicação de seus discípulos.". (2) As manifestações de vida nos vários reinos da Natureza, incluindo o homem, significam a expressão do Verbo

Divino, em escala gradativa nos processos de aperfeiçoamento da Terra. "Em todos os reinos da Natureza palpita a vibração de Deus, como o Verbo Divino da Criação Infinita, e, no quadro sem-fim do trabalho da experiência, todos os princípios, como todos os indivíduos, catalogam os seus valores e aquisições sagradas para a vida imortal.". (3) O meio ambiente influi no espírito e "muitas vezes constitui a prova expiatória. Com poderosas influências sobre a personalidade, faz-se indispensável que o coração esclarecido coopere na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influenciação.". (4)

Há muitos tipos de poluentes que intoxicam a psicosfera terrena que efetivamente causa todos os tipos de cânceres. Um delas é a poluição mental onde o homem produz terrível poluição psíquica, deletéria quão incontrolável em face do cultivo de deploráveis modos em que insiste e se regozija. Obviamente isso interfere na ecologia psicosférica da terra, empeçonhando de dentro para fora e desconjuntando de fora para dentro.

Hoje, à luz da ciência médica, pode-se afirmar que o fator predominante da origem do câncer é, sem dúvida, o comportamento humano: tabagismo, abuso de álcool, maus hábitos alimentares e de higiene, obesidade e sedentarismo, poluição de todas as espécies, os quais são responsáveis por quatro, em cada cinco casos de câncer e por 70% do total de mortes. Os cânceres por herança genética pura, ou seja, que não dependem de fatores comportamentais e ambientais, são menos de 5% do total. A experiência corrobora que o câncer é uma enfermidade do indivíduo, potencialmente, "cármica". Estamos submetidos a um mecanismo de causa e efeito que nos premia com a saúde ou corrige com a doença, de acordo com nossas ações. "O corpo físico reflete o corpo espiritual que, por sua vez, reflete o corpo mental, detentor da forma". (5)

Obviamente, não precisamos insistir na busca de vidas passadas para justificar o câncer: É óbvio que grande incidência de câncer no pulmão, ocorrem em pessoas que fumam na atual encarnação. Muitas formas de cânceres têm sua gênese no

comportamento moral insano atual, nas atitudes mentais agressivas, nas postulações emocionais enfermiças. "O mau-humor é fator cancerígeno que ora ataca uma larga faixa da sociedade estúrdia.". (6) O ódio, o rancor, a mágoa, a ira são tóxicos fulminantes no oxigênio da saúde mental e física; consomem a energia vital e abrem espaços intercelulares para a distonia e a instalação de doenças. São "agentes poluidores e responsáveis por distúrbios emocionais de grande porte; são eles os geradores de perturbações dos aparelhos respiratório, digestivo e circulatório. Responsáveis por cânceres físicos, são as matrizes das desordens mentais e sociais que abalam a vida". (7)

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Mandato de Amor, Belo Horizonte: Editado pela União Espírita Mineira

(2) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, perg. 27, RJ: Ed FEB, 1990.

(3) Idem, perg. 28.

(4) Idem, perg. 121

(5) Xavier, Francisco Cândido. Evolução em Dois Mundos, ditado pelo espírito André Luiz 15ª edição, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1997

(6) Franco, Divaldo. Receita de Paz, ditado pelo espírito Joanna de Angelis, Salvador: Ed. Leal, 1999

(7) Franco, Divaldo Pereira. O Ser Consciente, Bahia, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1993

Descriminalização da droga - alguns ajuizamentos espíritas

No Brasil há um preocupante movimento para a liberalização da maconha. Infelizmente, algumas pessoas famosas defendem as drogas e oferecem péssimos exemplos para a juventude. Cantores, atores e políticos utilizam-se do horário nobre da TV para desenvolver mentalidade partidária à descriminalização (1) do uso de drogas.

Sustentam os causídicos que o porte e o uso de entorpecentes não devem ser crimes no País, pois a descriminalização é uma "tendência mundial."!?...) Creem os defensores que a liberação das drogas diminuirá a sua busca. É evidente que a afirmação é trapaceira, pois contraria a lógica fundamental de comércio, que estabelece como regra de mercado que quanto maior a oferta de um produto, maior a sua procura.

Para modificar a atual lei de drogas brasileira, considerada antiquada por alguns, há proposta sobre um regulamento com foco no tratamento dos dependentes não violentos, liberando assim os recursos policiais para o enfrentamento do crime organizado. Dizem que as leis atuais em nível internacional são indulgentes para o usuário e rigorosas para o traficante. No Brasil, atualmente o usuário não é preso. Nem é constrangido a se tratar.

Na prática, para atual legislação, os indigentes sociais (favelados) sempre são classificados como traficantes e os endinheirados da classe "A e B" (filhinhos de papai) como usuários. Argumenta-se que ao invés de oferecer tratamento àqueles que sofrem com a dependência, o sistema brasileiro concentra maciçamente seus recursos policiais em réus primários não violentos, deixando espaço para o crescimento do crime organizado.

Cremos que infinitamente mais importante que discutir a

descriminalização de drogas é a urgência de debater a assistência ao contingente assombroso de dependentes químicos que se encontram categoricamente desassistidos pelo Estado.

Nesse imbróglio, como definir quem é usuário e quem é traficante?

Ante esse conflito temático, formatou-se um Novo Código Penal prevendo a descriminalização do plantio e do porte de maconha para consumo. Porém, nunca é demais advertir que a maconha de 50 anos atrás era bem menos devastadora que a de hoje em dia. Naquela época, a concentração de THC (princípio ativo da maconha) era em redor de 0,5%, enquanto que as de hoje são em torno de 15% a 20%. Enfim, a redação organizada por jurisconsultos deverá ser transformada em lei ordinária e seguirá a tramitação no Congresso Nacional.

Eis aí um complexo dilema: o que seria resolver o problema das drogas? Consentir o consumo? Autorizar a compra e venda só de maconha? Permitir o consumo de outros entorpecentes? Ou a solução é erradicar as drogas do planeta? Como fazê-lo? Será possível uma sociedade livre das drogas? Sempre haverá pessoas interessadas no uso de substâncias que alteram a consciência?

Estudiosos acreditam que com a liberalização o consumo será desenfreado. Os defensores, óbvio, não acreditam nisso. Outra questão enigmática: é quem poderá comercializar a droga? Que órgão público controlará essa venda, a ANVISA?

Na falsa ilusão de que o usuário não pode ser considerado criminoso, nos 21 países que resolveram despenalizar o usuário de drogas, como Portugal, por exemplo, os homicídios relacionados aos entorpecentes aumentaram 40%. Isso é fato! É urgente ponderar sobre as ameaças dramáticas que a liberalização das drogas pode ocasionar ao Brasil.

Arrazoamos que as regras que se aplicam às drogas ilegais deveriam ser aplicadas ao álcool (calamitosa droga legal) que deveria ser criminalizada com urgência. Acreditamos que se a maconha for tão acessível para o viciado quanto os alcoólicos, é presumível que desaqueça a bestialidade provinda do tráfico. Entretanto, o consumo alargará, aumentando o número de

moléstias e mortes ocasionadas pelo uso permanente de outras drogas.

Infelizmente, de cada 100 consumidores que usam entorpecentes (incluindo alcoólicos), de 10 a 13 apresentarão graves barreiras para abandonar o uso. O álcool, uma tragédia lícita, é responsável por 70% das internações por dependência de drogas e por 90% da mortalidade.

A droga (incluindo os alcoólicos) constitui uma das maiores insensatezes do século XXI. O governo do Uruguai está estatizando a maconha, pasmem! "No Brasil, 1,5 milhão de pessoas usam maconha diariamente, dos quais 500 mil são adolescentes. Dos jovens na faixa de 14 a 18 anos, 17% conseguem a substância dentro da escola. De todos os consumidores, 1,3 milhão reconhecem já ter sintomas de dependência." (2)

Imaginem a patética situação: um usuário fumando baseado, cheirando ou injetando cocaína, cachimbando uma pedra de crack defronte da nossa residência, próximo dos nossos filhos. Um policial que pegar em flagrante uma criança de 15 anos com droga "apenas para consumo", não poderá fazer nada. Isso vai acontecer com a liberalização das drogas, pois o usuário terá o direito de consumir em qualquer lugar e não se poderá impedi-lo.

Os dependentes de drogas (incluindo alcoólicos) são pessoas de personalidade medrosa, fraca, covarde. Em verdade, o uso de drogas (incluindo alcoólicos) para "curtição" poderá acarretar dependência com sequelas arrasadoras por prolongados séculos (séculos, sim! Pois a vida permanece para muito além da tumba).

Logicamente, trancafiar o viciado na penitenciária não resolverá o seu drama nem da sua família; contudo, descriminalizar as drogas será ocorrência bem ameaçadora, principalmente quando o mundo confronta-se com a esfinge do crack. O viciado dessa droga corrompe todas as barreiras éticas: sobrevive na sarjeta, se droga na rua, dorme na imundície, devora restos de comida do lixo e mergulha nos porões da promiscuidade. Enquanto o usuário de outros entorpecentes (maconha, ecstasy ou cocaína) se camufla em

nichos e não se expõe socialmente.

Doutrinariamente, compreendemos que todos os tipos de vícios dão campo a ameaçadores micro-organismos psíquicos no domínio da alma. Transgressões violentas como uso de drogas (incluindo alcoólicos) rompem o revestimento magnético das pessoas e as consequências são a devastação da saúde física e até a morte, às vezes precedidas da loucura. "Paralelamente aos micróbios alojados no corpo físico há bacilos de natureza psíquica, quais larvas portadoras de vigoroso magnetismo animal. Essas larvas constituem alimento habitual dos espíritos desencarnados [obsessores] e fixados nas sensações animalizadas. A indiferença à Lei Divina determina sintonia entre encarnado e desencarnado viciados, este [obsessor] agarrando-se àquele [obsedado], sugando a grande energia magnética da infeliz fauna microbiana mental que hospeda, em processo semelhante às ervas daninhas nos galhos das árvores sugando-lhes substancia vital".(3)

As emanações voláteis das drogas (inclusive alcoólicos), ao se evaporarem, são prontamente atraídas pelos obsessores-viciados, os quais aspiram essas emanações, nelas se acomodando e impulsionando o viciado encarnado a consumir cada vez mais... Por isso, os vorazes obsessores-viciados, sempre em falanges, afluem aos lugares frequentados pelos drogaditos encarnados (abrangendo as residências), conectando-se a eles, mente a mente, arrastando-os ao consumo das drogas (inclusive alcoólicos), ou importunando pessoas incautas, permissivas, inobstante ainda não contagiadas pelo vício, para que o cometam. Sem quaisquer escrúpulos, em permuta de qualquer satisfação do vício, todos os desatentos serão jugulados a uma fileira de perversidades.

Sem nunca concordar com a liberalização de quaisquer drogas (incluindo os alcoólicos) o espírita estará sempre acolhendo os desafortunados, cônscios ou inconscientes, algemados às drogas que buscam auxílio para libertarem-se de suas agonias, sejam eles encarnados ou desencarnados. Na instituição espírita, o acolhimento aos viciados de cá e do "além-tumba" é totalmente compatível com o serviço doutrinário. Aí se propõe explicação, inclusão, acolhimento

fraterno, bem como passes magnéticos, água fluidificada e palestras pública,s além dos apelos aos zelados para atividades assistenciais junto às famílias carentes.

Notas e referências:

(1) Descriminalizar significa retirar de algumas condutas o caráter de criminosas. O fato descrito na lei penal deixa de ser crime. Há três espécies de descriminalização: (a) a que retira o caráter criminoso do fato mas não o retira do âmbito do Direito penal (essa é a descriminalização puramente formal); (b) a que elimina o caráter criminoso no fato e o proscreve do Direito penal, transferindo-o para outros ramos do Direito (essa é a descriminalização penal, que transforma um crime em infração administrativa, e (c) a que afasta o caráter criminoso do fato e lhe legaliza totalmente (nisso consiste a chamada descriminalização substancial ou total).

Na legalização, o fato é descriminalizado substancialmente e deixa de ser ilícito, isto é, passa a não admitir qualquer tipo de sanção. Sai do direito sancionatório. A venda de bebidas alcoólicas para adultos, hoje, está legalizada (não gera nenhum tipo de sanção: civil ou administrativa ou penal etc.). A posse de droga para consumo pessoal deixou de ser formalmente "crime", mas não perdeu seu conteúdo de infração (de ilícito). A conduta descrita no antigo art. 16 e, agora, no atual art. 28 continua sendo ilícita, mas, como veremos, cuida-se de uma ilicitude inteiramente peculiar. Houve descriminalização "formal", ou seja, a infração já não pode ser considerada "crime" (do ponto de vista formal), mas não aconteceu concomitantemente a legalização da droga. De outro lado, paralelamente também se pode afirmar que o art. 28 retrata uma hipótese de despenalização. Descriminalização "formal" e despenalização (ao mesmo tempo) são os processos que explicam o novo art. 28 da lei de drogas. Disponível em aceso em 20/08/12

(2) Estudo realizado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), divulgado em 1o de agosto de 2012, disponível em aceso em 21/08/12

(3) Xavier, Francisco Cândido. Missionários da Luz, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed. FEB 1945.

Guerras e rumores de guerras

No dia 25 de maio de 1982, o Skyhawk, um caça-bombardeiro da Força Aérea Argentina, pilotado por Mariano Velasco, investiu contra uma embarcação militar inglesa deixando um saldo de 19 mortos. Dois dias após, o também Skyhawk pilotado por Velasco foi abatido no Estreito de São Carlos, arquipélago no Atlântico Sul, por Neil Wilkinson, artilheiro antiaéreo no navio de combate HMS Intrepid da Inglaterra. O argentino sobreviveu ao saltar de pára-quedas poucos minutos após ser atingido.

Quase três décadas após o fim do confronto entre Argentina e Grã-Bretanha pelas ilhas Malvinas(1), os dois ex-inimigos de guerra viveram um encontro emocionante. "Meglio tardi che mai." Como diz o provérbio italiano ("Antes tarde do que nunca"), Mariano Velasco recebeu em sua casa na província de Córdoba, para um magnificente banquete, o veterano artilheiro inglês Neil Wilkinson. Atualmente, são amigos e se correspondem com certa frequência por e-mail, Facebook ou Skype.

O episódio inevitavelmente nos remete para reflexões sobre a guerra. Qual a base lógica que justifica uma guerra? Os Benfeitores do Além admoestam que a guerra é a "predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e satisfação das paixões".(2) No transcurso da guerra, predominou entre Velasco e Wilkinson a índole selvagem sobre a espiritual. Hoje, 30 anos depois, a situação é inversa entre os dois ex-combatentes inimigos do front de batalha. Infelizmente, o "caso Velasco / Wilkinson" é uma raríssima exceção, pois nem sempre esse é o desfecho entre ex-inimigos de guerra.

Combates militares existem há mais de 5 mil anos, desde os primitivos embates entre os Mesopotâmios, entre gregos e persas, entre Atenas e Esparta, entre Roma e Cartago. Mais recente ocorreram a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a

Guerra da Coréia, do Vietnã, do Golfo, e entre Israelitas e Palestinos. Os recentes conflitos armados entre a Coréia do Sul e a do Norte e os ataques ao Afeganistão, após os atentados terroristas suicidas a Washington e Nova York, em 11 de setembro de 2001.

Desde eras remotas o império dos maus de ordinário reprime a força dos bons, porque os bons se fazem fracos. "Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, haverão de preponderar".(3) "Épocas de lutas amargas, desde os primeiros anos do século XX, a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre.".(4)

O Século XX, recentemente findo, foi o século mais sangrento de todos os anteriores. Após a Segunda Guerra Mundial, já ocorreram 160 conflitos bélicos, resultando em 40 milhões de mortos. Se contabilizarmos os resultados dessas paixões primitivas desde 1914, estes números sobem para 401 guerras e 187 milhões de mortos, numa projeção bem superficial.

Os Estados Unidos da América detêm o maior poder bélico do planeta. Seus orçamentos em armamentos ultrapassam os US $ 320 bilhões. Rússia e China gastam US $ 48 bilhões cada; França consome US $ 38 bilhões; Reino Unido desgasta US $ 35 bilhões; Coréia do Norte gasta US $ 4,7 bilhões; Índia consome US $ 13 bilhões; Paquistão gasta US $ 2,5 bilhões; Coréia do Sul gasta US $ 12 bilhões e, por fim, Israel detona US $ 9,4 bilhões. Juntas, essas nações gastam mais de meio trilhão de dólares com artefatos para exterminar a vida.

O que poderíamos alcançar de valor para a melhoria de vida na Terra com esse montante de dinheiro? A lista é ampla... Entretanto, os líderes dos países acima, assim como os seus partidários, não ambicionam o engrandecimento do orbe e de seus habitantes.

Há milênios entronizamos o debate sobre a razão humana, e

permanecemos na guerra da destruição quais irracionais; exaltamos as mais elevadas demonstrações de inteligência, porém engendramos todo o conhecimento para o massacres humanos impiedosos; exaltamos a paz, fabricando os canhões homicidas e as ogivas de destruição em massa; sugerimos soluções para os problemas sociais, intensificando a construção das cadeias e dos prostíbulos. "Esse progresso é o da razão sem a fé, em que os homens se perdem na luta inglória e sem-fim."(5)

Por felicidade, "à medida que o homem progride, ela se torna menos frequente, porque lhe evita as causas e, quando é necessária, sabe aliá-la à humanidade.".(6)

Cremos que a guerra desaparecerá um dia da face da Terra, "quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus; então todos os povos serão irmãos."(7)

Jesus nos deixou, há dois milênios, a grande lição do amor, a fim de que chegássemos ao estágio de perfeita harmonia entre os homens. O Príncipe da Paz ensinou: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei".(8) Deste modo, não ouviremos mais falar de guerras e nem rumores de guerra.

Referências bibliográficas:

(1) Falklands (para os britânicos)

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000 Perg. 742

(3) idem Perg. 932

(4) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB 1987

(5) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB , 1999, Perg 199

(6) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000 Perg. 742

(7) idem Perg. 743

Pílulas do dia seguinte: algumas considerações indispensáveis

Muitas vezes por ignorância alguns defendem o uso da "pílula do dia seguinte"(1) e por esse método contraceptivo estão contribuindo (ainda que inconscientemente) para o aborto. Isto porque, muitos não têm maiores e mais precisas informações sobre em que momento ocorre o processo de interrupção da concepção. Contudo, uma questão muito simples, mas que confunde muitos pesquisadores, é sobre o começo da vida. Quando podemos afirmar que o ser humano adquire vida? O médium Divaldo Franco explica que "A concepção dá-se no momento em que o espermatozóide penetra no óvulo e começa a viagem do ovo na direção da implantação na intimidade uterina da mulher. Qualquer recurso após a fecundação que vise eliminar a vida, para nós, espíritas, é um aborto delituoso. A pílula do dia seguinte, o DIU e outros instrumentos que impedem a continuação do processo da fecundação é um mecanismo de destruição da vida. Portanto: abortivo."(2)

Portanto, para nós espíritas a vida inicia na fecundação, geralmente na tuba uterina da mulher, quando o corpo perispiritual do Espírito reencarnante fixa-se vigorosamente na célula-ovo, ou zigoto(3). Após o que, na fecundação no terço distal(4) da tuba uterina, o embrião, o novo indivíduo (a tríade hominal - corpo geneticamente estruturado, perispírito e Espírito) deve rumar até o arcabouço uterino, levando cerca de 1 (uma) semana para implantar-se (nidação). Para essa caminhada e nidação, é necessário que todo o aparelho feminino esteja funcionando adequadamente e o útero esteja na fase secretória (adequada para o embrião), sob um controle hormonal natural da mulher. Em qualquer atraso, o embrião "morre de fome", por falta de nutrientes, e é absorvido pelo próprio organismo da mulher e o Espírito desliga-se para

aguardar nova oportunidade reencarnatória(5).

Por interferir nos mecanismos hormonais que regulam o ciclo menstrual - maturação do revestimento interno do útero (endométrio) - a "pílula pós-coito" - como também é conhecida - altera o padrão menstrual (antecipando ou adiando a data esperada, aumentando ou diminuindo o volume do fluxo). Por esse motivo, este método não deve ser utilizado, por prudência e lógica. A questão 358 de O Livro dos Espíritos deixa clara a questão do aborto: é um crime. Destarte, "os médicos das AMEs (Associações Médico-Espíritas) comprometem-se a lutar (...) contra a administração da chamada "pílula do dia seguinte"(6), por ser abortiva. E mais ainda, "quando forçado a receitar a "pílula do dia seguinte", nos ambulatórios públicos, o médico espírita não o faz, para isso, lança mão de um direito legítimo, reconhecido pelo Código de Ética Médica, que é o de ser fiel à sua própria consciência. Do mesmo modo, o anestesista espírita lança mão desse mesmo direito para não participar das equipes de abortamento legal já existentes em alguns hospitais do país."(7) A "pílula do dia seguinte é utilizada para prevenir uma gravidez indesejada após o coito supostamente desprotegido. É administrado livremente ou legalmente em caso de estupro (a lei brasileira é a favor do aborto em caso de estupro). Independente de qualquer reflexão ética, o fato de ser uma alta dose de hormônio sintético, além dos efeitos colaterais imediatos que causa, o uso repetitivo predispõe a diversas doenças na mulher, dentre elas, o câncer de mama. E, mais ainda, "usar ou não usar, qual é o mais ético? Se há a possibilidade do aborto (não conhecemos pesquisas sobre a porcentagem), por menor que seja, a ética e o bom senso, diante da consciência, indicam para não usar, pois é impossível a mulher saber o que realmente está acontecendo e se há um Espírito reencarnante desejoso de ser "embalado" carinhosamente no colo materno, na expectativa de uma nova existência de lutas e realizações, junto de sua mãe."(8)

Segundo Humberto Costa, Ministro da Saúde, "a despeito de muitos argumentos de fundo religioso ou de discussões de cunho moral, a maioria dos brasileiros é favorável a uma

política universal -e principalmente eficaz- de planejamento familiar. No Brasil 84,4% são a favor, inclusive, da distribuição de pílulas anticoncepcionais de emergência, as chamadas "pílulas do dia seguinte"(9). O homem pode programar a família que deseja e lhe convém como ter número "x" de filhos, período propício para a maternidade, jamais, porém, se eximirá aos imperiosos resgates a que faz jus, tendo em vista suas experiências do pretérito. Melhor, seria não impedir a volta dos Espíritos ao corpo de carne, já que o espírita não desconhece a seriedade da planificação reencarnatória. Antes de retornarmos às experiências físicas é bem provável que nos tenhamos comprometido a receber, como filhos, um número determinado de Espíritos. Logo, a reprodução humana estava naturalmente acertada numa cota previamente estabelecida, quando ainda nos encontrávamos nos planos espirituais(10).

Existem muitas famílias que deliberadamente esquivam-se de possuir filhos. Em face dessa opção, de que maneira se avaliar a atitude dos casais que evitam os filhos (inclusive muitos casais dignos e respeitáveis, sob todos os pontos de vista), que sistematizam o uso de anticonceptivos? Recorremos ao livro Ação e Reação ditado pelo Espírito André Luiz, que entroniza algumas ponderações de Silas, sobre esta questão, que adverte: - "(...) Se não descambam para a delinquência do aborto, na maioria das vezes são trabalhadores desprevenidos que preferem poupar o suor, na fome de reconforto imediatista. Infelizmente para eles, porém, apenas adiam realizações sublimes, às quais deverão fatalmente voltar, porque há tarefas e lutas em família que representam o preço inevitável de nossa regeneração. Desfrutam a existência, procurando inutilmente enganar a si mesmos, no entanto, o tempo espera-os, inexorável, dando-lhes a conhecer que a redenção nos pede esforço máximo. Recusando acolhimento a novos filhinhos, quase sempre programados para eles antes da reencarnação, emaranham-se nas futilidade e preconceitos das experiências de subnível, para acordarem, depois do túmulo, sentindo frio no coração... (...)"(11) (grifamos)

Importante também serem lembradas são as consequências para o ser abortado. Espíritos esses destinados ao reencontro

com aqueles a quem no passado foram ligados por liames desarmônicos, ao se sentirem rejeitados, devolvem na idêntica moeda o amargo fel do ressentimento. Desta forma, permanecem ligados ao centro vital genésico materno, induzindo consciente ou inconscientemente a profundos distúrbios ginecológicos aquela que fora destinada a ser sua mãe. Nessa vampirização energética, tornam-se verdadeiros endoparasitas(12) do organismo perispiritual, aderindo também ao centro vital esplênico, sugando o fluido vital materno.

Cremos que há necessidade urgente de que se tenha consciência do mal que se pratica quando se interrompe o curso da vida de um ser. Não importa se, como no caso, esse curso esteja em sua fase inicial. Não se pode, conscientemente, acobertá-lo com o manto de questionável "legalidade".Surge, aqui, uma inferência imediata: a de que a determinação de respeito aos direitos do nascituro acentua a necessidade legal, ética e moral de existir maior e quase absoluta limitação da prática de quaisquer meios que redundem em abortamento. Uma exceção, apenas, há: quando for constado, efetivamente, risco de vida à gestante(13).

Referências bibliográficas:

(1) Criada pelo pesquisador Etienne-Emile Baulieu, médico e cientista francês, Diretor da Unidade 33 do Inserm, em Paris, tornou-se famoso como pai da "pílula do dia seguinte", a RU 486, pílula abortiva, adotada há muitos anos na França e, desde o ano 2000, nos EUA.

(2) Disponível em acessado em 17/09/2005

(3) Produto diplóide - com 46 cromossomos - da união da célula germinativa masculina e da feminina

(4) Diz-se da extremidade mais afastada de um órgão, do ponto em que ele se liga ao corpo.

(5) Para maiores detalhes de como ocorre essa ligação, numa bela descrição do Espírito André Luiz, leia "Missionários da Luz", psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulos XIII e XIV.

(6) Extraído da Revista Cristã de Espiritismo, n.º 26, páginas

06-11

(7) Idem

(8) Disponível em acessado em 15/09/2005

(9) Humberto Costa, 47, médico psiquiatra, ministro da Saúde. Foi deputado federal pelo PT-PE (1995-1998)- In: Lógica do Planejamento Familiar. - publicado na Folha de S. Paulo em 15/5/2005

(10) Disponível em acessado em 18/09/2005

(11) XAVIER, Francisco Cândido. Anotações Oportunas. ln:_. Ação e Reação. Ditado pelo Espírito André Luiz. 17. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1996. Pág. 210.

(12) Parasito que vive no interior do organismo de um hospedeiro

(13) Cf. Questão 359 do Livro dos Espíritos

A conexão televisão-violência-comportamento é preocupante

A violência de todas as gradações conspurca as conquistas sociológicas deste século. Irrompe-se em todos os níveis da sociedade, manifestando-se em múltiplas magnitudes. Lemos um jornal, uma revista; assistimos televisão e a bestialidade é obstinadamente difundida, seja pelos noticiários, pelos documentários, seja pelos filmes (inclusive desenhos "infantis"), pelos programas de auditório cada vez mais obscuros em termos de valores éticos.

Por quanto tempo teremos que conviver com os aviltantes programas de tevê na Pátria do Evangelho? São como "shows" que profanam os princípios fundamentais da moral e da ética. Há programas televisivos brasileiros que estão sendo vetados pelos telespectadores europeus através passeatas contra as licenciosas aberrações que se cometem nas programações importadas destas plagas do Cruzeiro do Sul.

É imperioso que haja, no Brasil, um movimento de conscientização popular robusto, a fim de que ocorra uma alteração na legislação para que seja devolvido ao País o culto dos valores morais elevados veiculados pelas emissoras de TV. Uma mobilização popular será necessária e justa, pois são nossos filhos que estão sendo influenciados pelas programações promíscuas que vêm corrompendo a família brasileira.

Atualmente, é claro que o conflito fundamental não é mais, unicamente, o conflito de classes. Há conflitos de gênero, étnicos, religiosos, regionais, por afirmação de identidade sexual etc. Que princípio filosófico será capaz de dar conta da relação entre os agentes de socialização – desenvolvimento de opinião pública, de ethos (1) e de sociabilidade – e qual a importância dos meios de comunicação, particularmente da mídia televisiva, nesse processo de harmonização social?

Dois estudos realizados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em 2009, mostraram que as telenovelas apresentadas nos últimos 40 anos vêm moldando as famílias em aspectos como número de filhos e divórcios. As telenovelas produzidas no país não estão exclusivamente influenciando e acarretando polêmica no Brasil. Especialistas afirmam que em Angola, na África, por exemplo, as novelas são os programas de maior sucesso. O comércio igualmente é influenciado, desviando centenas de feirantes informais angolanas a atravessarem o Atlântico e desembarcarem em São Paulo à procura de produtos para (re)venda em seu país. Para as pessoas de Angola, as novelas brasileiras são referência sobre o que vestir.

Dizem os especialistas que estamos na "era da alienação", do estar sozinho e das adesões frágeis, o que facilita a violência. O alcance do produto televisivo, em particular das teledramaturgias (as famigeradas telenovelas), nos juízos e desejos dos brasileiros, suscita empecilhos, superstições, supressões e anuências que, além de repercussões particulares, acarretam sequelas sociais em nível mundial.

Como se não bastasse, a mídia televisiva tornou-se uma das principais instituições de influência sobre a formação cultural da criança e jovens. Estudos realizados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul demonstram que a exibição de violência na TV tem efeitos inequívocos. Há correlações concretas entre a frequente exposição à violência exibida na Televisão e o comportamento agressivo do telespectador. Pesquisas comprovam que nos Estados Unidos, após a entrada da televisão os lares, na década de 40, a taxa de homicídios aumentou 93%.

A televisão ocupa um lugar central nos descaminhos dos rumos que a infância tem tomado. Para desviar-se dos choros e esperneios, muitos pais permitem que os filhos permaneçam mais tempo diante da tevê do que o preconizado. Mesmo considerando que a criança assista apenas a programas "infantis", aquelas menores de cinco anos deveriam assistir televisão no máximo duas horas por dia. A recomendação é da Academia Americana de Pediatria (AAP). Os programas

invadem as casas, afetam os ouvidos, os olhos, modificam as opiniões das pessoas, estabelecem campanhas, decompõem comportamentos. Diante desse dilema foi perguntado a Chico Xavier como era analisado o trabalho dos meios de comunicação pelo Mundo Espiritual.

O médium de Uberaba respondeu: "Na Inglaterra há uma lei que consideramos de muita importância. A própria imprensa, através da cúpula formada pelos homens de responsabilidade que a representam, decidiu formar uma associação de censura, de tudo que tivesse de ser lançado ao público pelos mais novos, pelos jornalistas, pelos radialistas, por todos aqueles que estivessem começando a tarefa de se comunicar com o público. No Brasil, a minha opinião, sem qualquer crítica, mas absolutamente sem qualquer crítica, eu creio que os excessos na televisão, nos jornais e nas revistas são de molde a falsear os sentimentos e pensamentos de muita gente." (2)

Somos influenciados a partir do bombardeio informativo detonado pelos programas televisivos. Há uma espécie de efeito acumulativo, isto é, uma exposição exagerada à violência midiática que poderá desenvolver um certo temor e uma espécie de complexo de vítima. Quanto mais violência vemos na tevê, mais facilmente aceitamos a ideia de que o comportamento agressivo é uma coisa normal.

Embora alguns afirmem que os efeitos da tevê não interferem no comportamento, ou seja, seus efeitos são mais discretos do que se imagina, não concordamos com isso! Afirmam que a violência que a tevê transmite não é inventada pelas emissoras, pois sempre existiram gangues, traficância, prostituição, assassinatos, antes mesmo da TV existir, vociferam os acadêmicos "libertários"! Entretanto, entronizar os lixos da sociedade numa ensandecida guerra por audiência nos leva a refletir sobre a tese da regulação das programações, a fim de diminuir a exposição das pessoas, sobretudo crianças, aos entulhos da violência que a televisão transmite.

A guerra pela audiência, como todo duelo, é demente, é irracional. E na pugna pela audiência, como em toda batalha, as principais vítimas são as crianças. Numa sociedade de mercado, tudo é tratado como mercadoria. Inclusive a infância.

Conquanto seja questão bastante discutida, não há como tapar o sol com peneira; não podemos desconsiderar a nefasta influência da tevê na formação das crianças, tanto na erotização precoce quanto na antecipação do imaginário social. Hoje isso pode ser considerado uma forma de profunda violência.

Óbvio que o controle é um bom método, sempre a partir da discussão popular, possibilitando determinar programas a ser privilegiados ou não na veiculação. Uma regulação (sem a característica de censura), porém de um controle democrático, por parte do telespectador sobre as programações que serão exibidas.

A relação televisão-violência-comportamento, é evidente que existe! Não obstante seja uma relação extremamente complexa e não confinante. Não há como deixar de responsabilizar os meios de comunicação, em especial a TV, para explicar ao conjunto da população o aumento do grau de violência que se tem observado. Segundo alguns especialistas, a televisão amolece o corpo e anestesia o espírito. Diante da tevê, o telespectador permanece, fisicamente, inerme, qual andróide. Dos seus sentidos, trabalham somente a visão e a audição, mas de maneira absurdamente parcial.

É evidente que quem estuda o Espiritismo e pratica seus preceitos vê-se melhor instrumentalizado para a vida em sociedade nestes tempos atribulados, encontrando conceitos lógicos e racionais para o entendimento da vida numa visão cristã da mesma. Em nome de uma pretensa ruptura com a antiga base educacional, modelada nos princípios da austeridade, não podemos abraçar o comodismo na tarefa disciplinadora dos filhos, por preguiça ou porque não adquirimos as bases necessárias para essa tarefa. Em face disso, não podemos permitir que os nossos frágeis rebentos sejam marionetes dos processos de (des)educação alienante da mídia televisiva.

A criança é um adulto que está numa fantasia transitória, conforme afirmava, sempre, Chico Xavier. O adolescente, nos seus 14 e 15 anos, não tem ainda perfeito discernimento para fazer opções quanto ao caminho que lhe cabe trilhar. É

geralmente muito instável, o que é natural. Por essa razão, os programas de tevê têm de ser mais bem selecionados pelos pais espíritas, especialmente aqueles que contêm cenas degradantes nos filmes, novelas e em programas de auditório de qualidade duvidosa, e em horários impróprios para eles.

Referências bibliográficas:

(1) Ethos, na Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um povo.

(2) Entrevista com Chico Xavier durante o Programa "Terceira Visão", da Rede Bandeirantes, São Paulo, exibido em 25/12/1987.

Invasão de privacidade eletrônica e adultério numa análise kardeciana

Diante da infidelidade conjugal, várias pessoas apresentam duas fases de reação: protesto e desespero. Na primeira, a pessoa se contorce, grita, chora, implora por uma nova chance. Já na segunda fase, a reação será muito parecida com a de pacientes em depressão: falta de vontade de interagir socialmente, perda de apetite, insônia e desinteresse por qualquer atividade. Mas o americano Leon Walker, de Michigan, acessou o correio eletrônico de Clara, sua esposa, para confirmar que ela estava tendo um caso extraconjugal. Walker informou que "invadiu" a caixa postal da esposa visando proteger os filhos do casal. Há quem se espante com o fato e faça julgamento antes moralista do que moral. Estamos num estágio social em que o mundo virtual é o real, mas ele nos surge como sonho. Alguns sonham com cuidado, outros se perdem nos sonhos. Em todos esses sonhos, há o perigo dele virar pesadelo, como ocorreu com Walker.

Para Jéssica Cooper, promotora do caso, o marido traído agiu de "má fé", e qual um habilidoso "hacker", invadiu a privacidade da esposa a fim colher material de prova contra ela. O instigante do fato é que, além de ser traído, Leon Walker ainda poderá ser condenado a 5 anos de cadeia, de acordo com as leis norte-americanas.

Nessa confusão cibernética, Clara, a esposa infiel, saiu pela tangente e requisitou o divórcio.(1)

Como hierarquizar os dois temas do episódio de Michigan, sob o viés metodológico kardeciano? Em verdade, os delitos (invasão de privacidade eletrônica e o adultério) são comprometedores para os seus autores, contudo, imaginamos que nos recessos da consciência do casal, a chibatada na emoção por prática de adultério, tem maior repercussão em face da Lei de Causa e Efeito. Imaginem se o fato ocorresse no

Irã! O final da história teria nuanças mais trágicas para Clara. Por essa razão, o nosso argumento explorará doutrinariamente a questão da infidelidade conjugal e, sob o enfoque jurídico, a invasão de privacidade, lembrando que, se a intromissão eletrônica é uma transgressão às leis humanas, prevista sob os estrábicos códigos jurídicos, o adultério estremece mais diretamente a mente desprevenida, obstando sonhos reais de felicidade.

"Há mais ou menos dois anos o principal executivo da Sun Microsystems, Scott McNealy proferiu sua solene – e sombria – assertiva de que a privacidade na Internet é igual a zero e que isto jamais iria mudar".(2) Especialistas afirmam que o que mais cresce na bisbilhotagem online é a invasão a residências.

A SpectorSoft, uma fabricante de equipamentos de espionagem, começou vendendo seus produtos para pais e patrões. Contudo, as vendas explodiram mesmo foi quando a empresa mudou seu programa para cônjuges e parceiros românticos. O Spector 2.2, uma vez instalado no computador, "fotografa" secretamente todos os sites, chat groups e e-mails visitados ou enviados e os salva em um arquivo secreto que possibilita à pessoa que está bisbilhotando examiná-los posteriormente. Esse é o preço que a sociedade contemporânea paga pelo avanço da Tecnologia da Informação (TI), apesar de muitos cidadãos ainda não terem se dado conta de que seus passos estão sendo monitorados pelas instituições públicas ou privadas.

A noção do direito à intimidade é inata ao homem, tida pela maioria dos juristas como um direito natural, o qual advém da própria natureza humana, independentemente de declaração objetiva de tal direito em norma escrita. Dos gregos clássicos aos chineses, bem como ocorre com a própria Bíblia, doutrina-se a necessidade do respeito ao direito à intimidade, justificada como a necessidade de se preservar o recanto do indivíduo e as consequências de sua privacidade.

Em 1948 foi proclamada a Declaração Universal dos Direitos do Homem, e em seu artigo 12 prescreve: "ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua

honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques toda pessoa tem direito à proteção da lei.". Para muitos juristas, há sinonímia entre o direito à intimidade e o direito à privacidade, pois ambos exprimem o mesmo significado, qual seja, representa a prerrogativa que o indivíduo tem perante todos os demais, inclusive o Estado, de ser mantido em paz no seu recanto. Representa, pois, o mecanismo de defesa da personalidade humana contra ingerências ou injunções alheias ilegítimas. Porém, outros estudiosos sustentam que o direito à intimidade representa o âmbito exclusivo que alguém reserva para si, sem nenhuma repercussão social.

No Brasil, o direito à privacidade é previsto pela Constituição de 1988, cujo artigo 5º – incisos X e XII – estabelece que "são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.". Destarte, para estudiosos, toda investida sobre tal situação é ilegítima, seja pela escuta clandestina de conversas, através de meios eletrônicos, pela captação de imagens ou fotos de pessoas por meios sub-reptícios ou ainda pelo monitoramento unilateral de e-mails de outrem. É inviolável o sigilo das correspondências e das comunicações telegráficas, de dados, e das comunicações telefônicas, salvo em último caso, por ordem judicial, nas hipóteses e nas formas que a lei estabelecer para fins de investigação criminal ou instrução processual penal.

A outra questão é o adultério, e para comentar doutrinariamente o tema, importa recorrermos à sentença do Cristo que diz: "atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado.".(3) Esta sentença faz da indulgência um dever para nós outros porque ninguém há que não necessite, para si próprio, de indulgência. "Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar em outrem aquilo de que nos absolvemos. Antes de profligarmos a alguém uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita.".(4) O Espírito Emmanuel(5) diz que é curioso notar que Jesus, em se tratando de faltas e quedas, nos domínios do espírito, haja escolhido aquela da mulher, em falhas do sexo, para pronunciar

a sua inolvidável sentença. Todavia, dos milenares e tristes episódios afetivos que reverberam na consciência humana, resta, ainda, por ferida sangrenta no organismo da coletividade, o adultério que, de futuro, será classificado na patologia da doença da alma, extinguindo-se, por fim, com remédio adequado. Mas o adultério ainda permanece na Terra, por instrumento de prova e expiação, destinado naturalmente a desaparecer, na equação dos direitos do homem e da mulher, que se harmonizarão pelo mesmo peso, na balança do progresso e da vida. Quando cada criatura for respeitada em seu foro íntimo, para que o amor se consagre por vínculo divino, muito mais de alma para alma que de corpo para corpo, com a dignidade do trabalho e do aperfeiçoamento pessoal luzindo na presença de cada uma, então o conceito de adultério se fará distanciado do cotidiano, de vez que a compreensão apaziguará o coração humano e a chamada desventura afetiva não terá razão de ser.(6)

Sobre o equívoco de Clara, a esposa infiel, confessamos que não dispomos de recursos para examinar as consciências alheias e cada um de nós, ante a Sabedoria Divina, é um caso particular, em matéria de amor, reclamando compreensão. À vista disso, segundo Emmanuel, "muitos de nossos erros imaginários no mundo são caminhos certos para o bem, ao passo que muitos de nossos acertos hipotéticos são trilhas para o mal de que nos desvencilharemos, um dia!...". (7) Por essas razões, auscultemos nos recessos profundos da consciência a oportuna advertência de Emmanuel que diz: "diante de toda e qualquer desarmonia do mundo afetivo, seja com quem for e como for, coloquemo-nos, em pensamento, no lugar dos acusados, analisando as nossas tendências mais íntimas e, após verificarmos se estamos em condições de censurar alguém, escutemos, no âmago da consciência, o apelo inolvidável do Cristo: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.".(8)

Referência Bibliográfica:

(1) Para Frederick Lane, advogado especialista em privacidade eletrônica, cerca de 45% dos divórcios nos EUA

envolvem incidentes com e-mail, Facebook e outras ferramentas virtuais.

(2) Gueiros, Junior, Nehemias. Insegurança na Internet: Há remédio?. http://www.mundojuridico.adv.br.

(3) João 8:7

(4) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1977, item 13, do Cap. X,

(5) Idem.

(6) Idem.

(7) Idem.

(8) João 15:12

A unidade de polícia pacificadora, uma reflexão espírita sobre a violência urbana

As estatísticas demonstram que a violência cresce à medida que aumenta a distribuição de drogas em determinadas regiões. Por isso, é mister reprimir os criminosos, obviamente. Porém, junto a isso, urge o envolvimento, também, da sociedade em todo esse contexto, nas áreas onde eles atuam. A tibieza policial do Estado forja os líderes do crime que "governam" as comunidades com as suas próprias "leis". Por isso mesmo, além dessas estratégias pacificadoras, é mister que todo governante invista em projetos de asfaltamento de ruas, ampliação da iluminação pública, recuperação das praças, construção de escolas e postos de saúde, controle dos horários dos estabelecimentos que vendem bebidas alcoólicas nos locais mais afetados pela criminalidade. São medidas eficazes para reduzir a barbárie da violência social.

O Rio de Janeiro vive uma situação muito semelhante à cidade de Medellín, na Colômbia dos anos 90. Os narcotraficantes controlam os territórios das favelas, e o aparelho policial do Estado tem extrema dificuldade em combatê-los, seja pela falta de coordenação entre os governos, nas suas diversas esferas, seja entre as polícias civil, militar, federal e as guardas municipais. Nos idos dos anos 90, Bogotá, na Colômbia, era considerada uma das cidades mais violentas do mundo, e, atualmente, conseguiu reduzir, em 70%, seu índice de violência urbana, fruto das medidas sócio-educativas ali empreendidas.

Seguindo o exemplo colombiano, percebemos um enorme esforço do governo do Rio de Janeiro, para a conquista da pacificação social nas favelas. Para esse objetivo, adotou-se, na prática, uma nova estratégia de Segurança Pública com ocupação, permanente, das favelas através da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). O plano que diminuiu as áreas sob

comando do crime organizado, contudo, também, redundou no acirramento dos confrontos entre facções criminosas pelos pontos de vendas de drogas ainda disponíveis (que não estão sob a ação das UPPs) nos morros cariocas. Apesar da reação dos criminosos, o clima tenderá à convivência pacífica entre policiais e moradores, sem tráfico ostensivamente armado, permitindo que os moradores do asfalto voltem a conviver com a favela. Aposta-se que, com a entrada da classe média na favela, horizontes poderão ser abertos para a transformação social.

Em verdade, a violência do homem civilizado tem as suas raízes profundas e vigorosas na selva. O homo brutalis tem as suas leis: subjugar, humilhar, torturar e matar. O pragmatismo das sociedades atuais coisificou o homem, equivalendo dizer que o nadificou no aspecto moral. O homem contemporâneo vive atormentado pelo medo, esse inimigo atroz que o assombra, uma vez submetido às contingências da vida atual, de insegurança e de incertezas. Vivemos tempos complexos e tormentosos. A violência não está só nas favelas cariocas. Há violências, de várias nuanças, em toda parte do planeta. A violência urbana é reflexo natural dos que administram gabinetes luxuosos e desviam os valores que pertencem ao povo; que elaboram leis injustas, que apenas os favorecem; que esmagam os menos afortunados, utilizando-se de medidas especiais, de exceção, que os anulam; que exigem submissão das massas, para que consigam o que lhes pertence de direito... produzindo o lixo moral e os desconsertos psicológicos, psíquicos e espirituais.

A criminalidade tem seus fulcros na desigualdade social, no elevado índice de desemprego, na urbanização desordenada e, de modo destacado, no tráfico de drogas, na difusão incontrolada da arma de fogo, sobretudo clandestina, situações essas que contribuem, de forma decisiva, para o aumento da criminalidade. Atualmente, quase metade da população mundial mora nas grandes cidades. Nos próximos 20 anos, a população urbana vai superar os 5 bilhões. Sete pessoas, em cada dez, estarão morando em uma dessas megalópoles, provocando mudanças (não para melhor) do sistema de vida da população.

Estudiosos afirmam que as megalópoles serão enormes regiões interligadas, superpovoadas, que englobarão cidades vizinhas e, nas quais, mais da metade da população concentrar-se-á em bolsões de miséria, favelas ou "barracópoles". Segundo as projeções demográficas, daqui a duas décadas, as megalópoles estruturar-se-ão com centros luxuosos e ultra modernos, habitados por uma classe poderosa e rica, mas rodeados, ou melhor, sitiados por enormes extensões de favelas, de marginados, como se pode perceber, embora em dimensões, ainda, reduzidas, nas atuais metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo.

Há uma síndrome perversa, em que os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos, equitativamente, e o fosso, entre afortunados e deserdados (ricos x pobres), está aumentando. Essa tendência é, extremamente, perigosa, mas podemos evitá-la. Caso contrário, as bases da segurança global estarão, seriamente, ameaçadas, muito mais do que já estão. Temos o conhecimento e a tecnologia a nosso favor, necessários para sustentar toda a população, equilibradamente, e reduzir os impactos de agressão ao meio ambiente, até porque, os desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e, juntos, podemos criar, de início, soluções emergenciais, para que evitemos o caos absoluto em pouco tempo.

Erguemos altos muros com fios eletrificados ao redor de nossas residências, tentando evitar que ela (a violência) nos atinja. Contratamos seguranças para protegerem nossas empresas e nossos lares. Instalamos equipamentos sofisticados que nos alertem da chegada de eventuais usurpadores de nossos bens. Contudo, existe outro tipo de violência que não damos atenção: é a que está fincada dentro de cada um de nós. Violência íntima, que alguns alimentam, diariamente, concedendo que ela se torne animal voraz. É o ato de indiferença que um elege para apunhalar o outro no relacionamento doméstico, estabelecendo silêncios macabros às interrogações afetuosas. São os cônjuges que, entre si, pactuam com a mudez, como símbolo do desconforto por viverem, um ao lado do outro, como algemados sem remissão.

A violência de fora pode nos alcançar, ferir-nos e, até mesmo, magoar-nos, profundamente, mas a violência do coração (interna), silenciosa, que certas pessoas aplicam todos os dias, em seus relacionamentos, é muito mais perniciosa e destruidora. A paz do mundo começa em nossa intimidade e sob o teto a que nos albergamos. Se não aprendemos a viver em paz, entre quatro paredes, como aguardar a harmonia das nações?

Nesse panorama, a mensagem do Cristo é o grande edifício da redenção social, que haverá de penetrar em todas as consciências humanas como um dia penetrou, no desprendimento de Vicente de Paulo, na solidariedade de irmã Dulce, na bondade de Chico de Assis, na dedicação de Teresa de Calcutá, na humildade de Chico Xavier e na não-violência de Mohandas Karamchand Gandhi, o Mahatma da Índia. Os postulados evangélicos, sob a ótica espírita, são antídotos contra a violência, posto que quem os conheça, sabe que não se poderá eximir das suas responsabilidades sociais, e que o seu futuro será uma decorrência do presente.

Nesse contexto, devemos considerar que o espírita-cristão deve se armar de sabedoria e de amor, para atender à luta que vem sendo desencadeada nos cenários da sociedade, concitando à concórdia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da vida moderna. Os Centros Espíritas, como Prontos-Socorros espirituais, muito podem contribuir no trabalho de prevenção e auxílio às vítimas das drogas, nas duas dimensões da vida, através de medidas que os incentivem ao estudo das Leis de Deus. O Centro Espírita, além de estimular as famílias à prática do Evangelho no Lar, oferece recursos socorristas de tratamento espiritual: passe, desobsessão, água fluidificada, atendimento fraterno (trabalho assistencial que enseja o diálogo, a orientação, o acompanhamento e o esclarecimento, com fundamentação doutrinária a todos, indistintamente.

A Doutrina Espírita, embora compreenda e explique muitos fenômenos sociais e econômicos, através da tese reencarnacionista, é revolucionária, porque propõe mudanças estruturais do ser humano; não contemporiza com a

concentração de riqueza e com a ausência de fraternidade, que significam a manutenção de privilégios e de excessos no uso dos bens, das riquezas e do poder de uns poucos em detrimento do infortúnio da maioria. O mais amplo sentido de Justiça Social, segundo a visão do Espiritismo, é a que está gravada no escrínio da consciência humana, que estimula o homem a cumprir seus deveres, honestamente, e a proteger seus direitos, respeitando os direitos alheios.

Luto e internet, uma reflexão espírita-cristã

Quase tudo que há alguns anos era armazenado em meio físico é agora arquivado em computadores, sejam os e.mails (substitutos das tradicionais cartas), fotos, vídeos ou outros tipos que talvez nem existissem sem a web. Atualmente é natural possuirmos uma "identidade" na internet – um perfil no twitter, no facebook, no buzz ou no blog. Um fenômeno intrigante tem surgido nesse ambiente virtual: a homenagem póstuma, ou seja, uma maneira de reconhecimento e congratulação realizada posteriormente à morte de um internauta.

Alguns murais do mundo internético têm-se transformado em memoriais aos finados. Escrevem-se mensagens de condolências para a família. Os comentários quase sempre são simples. Destaque-se que para alguns parentes de falecidos da rede são muito positivas as manifestações de carinho, por se tratar de um lugar que para "sempre" vai ser do extinto. Há quem compare esses avisos como visitas ao cemitério. Creem ser muito bom o túmulo ser assim, um lugar virtual onde o desencarnado já esteve e deixou um pouco de sua essência.

Surgiu um ponto curioso: quando desencarnarmos, quem atualizará nossos dados? Que novos elementos seriam esses? Será que nossa "identidade virtual" permanecerá congelada em um onipresente sem futuro? Há quem afirme que existem hoje mais de 5 milhões de falecidos na rede social. O que advém com o espólio digital depois que um internauta desencarna? Será que os dados (perfis) deles, mantidos nas redes sociais da internet, podem alterar o luto dos parentes?

Para alguns estudiosos, a permanência na internet de uma parte da identidade virtual da pessoa morta altera um pouco a forma como lidamos com a morte. As funcionalidades das redes sociais ganham outros significados: um espaço para troca de mensagens e links vira um espaço de homenagens póstumas e

até de conversas transcendentais.

O luto (1), seja ele virtual ou real, pode variar muito dependendo das pessoas, do tipo de morte e da cultura, mas que o caminho mais comum é entender que a pessoa partiu e redefinir a vida com a ausência do ente querido. Uma das teorias mais consagradas para elucidar a reação humana durante o luto é a dos "cinco estágios", desenvolvida pela psiquiatra suíça e reencarnacionista Elizabeth Kubler-Ross, em 1969. Segundo Kubler-Ross, até superar uma perda, as pessoas enlutadas passam por fases sucessivas de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Essa teoria entrou até para a cultura popular. Foi tema de um episódio recente do seriado americano Grey's anatomy e serviu como conteúdo ilustrativo para demonstrar o funcionamento do novo aparelho da Apple, o iPad.

Talvez, em razão da imponderável vida virtual, os recentes estudos sinalizam que há outras maneiras de lidar com a "partida" de quem amamos. Cerca de 50% das pessoas lidam muito bem com a "perda" e volta à vida normal em semanas. Apenas 15% de enlutados desenvolvem graves dificuldades que afetam a convivência social, possivelmente porque o "aceitar perdas", especialmente aquelas referentes aos sentimentos é enormemente complexo e trabalhoso para tais pessoas.

Se o luto não é essencialmente tão insuportável quanto se concebia e se a maior parte dos enlutados conseguem suplantar bem uma "perda", por que razão algumas pessoas não conseguem superar o trauma? Pois os 15% atravessam anos sobrevivendo como nos primeiros e mais complicados períodos do luto. Essas pessoas não conseguem retomar a vida. Cultuam a dor, em uma espécie de luto crônico, chamado pelos psiquiatras de "luto patológico" ou "luto complicado". Nas mortes traumáticas, como acidente, suicídio, assassinato, pode haver uma fase de negação mais prolongada; a culpa e a revolta podem aparecer com mais intensidade.

Transportando o sentimento para a família, o luto pode provocar uma grave crise doméstica, pois exige a tarefa de renúncia, de excluir e incluir novos papéis na cena familiar. Percebe-se então que existe aí uma confusão, pois essa crise

pode estancar o desenvolvimento dos parentes, fator que pode definir o processo de um luto crônico coletivo.

Sigmund Freud, em "Luto e Melancolia", nos remete para ponderações razoáveis sobre o desencadear patológico da "perda" afetiva pela desencarnação. Entre outras teses, o pai da psicanálise assegura que o luto é a resposta emocional benéfica, adequada para a ocorrência da "perda", já que há necessidade do enlutado de reconhecer a morte como evento, como realidade que se apresenta e que, naturalmente, suscita constrangimento. O luto nos coloca diante do fato, nos oferece condições de obter dentro de nós mesmos esse impulso frente ao que nos origina ansiedade; ele é, consequentemente, uma maneira de reorganização psíquica.

Freud afiança que na melancolia o enlutado identifica-se com o morto e, ao deparar com essa "perda", a pessoa entende que parte dela também está indo; há uma identificação patológica com o "de cujus". Vemos então que no enlutamento melancólico há o que Freud chama de estado psicótico, em que o ego não suporta essa ruptura e adoece gravemente.

Para nós espíritas, a morte tem outro significado, sobretudo para os que aqui permanecem. Temos consciência da imortalidade, da vida além-túmulo. Allan Kardec nos remete a Jesus, e com o Meigo Rabi certificamos que o fenômeno da morte é totalmente diferente. "No túmulo de Jesus não há sinal de cinzas humanas. Nem pedrarias, nem mármores luxuosos com frases que indiquem ali a presença de alguém.

Quando os apóstolos visitaram o sepulcro, na gloriosa manhã da Ressurreição, não havia aí nem luto nem tristeza. Lá encontraram um mensageiro do reino espiritual que lhes afirmou: não está aqui. Os séculos se esvaíram e o "túmulo [de Jesus] continua aberto e vazio, há mais de dois mil anos" (2)

Seguindo, pois, com o Cristo, através da luta de cada dia, jamais encontraremos a angústia do luto por causa da morte de pessoa amada, e sim a vida incessante.

Referências Bibliográficas:

(1) Luto [do latim luctu] – 1. Sentimento de pesar ou de dor

pela morte de alguém. 2. A exteriorização do referido sentimento ou o tempo de sua duração. 3. Consternação, tristeza.

(2) Xavier, Francisco Cândido. Alvorada Cristã, cap. 1, ditada pelo Espírito Neio Lucio, Rio d e Janeiro: Ed. FEB, 1991

Cotas para negros e questão racial

A Carta Magna brasileira determina que "ninguém terá tratamento desigual perante a lei e o acesso ao ensino superior se dará por mérito." (1) As cotas para negros nas universidades, desde sua implantação, no Brasil, em 2002, têm dividido opiniões. Pouco mais da metade da população, ou melhor, 51% são favoráveis à reserva de vagas para negros, mas, paradoxalmente, 86% defendem as cotas para pessoas pobres e de baixa renda, independentemente de raça. O mapa estatístico retrata que 53% dos brasileiros Creem que estabelecer cotas para negros é humilhá-los. Todavia, contraditoriamente, 62% concebem que elas são fundamentais para ampliar o acesso de toda a população à educação. Contudo, 62% dizem que elas (cotas) podem gerar atos de racismo. Em verdade, "a sobrevivência da ideia de raça é deletéria, por estar ligada à crença continuada de que os grupos humanos existem em uma escala de valor." (2)

Sobre a problemática racial, seja por pudor ou por uma questão de consciência, os brasileiros, atualmente, mostram-se, aparentemente, menos preconceituosos do que há uma década. Todavia, o brasileiro reconhece o preconceito no outro, mas não em si mesmo. Ou, como já definiu a historiadora da USP, Lilia Moritz Schwarcz, "todo brasileiro se sente como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados". É preocupante constatar que a ambivalência se mantém. Parece que os brasileiros jogam, cada vez mais, o preconceito para o outro. Eles são, mas eu não.

No passado, a crença de que as raças humanas possuíam diferenças biológicas substanciais e bem demarcadas contribuiu para justificar discriminação, exploração e atrocidades. Podemos encontrar o racismo em teorias, em formulações filosóficas que, em nosso País, fundamentaram, durante muito tempo, o preconceito racial e a suposta superioridade do

branco. É o caso da teoria arianista do cruzamento de raças, que considerava a inferioridade econômica e cultural do Brasil como consequência da miscigenação, da mistura entre as raças. (3) O Conde de Gobineau foi o principal teórico das teorias racistas. Sua obra, "Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas", de 1855, lançou as bases da teoria arianista, que considera a raça branca como a única pura e superior às demais, tomada como fundamento filosófico pelos nazistas, adeptos do pan-germanismo.

O racismo (4) é um tema pouco abordado nas hostes doutrinárias. A bibliografia é escassa. Os escritores e estudiosos espíritas brasileiros ainda não se debruçaram com maior profundidade sobre o assunto, exceto Herculano Pires e Deolindo Amorim, "en passant", referiram-se ao assunto.

No bojo da literatura basilar da Terceira Revelação, Kardec ressalta que, "na reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade."(5)

Ante os ditames da pluralidade das existências, ainda segundo Kardec, "enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família."(6)

Entretanto, apesar da atitude (para alguns, preconceituosa) atribuída a Kardec em relação ao negro, fruto do contexto em que viveu sobre discriminação e preconceito a determinada etnia, sua obra sai indene de todas as críticas no sentido ético. Até porque, para abordar do tema era imprescindível contextualizá-lo de acordo com teorias de superioridade racial muito em voga na época. A frenologia, por exemplo, advogava uma relação entre a inteligência e a força dos instintos em um indivíduo com suas proporções cranianas. Uma espécie de "desdobramento" pseudocientífico da fisiognomonia.

Num artigo publicado na Revista Espírita, de abril de 1862,

"Frenologia espiritualista e espírita - Perfectibilidade da raça negra" (7), Kardec faz uma espécie de releitura dessa "ciência" com um enfoque espiritualista, demonstrando que o "atraso" dos negros (habitantes da África à época) não se deveria a causas biológicas, mas por seus espíritos encarnados ainda serem, relativamente, jovens.(8)

A concepção de que o homem possa encarnar na condição de branco, negro, mulato ou índio, estabelece uma ruptura com o preconceito e a discriminação raciais. Porém, na Grã-Bretanha, ainda hoje, muitos adeptos do Neo-espiritualismo rejeitam a tese da reencarnação, por não admitirem a possibilidade de terem tido encarnações em posições inferiores quanto à raça e à condição social. Com os princípios espíritas, "apaga-se, naturalmente, toda a distinção estabelecida entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor". (9) Como se observa, uma doutrina libertária, como o Espiritismo, não compactua, sob quaisquer pretextos, com ideologias que visem a discriminação étnica entre os grupos sociais.

Porém, sem dúvida alguma, o racismo brasileiro, ainda escamoteado e acobertado pelo mito da "democracia racial", é um estigma, uma nódoa presente na mente dos brasileiros, e que faz parte do cotidiano de todos nós. Deus não concedeu superioridade natural aos homens, nem pelo nascimento, nem pela morte. Diante d'Ele, todos são iguais. Dessa forma, é mais do que lógico o próprio negro entender que somente ele poderá conquistar seu espaço nas diversas áreas do conhecimento. Ninguém fará por ele aquilo que deve ser feito para o seu próprio bem estar, e isso vale para todas as raças.

Referências bibliográficas:

(1) Constituição Federal, Editora Saraiva.

(2) Sérgio Pena, autor do livro "Humanidade Sem Raças?" (Publifolha, 2008), da Série 21

(3) Raimundo Nina Rodrigues, ensaísta, etnógrafo e sociólogo, um dos primeiros a estudar o comportamento dos

negros brasileiros, e Sílvio Romero, ensaísta e historiador, foram, no começo do século, os principais elaboradores da teoria arianista, que considera a raça branca como sendo superior às demais.

(4) Segundo a acepção do "Novo Dicionário Aurélio" é "a doutrina que sustenta a superioridade de certas raças".

(5) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2002, pág. 31

(6) Idem págs. 415-416

(7) Publicado na Revista Espírita, artigo "Frenologia espiritualista e espírita - Perfectibilidade da raça negra", de abril de 1862

(8) Idem

(9) Kardec, Allan. Revista Espírita de abril de 1861 págs. 297-298

Perante os ex-presos, como acolhê-los na sociedade?

Após o cumprimento da sentença, como deve ser a ressocialização dos ex-detentos que perpetraram crimes rumorosos? Carece ser diferente do que foi com os demais ex-presidiários? Os algozes de Daniela Perez e os homicidas do índio Galdino, hoje em liberdade, têm condições de coexistir com a sociedade? Como devemos conviver com tais pessoas? Fazem jus a uma nova chance? Sabemos que arrasaram famílias. Não é difícil arrazoar quando as vítimas não são nossos parentes.

Mas, reflitamos, já cumpriram suas penas, portanto, elas têm o direito de viver a vida, já que pagaram pelo que fizeram. Sim! O débito com a justiça foi liquidado, e sabemos que é uma dívida que não se mensura visando a paz de consciência. É uma dor moral que carregam nos escrínios da consciência que não se interrompe.

Muitos afirmam que a Lei Penal brasileira é pusilânime, mas é a Lei; eles cumpriram pena e têm o direito de ter suas vidas recompostas. O desígnio da lei não é punir puramente, entretanto igualmente possibilitar a recuperação do indivíduo. Para OS especialistas do assunto, a pena é uma resposta punitiva estatal contra um determinado crime e deve ser proporcional à extensão do dano, jamais poderá violar a dignidade humana, pois estaria reparando um erro com outro erro.

É mais do que sabido que a punição por si só não muda o comportamento transgressor do ser humano socialmente opresso, é preciso reeducá-lo para que possa compreender a importância da liberdade. A ausência de políticas públicas com objetivo de reintegrar o preso à sociedade inviabiliza qualquer possibilidade de reabilitação quando este torna-se egresso do sistema prisional.

A própria condição de ex-presidiário impregna em si o peso

da sociabilidade carcerária e, por conseguinte, afeta a reconstrução de dados básicos da vida cotidiana, tais como as inclusões formais de trabalho, de lazer, de família. A dificuldade de ressocialização é um problema enfrentado por todo ex-detento. Independentemente do crime cometido, ao ter a liberdade garantida, o ex-preso esbarra no preconceito de uma sociedade que não está preparada para recebê-lo. No Brasil o egresso do sistema prisional é um eterno condenado, carrega um rótulo estigmatizado de ex-presidiário, sofre a aversão da sociedade e porta cédulas de identidade com a desonra de ex-detento.

Todos os seres humanos que erraram devem ter oportunidade de recompor-se. Para tanto, a sociedade e o governo lhes devem condições dignas. Até mesmo os presos tidos por "irrecuperáveis" foram e são vítimas do sistema. A sociedade precisa ser transformada. Esse conjunto de fatores dificulta uma necessária, providencial e humanitária reinserção do detento no mercado de trabalho, e consequentemente ao convívio social.

Outra coisa a ser cogitada é que o preconceito contra o ex-detento precipita o seu revide no crime – a rejeição entre os seus inviabiliza qualquer ensaio de reintegração ou tentativa de transformação, podendo ainda torná-lo mais violento. Esse procedimento é um espelho do próprio impulso de defesa humana. Por isso, é preciso apoio familiar, ativação dos bons valores e um pouco de tolerância para que o ex-encarcerado possa sobrepujar os traumas do drama penitenciário. Estima-se que (21%) dos brasileiros não gostariam de encontrar ou ver os ex-presidiários. Os ex-detentos despertam repulsa ou ódio em (5%) dos brasileiros, antipatia em (16%) e recebem a indiferença de (56%) dos entrevistados. O levantamento foi realizado em 2.014 domicílios, de 150 municípios de pequeno, médio e grande porte, em todas as regiões do País e com pessoas maiores de 16 anos.(1)

Sem oportunidade no mercado de trabalho, o ex-presidiário perde opções de subsistência e enxerga no crime uma das poucas alternativas para continuar se mantendo. O preconceito da sociedade contra as pessoas que cometeram delitos acaba

estimulando a criminalidade.

Os Benfeitores Espirituais nos instruem que devemos "amar os criminosos como criaturas que são, de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependerem, como também a nós, pelas faltas que cometemos contra sua Lei.".(2) Muitas vezes somos "mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem negamos perdão e comiseração, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como O conhecemos, e muito menos lhes será pedido do que a nós."(3)

Por várias razões, não podemos julgar nenhuma pessoa, porquanto "o juízo que proferirmos ainda mais severamente nos será aplicado e precisamos de indulgência para as iniquidades em que sem cessar incorremos. Não podemos ignorar que há muitas ações que são crimes ante os ditames da Lei de Deus e que o mundo nem sequer como faltas leves considera.".(4)

Em suma, diante dos criminosos devemos "observar o nosso modelo: Jesus. Que diria Ele, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Em realidade, se não podemos fazer o mesmo, podemos pelo menos orar pelos criminosos. Podem eles ser tocados de arrependimento, se orarmos com fé."(5)

Referências bibliográficas:

(1) http://www.fpabramo.org.br

(2) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo O Espiritismo. Cap. XI "Amar o próximo como a si mesmo - Caridade para com os criminosos", RJ: Ed FEB, 1990

(3) idem

(4) idem

(5) idem

Rugidos da natureza

O famoso físico Stephen Hawking, em seu mais novo livro intitulado "O Universo numa Casca de Noz", expõe de forma instigante que: "Uma borboleta batendo as asas em Tóquio pode causar chuva no Central Park de Nova Iorque".(1) Como ele mesmo explica, "não é o bater das asas, pura e simplesmente, que gerará a chuva, mas a influência deste pequeno movimento sobre outros eventos em outros lugares é que pode levar, por fim, a influenciar o clima."(2)Chama-nos atenção a sequência de catástrofes naturais que têm ocorrido nos últimos tempos. "Estimativas não-oficiais apontam para o desencarne em massa de mais de 30 mil pessoas, sendo que mais de 100 mil pessoas perderam suas casas, importando num dos maiores cataclismos que atingiram o Irã, similar ao ocorrido em setembro de 1978."(3) Seja com o tsunami na Indonésia, que arrasou tantas cidades e provocou tanta destruição.

São os "furacões que se reúnem num conselho de deuses feito de ventos e raios no golfo do México e se conjugam no Katrina, que sai cheio de ira e de energia, invade países e termina destruindo Nova Orleans [seria influência das "borboletas" humanas destroçadas no Iraque?] ou ainda o Rita, com a mesma fúria, e, agora, o terremoto da Caxemira, no Paquistão, região de confronto com a Índia, onde forças estão em permanente vigília para guerrear e, de repente, unidas pela desgraça, deixam as armas, ocupam as ambulâncias e se unem pela solidariedade". (4)Devido a esses estrugidos da natureza, surgem em várias partes do mundo grupos de pessoas fanáticas que criam seitas e cultos estranhos, abandonam emprego, família, à espera do 'juízo final". "Só na França, conforme a Revista ISTOÉ, de 4 de agosto de 1999, há cerca de 200 delas, com 300 mil adeptos.

No Japão, vários "gurus" prevêem o "final do mundo". Nos Estados Unidos, 55 milhões de americanos acham que falta

pouco para o mundo acabar. Para esses, os furacões que têm destruído a região central do país são anjos enviados para punir os homens, anunciando o "grande final".(5)Não é nada confortador o surgimento de pessoas com essas estranhas crenças que se multiplicam mundo afora, obscurecidas na razão pela expectativa de uma "nova era". Até mesmo nas hostes espíritas, têm surgido alguns livros com ideias que induzem a muitos incautos ao pânico ou à hipnose catastrofista do quanto pior melhor...!Nos dias atuais, ante a Lei de Causa e Efeito não precisamos possuir o talento de premonição para vaticinarmos sobre o panorama terrestre para muito breve. Os terremotos, os furações, as inundações, as erupções vulcânicas e outras catástrofes naturais são uma parte inevitável do pulsar da natureza. Isto não quer dizer que não possamos fazer alguma coisa para nos tornarmos menos vulneráveis. "Aprender com as catástrofes de hoje para fazer frente às ameaças futuras".(6) - recorda-nos Kofi Annan, secretário Geral da ONU, ressaltando que cabe a todos nós retirar lições de cada tragédia. Em muitas situações o nexo causal entre a catástrofe e a ação humana acha-se presente. Os homens alteram a composição geológica, com escavações, desmatamentos, aterros e outros mais, e sua imprevidência acaba gerando as ocorrências das mencionadas catástrofes "naturais".

E nessa conjuntura de medo se pressagia alguma situação sobre um próximo cenário terreno em total marasmo. Sabe-se nas universidades européias que poluição de veículos automotores no Velho Continente mata mais do que acidentes de trânsito. Percebe-se o vigor da expansão do consumo das drogas, a banalização do comportamento sexual veiculado por revistas, jornais, televisão, cinema, teatro, videocassete, tv a cabo, computador etc. Há hipóteses de que o islamismo (patrocinado pelo dinheiro do petróleo) se confrontará com as nações cristãs, vindas assumir aos poucos o lugar que fora do comunismo de outrora nas suas bases ideológicas. Discute-se a legalização das drogas, cita-se o desemprego estrutural (resultante do fenômeno globalizante) comenta-se a ruptura da ordem etc... Especula-se sobre a sombria previsão da drástica redução do manancial de água potável para daqui a quatro

décadas. Acerca disso alguns estudiosos prevêem conflitos mundiais tendo como elo de causa a corrida pelo controle do líquido vital. "Nós nos acostumamos sempre a ouvir que o Brasil não tem terremotos nem tufões. Mas não esqueçamos a seca, tão cruel quanto aqueles e que, agora, na terra das águas, chega ao Amazonas. Os rios estão secando ali, onde existe 12% da água doce da Terra". (9)

Sabemos com o Gênio de Lyon que os grandes fenômenos da Natureza, aqueles que são considerados como uma perturbação dos elementos, não são de causas imprevistas, pois "tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus. "( ) E os cataclismos "algumas vezes têm uma razão de ser direta para o homem. Entretanto, na maioria dos casos, têm por objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza."( )Enquanto as penosas transições do século XX se anunciam ao tilintar sinistro das moedas ecoando nas bolsas de valores, as forças espirituais reúnem-se para a grande reconstrução do porvir. Aproxima-se o momento em que se efetuará a aferição de todos os valores morais terrestre para o ressurgimento das energias criadoras de um mundo novo. Nessa jornada a lição de Jesus não passou e não passará jamais. Na luta dolorosa das civilizações Ele é a luz do princípio e nas Suas mãos repousam os destinos da Terra."Nesse mundo só tereis aflições, mas tende bom ânimo, [disse o Mestre] Eu venci o mundo".(10)

Nesse aviso constatamos que realmente assim é a vida nesse mundo, em que para uma hora de alegria ou felicidade temos dias e dias de tristeza e dor. Assim mesmo continuamos vivendo dia após dia, confiante de que somos espírito eterno, criado para a excelsitude espiritual. Os pessimistas insistem sempre em considerar que a maneira negativa e sombria de perceber as coisas do mundo é uma maneira realista de viver. Na verdade, se olharmos a vida com muita emoção (distantes do raciocínio) vamos encontrar motivos que nos abatem os ânimos em qualquer lugar e em qualquer situação; crianças carentes, fome universal, guerras, violência urbana, sequestros, carestia, insegurança social, corrupção, acidentes catastróficos e por aí à fora. Entretanto, é um dever para com nosso bem-

estar estarmos adaptados à vida, com tudo que ela tem de bom e de ruim, sem necessariamente contemporizarmos com tudo. Estar preocupado significa estarmos sempre procurando melhorar as condições atuais, fazer alguma coisa para mudar a situação para melhor. Essa preocupação é uma atitude sadia e desejável.

Lembremos que ainda há tempo para a prática dos códigos evangélicos, condição única que determinará a grande transformação Global do futuro. Será o final do mundo velho, deste mundo regido pelo preconceito, pelo orgulho, pelo egoísmo, pela incredulidade. "Há uma lição a tirar de tudo isso. É que todos nós estamos condenados a viver juntos, a abandonar os tempos de guerra e a buscar, na unidade, nos prepararmos para sobreviver no planeta que abriga nossas vidas".(11)

A Terra não terá de transformar-se por meio de uma hecatombe que destrua de vez uma geração inteira. Até porque os preceitos espíritas indicam que a atual geração desaparecerá gradativamente e uma nova lhe sucederá naturalmente, ou seja, uma parte dos espíritos que encarnavam na Terra não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um espírito inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um espírito mais adiantado e propenso ao bem. Por mais difícil que seja o inevitável processo da seleção final dos valores éticos da sociedade, não podemos esquecer que Jesus é o Caminho que nos induz aos iluminados conceitos da Verdade, onde recebemos as gloriosas sementes da sabedoria, que dominarão os séculos vindouros, preparando nossa vida social para as culminâncias do amor universal no respeito pleno da vida do Planeta.

Referências bibliográficas:

(1) Hawking, Stephen. O Universo Numa Casca de Noz, São Paulo: Ed. Mandarim, 2a Edição, (2002).

(2) Idem

(3) Marcelo Henrique Catástrofes e Desencarnes em Massa A visão espírita disponível em 15/10/2005

(4) Sarney José. A reação da natureza Artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo em 14.10.05

(5) Revista ISTOÉ de 4 de agosto de 1999

(6) Mensagem do secretário-geral, Kofi Annan, por ocasião do Dia Internacional para a redução das catástrofes naturais (13 de outubro de 2004) disponível em acessado em 12/10/2005

(7) Cf. _. A reação da natureza Artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo em 14.10.05 (Sarney)

(8) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2004 perg 536

(9) Idem perg 563-a

(10) (João 16:33)

(11) Cf. A reação da natureza Artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo em 14.10.05 (Sarney)

A juventude do pós-guerra - conflito de gerações

Muito se fala e se especula sobre o modelo analítico comportamental do jovem nas três últimas décadas.

O homem é por natureza um ser social. Suas relações com o mundo formam os grupos fundamentais da sociedade. A família, a escola, o trabalho, o shopping, o clube etc., retratam bem a necessidade que o homem tem de se relacionar com os outros, em constante reciprocidade. Ninguém vive isolado e ninguém é auto-suficiente.

Grosso modo, o tipo de grupamento jovem no período proposto está assentado, fundamentalmente, numa base material, conhecida, em várias rodas, por base econômica. Claro que dela se originam os diversos tipos de relações psicossociais, inclusive conflitos urbanos e bélicos. Nessa base, ideologicamente surge o conceito de superestrutura: o Estado, as leis, as religiões, a Filosofia, a cultura, a educação. Surge, enfim, a sociedade, hoje marcada pela cultura hedonista e utilitarista, e pela violência estrutural.

A economia passa a influir na vida de relação, ou seja, nas ideias em geral, nos comportamentos, no psiquismo individual e coletivo.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha derrotada era um verdadeiro caos no tecido social e no campo econômico. Seus líderes procuravam reorganizar a Nação, ideologicamente dividida entre duas tendências políticas. Por isso, surgem a Alemanha ocidental e a Alemanha Socialista. Nesse clima, encontramos a mocidade européia, especialmente a alemã, totalmente sem rumo. Sociólogos, pedagogos, psicólogos, especialistas e professores muito se preocuparam com aquela geração de jovens marcada pelos terríveis sofrimentos físicos e morais, resultante de um conflito trágico, testemunhas oculares de uma guerra que começou em setembro de 1939, com a invasão de Hitler à Polônia, e se estendeu até agosto de l945,

com as explosões das duas bombas termo-nucleares no Japão.

A pergunta que aflorava em cada jovem do após-guerra era: e agora, o que vamos fazer de nossas vidas? Já não nos basta trabalhar, ganhar dinheiro, comer, beber, procriar! A vida não pode se constituir somente nisso, conforme escreve Juvanir Borges, no Reformador, de agosto de l994.

Nesse clima, observamos que os jovens tinham uma certa razão, uma vez que seus conhecimentos e os ensinamentos de suas crenças religiosas não respondiam aos anseios de idealistas construídos nas doloridas repercussões da guerra. Ante essa instabilidade psíquica e ausência de orientação moral-espiritual, tornam-se presas frágeis do materialismo. Em consequência, essa geração foi uma geração destroçada.

A filosofia do existencialismo impulsionou a recondução do jovem à era das cavernas, fazendo-o mergulhar nos subterrâneos das grandes metrópoles e, ali, entregando-se à fuga da consciência e do raciocínio, pela busca do prazer alucinado do gozo imediato. Joanna de Ângelis explica essa situação, afirmando que, da aberração pura e simples a desequilíbrios cada vez mais graves, a juventude desgovernou-se e a filosofia da flor e do amor assumiu proporções alarmantes, convocando homens éticos a atitudes, para elaboração de novos conceitos filosóficos, capazes de frenarem a onda de sexo e erotismo. Era o ressurgimento apoteótico do velho sistema de Diógenes, acrescido pelo superluxo e profundo desinteresse pela vida. O Cinismo irrompeu nas últimas manifestações filosóficas, transformando os alucinógenos, barbitúricos e benzodiazepínicos em gostosos manjares para as fugas espetaculares da realidade e completo mergulho no "vazio existencial".

Portanto, a geração do após-guerra foi uma geração confusa, sem norte e esfacelada. A panorâmica internacional da Guerra Fria dos anos 50 forjou a irrupção da nominada juventude transviada nos cenários norte-americanos. Este movimento deu base para a geração da contracultura dos anos 60, por estarem em desacordo com valores tradicionais da classe média americana. Enxergavam o paternalismo governamental, as corporações industriais e os valores sociais

tradicionais como parte de um "estabelecimento" único, e que não tinha legitimidade. Portanto a filosofia hippie (*) nada mais era do que a bizarra forma de vida dos diogeanos contemporâneos, no esforço da quebra das amarras vitorianas de maneira contundente. Nos idos dos anos 70, encontramos uma geração com características amargas. No Brasil, vivemos o que alguns chamaram de Anos Rebeldes. A juventude era a resultante de um regime militar e muitos somaram esforços no sentido de transplantar para cá a Revolução Soviética, o que resultou em gravíssimos conflitos ideológicos, numa luta por reivindicações inexpressivas (sem legítimo valor), no tocante a situações econômicas e sociais. Nos anos 80 e 90, houve uma invasão mundial de ideologias bizarras, com o eclodir de atavios de experiências pregressas, e surgem as gangues neonazistas, os bad boys, os Punks. Paralelamente, às buscas desses grupos estranhos, desencadeia-se, do outro lado social, a explosão do consumo com o aparecimento, em profusão, dos centros comerciais. Os meios de comunicação quebraram os valores regionais e introduziram uma cultura uniforme, sem fronteiras.

Em face de valores como o amor, a liberdade, a justiça e a fraternidade, que na prática perderam o conteúdo original, surgia uma nova realidade, o CONSUMO, estabelecendo os seus próprios valores: o sucesso e a competição.

Os empresários descobriram, no jovem imaturo, todo o potencial do consumidor. Segundo levantamentos estatísticos, em apenas 40 anos, o número de jovens entre 15 e 24 anos duplicou; os 500 milhões de l960 são mais de 1 bilhão, nesse novo Século. Toda linha de produção, como discos, roupas, espetáculos, foi concebida a partir deles e para eles. Os personagens que os jovens transformaram em ídolos (Beatles, Mao, Che Guevara, etc.), justamente, porque tinham contestado o sistema, foram-lhes devolvidos, comercializados: pôsteres dos Beatles, camisas com o rosto de Che Guevara, etc.. O consumo transformava a contestação em um produto de consumo e o jovem, em referência de gastança.

Certa vez, falando sobre conflitos de gerações, o médico inglês Ronald Gibson começou uma conferência citando as seguintes reflexões:

1)"Nossa juventude adora o luxo, é mal educada, caçoa da autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Nossos filhos, hoje, são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem aos seus pais e são simplesmente maus."

2)"Não tenho mais nenhuma esperança no futuro do nosso país, se a juventude de hoje tomar o poder amanhã; porque essa juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível."

3)"Nosso mundo atingiu seu ponto crítico. Os filhos não ouvem mais seus pais. O final do mundo não pode estar muito longe!"

4)"Essa juventude está estragada até o fundo do coração. Os jovens são malfeitores e preguiçosos. Eles jamais serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura."

Após ter lido as quatro citações, ficou muito satisfeito com a aprovação que os espectadores davam às frases. Então, revelou a origem delas:

A primeira é de Sócrates (470-399 a.C.), a segunda é de Hesíodo (720 a.C.), a terceira é de um sacerdote do ano 2000 a.C, e a quarta estava escrita em um vaso de argila descoberto nas ruínas da Babilônia e tem mais de 4000 anos de existência.

Gibson concluiu que o conflito de gerações é normal e a geração que está sendo substituída sempre tenta diminuir as capacidades da que está ascendendo. Porém, toda juventude tem o poder de transformação e deve usá-lo para criar sociedades mais justas.

A despeito de tudo isso, acreditamos que, após os processos de aferição e seleção dos valores morais na Terra, em um determinado momento - quiçá não muito longe - a sociedade será contemplada com uma geração de espíritos que, no transcurso da adolescência, pelo plantio da paz, experimentarão a sua essência. Saberão conservar essa paz, com Jesus, no seu mais lídimo ideal.

(*) O termo derivou da palavra em inglês hipster, que designava as pessoas nos EUA que se envolviam com a cultura

negra, e.x.: Harry "The Hipster" Gibson. Em 6 de setembro de 1965, o termo hippie foi utilizado pela primeira vez, em um jornal de São Francisco, um artigo do jornalista Michael Smith. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Hippie acesso em 19-02-08

A luz humana

Disse-nos o Cristo: "brilhe vossa luz". (1)

Cientistas da Universidade de Kyoto, no Japão, atestam, conforme artigo publicado na revista científica Plos One, que o corpo humano, literalmente, brilha, especialmente, a área do cérebro (núcleo da vida mental), que emite luz visível em pequenas quantidades e que variam durante o dia. Pesquisas anteriores já haviam demonstrado que o organismo emite luz visível, mil vezes menos intensa do que podemos perceber a olho nu.

Na realidade, praticamente, todos os seres vivos emitem uma luz muito fraca, que pode ser um subproduto de reações bioquímicas, dizem os estudiosos. Quando algumas reações químicas exotérmicas ocorrem, a parte da energia liberada se transforma em energia luminosa.

O emissor de luz se mantém frio, à temperatura do meio onde se encontra. Esse fenômeno é denominado luminescência química. Vejamos um exemplo: no Verão, na floresta, durante a noite, é possível ver um curioso inseto - o pirilampo (vaga-lume). O seu corpo irradia uma intensa luz esverdeada. Essa luminosidade não queima os dedos, se apanharmos um vaga-lume. A mancha luminosa que se encontra no dorso do pirilampo tem, praticamente, a mesma temperatura que o ar à sua volta. A propriedade de se iluminarem é encontrada, também, em outros organismos vivos, a exemplo das bactérias, dos insetos e muitos peixes, que existem a grandes profundidades, onde a luz solar não alcança. Em tempo de progresso sustentável do planeta, lamentavelmente, até agora, não foi possível construir emissores econômicos da luz, baseados nos princípios da luminescência química.

Há um grupo de pesquisadores brasileiros que conseguiu entender como determinadas enzimas podem adquirir bioluminescência, ou a emissão de luz visível por organismos

vivos. Os resultados da pesquisa foram publicados na revista Photochemical & Photobiological Sciences, em artigo que traz informações inéditas sobre a estrutura e funções dessas enzimas luminescentes.

Sobre a luz humana, "descoberta" pelos japoneses, ela difere da radiação infravermelha (que é uma forma de luz invisível - que vem o calor do corpo). Os cientistas nipônicos trabalharam com câmeras muito sensíveis, capazes de detectar um único fóton (partícula elementar mediadora da força eletromagnética). Cinco voluntários sadios, do sexo masculino, foram colocados em frente às câmeras e em quartos, completamente, escuros. A exposição foi realizada de três em três horas, durante 20 minutos - das 10 às 22 horas - por três dias. No estudo, verificou-se o fato curioso, como dissemos acima: na região do cérebro, o brilho era mais intenso do que no resto do corpo.

Em verdade, o sistema nervoso, os núcleos glandulares e os plexos emitem luminescência particular, e, justapondo-se ao cérebro, a mente surge como esfera de luz característica e oferece, a cada pessoa, determinado potencial de radiação. O pensamento, que é força criativa, a exteriorizar-se, da criatura que o gera, por intermédio de ondas sutis, em circuitos de ação e reação no tempo, é tão mensurável como o fóton que, arrojado pelo fulcro luminescente que o produz, percorre o espaço com velocidade determinada, consoante explica o Espírito André Luiz. Os cientistas Niels Bohr, Max Planck e Albert Einstein erigiram novas e grandiosas concepções de irradiação da luz. O veículo carnal, a partir desses três expoentes da ciência, não é mais que um turbilhão eletrônico, regido pela consciência, ou seja, cada corpo tangível é um feixe de energia concentrada. A matéria é transformada em energia, e esta desaparece para dar lugar à matéria.

O tema nos remete a refletir sobre a aura humana que tem sido investigada, há muito tempo, por médicos, cientistas e investigadores psíquicos. No século XIX, o Barão Von Reichenback, químico austríaco, revelou pesquisas que o fizeram verificar a realidade da emanação de energia [que poderia ser chamada aura ou od], pelos ímãs, pelos cristais e

pelos seres humanos. À época, o médico e cientista norte-americano, James Rhodes Buchanan, descobriu que havia emanação pelo corpo humano, através das mãos e condicionada pela mente, de uma aura nérvica e que todo o objecto que pegassem, de qualquer época, mesmo a mais remota, poderia ser, nele, identificada e interpretada. Tal fenômeno denominou-se de Psicometria. Em 1852, o médico inglês, Benjamin Richardson, proclamou a existência daquela atmosfera nérvica e que se irradiava à volta do corpo humano.

Collongues, psiquista francês, inventou o Dinamoscópio, aparelho que se destinava a provar a existência de irradiações pelo corpo humano vivo em contraposição ao fenômeno do estado não vibratório da morte. Em 1872, criou o Bioscópio para provar a existência de uma irradiação vital pelo corpo humano. O Conde Albert de Rochas, de 1887 a 1896, publicou, em duas obras, o resultado de suas pesquisas, a que chamou "Exteriorização da sensibilidade e exteriorização da motricidade, pelo corpo do ser humano" (1891 - O Fluido dos Magnetizadores; 1895 - A Exteriorização da Motricidade).

"A. Fanny", físico suíço, deu, à irradiação em volta do corpo humano, o nome de Anthroproeux (do grego anthro - homem e phlus - fluir, emanar), isto é, emanação humana; Sydney Alrutz, médico sueco, comprovou a realidade da irradiação de fluido magnético pelo ser humano, principalmente, através das extremidades digitais. Semion e Valentina Kirlian, casal de cientistas da antiga União Soviética, por volta do ano 1939, idealizaram um aparelho para fotografar a irradiação da energia vital, expandida pelo ser humano - A Bioenergia - método que depois estendeu aos animais e vegetais, conhecido como Efeito Kirlian. No entanto, só em 1974 foi reconhecido seu invento e autorizada a patente pelo Presidium do Soviete Supremo."(4)

Todos os seres vivos, dos mais rudimentares aos mais complexos, revestem-se de um "halo energético" que lhes corresponde à natureza. É irradiação provinda da vitalidade dos tecidos vivos, tanto vegetais quanto animais. Este fato pode ser comprovado, cientificamente, pelos processos Kirlian, onde experiências realizadas, demonstram que a aura envolve corpos celulares de vegetais e animais, e que esta irradiação está

diretamente ligada à atividade celular, forte e radiante em uma folha viva, por exemplo, e enfraquece e definha à medida que a atividade celular desta reduz.

Tendo como fonte as teses do Espírito André Luiz, cientificamos que, no homem, semelhante irradiação surge, profundamente, enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanações do campo celular, modelam-lhe, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

Na Aura humana, há determinada conjugação de forças físico-químicas e mentais peculiar a cada indivíduo, assemelhando a espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas ideias se evidenciam, plasmando telas vivas.

Chamemos de fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos e que atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedoras ou deprimentes.

Pelo exposto, observamos que cada um de nós exterioriza o próprio reflexo nos contatos do pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais. Por essa razão, os Espíritos, facilmente, identificam os valores da individualidade humana pelas irradiações luminosas que emitem, emanações essas que, invariavelmente, têm relação direta com a moralidade, o sentimento, a educação e o caráter claramente perceptíveis, através da aura que carregamos ao nosso redor.

Referências bibliográficas:

(1) (Mt. 5:16)

(2) Um nanômetro equivale a 1,0 × 10 - 9 metros [ou um milionésimo de milímetro]. É uma unidade de comprimento do SI (Sistema Internacional de Unidades), comumente usada para medição de comprimentos de onda de luz visível (400 nm a 700 nm), radiação ultravioleta, radiação infravermelha e radiação

gama, entre outras coisas.

(3) comparemos estes números com a faixa de 20 a 20.000 Hz do som audível para o ser humano. A luz do Sol, localizado a cerca de 150 milhões de quilômetros, atinge a Terra após viajar cerca de 8 minutos pelo vazio do espaço, a uma velocidade de 300.00 km/s.

(4)http://www.nervespiritismo.com/passe_magnetico_04.html

(5) Resumo de algumas teses de André Luiz através das suas obras.

Ano 2012, o fator Maia e Nostradamus, muitas crendices e paranóias

Analisemos a seguinte matéria: "Você temeria o futuro se levasse a vida de Tom Cruise, com mais de US$ 300 milhões no banco e presença garantida na lista de celebridades mais ricas do mundo elaborada pela revista Forbes?" Então, imagine o impacto da notícia, divulgada no ano passado, de que o superastro estaria construindo um abrigo subterrâneo, de US$ 10 milhões, no terreno de sua mansão, no Colorado. Segundo o relato, publicado pela revista "Star", Cruise estaria convicto de que a Terra experimentará um contato, potencialmente devastador, com uma raça alienígena, em 2012. O ator acredita que a vida em nosso planeta vai mudar para pior ou para melhor, em 21/12/2012. Nessa data, encerra-se o calendário que era usado pelos antigos Maias no auge da sua civilização. Por isso, todo o movimento, envolvendo o ano de 2012, é chamado, genericamente, também, de "Profecia Maia". (1)

Essa crendice estúpida é o ponto culminante de um processo que começou há duas décadas. Em 1984, o americano José Arguelles publicou "O Fator Maia". Nele, mesclava seus estudos, sobre o fim do calendário Maia, com suas próprias ideias agourentas. O autor se inspirou em um livro de ficção. Arguelles disse que a data marcaria o fim do ciclo do Homo Sapiens e o início de uma época, ecologicamente, mais harmoniosa. Conclamou os leitores a se reunirem, em várias partes do mundo, nos dias 16 e 17 de agosto de 1987, para meditar e rezar, dando um pontapé inicial para o grande dia que estava, ainda, há 25 anos da tal crendice absurda imaginada para o futuro. "Esse evento, batizado de Convergência Harmônica, atraiu grande atenção da mídia americana e ganhou o apoio de celebridades como a atriz Shirley McLaine." (2) Sabemos, no entanto, que "os bons Espíritos nunca determinam datas. Portanto, a previsão de

qualquer acontecimento, para uma época determinada, é indício de mistificação.

Convivemos, atualmente, com uma "hecatombe" de informações agourentas, passíveis de causar muita confusão. Para escrever este texto, li um estranho livro destinado, exclusivamente, às profecias de magos, videntes, adivinhos e profetas de várias religiões e seitas. O enfoque do livro foi o ano 2012, como data fatídica, em que a humanidade irá sucumbir por catástrofes terrestres ou vindas do espaço. Entre outras "pérolas", no livro, encontrei que, segundo previsão dos Maias, "a Quinta Era do Sol, que vivemos, acabará em 20 de dezembro de 2012, em meio a catástrofes naturais". Em estudos realizados por astrônomos, sobre aproximações perigosas de asteróides, há, realmente, uma previsão, baseada em estudos científicos, que diz o seguinte: A força gravitacional da Terra pode atrair um grande asteróide, de nome 2004 MN4, o que poderá provocar uma forte colisão entre ambos, por volta de 2034. (sic...)

Na Idade Média, eram comuns as previsões esquisitíssimas provindas da Igreja, enfocadas em catástrofes climáticas, miséria, epidemias, eclipses e cometas imprevistos. Ressalte-se que maremotos, ciclones, erupções vulcânicas, asteróides, cometas, mudanças climáticas e o aquecimento global, tanto em evidência hoje, são catástrofes naturais que fazem parte da história do planeta. Existiram em todas as épocas e continuarão existindo.

Atualmente, profecias, notadamente as de Nostradamus, são lembradas e citadas até o limite do intolerável. Um mau agouro paira sobre as mentes mais frágeis. Nesse frenesi, cada seita, com seu cortejo de fanáticos, já estabeleceu sua agenda para o tal "Juízo Final."

As "revelações" nostradâmicas foram escritas no Século XVI - quase sempre pessimistas - e estão reunidas em alguns volumes, notadamente, com uma linguagem empolada, cujo título da obra é: "As Centúrias". Alguns nostradâmicos de plantão interpretaram que a destruição e a fome estariam marcadas para setembro de 1999. Outros neurastênicos acreditam que o ano 2012 será palco de destruição

inimaginável. Outros alienados dizem que Nostradamus prevê o fim do mundo, somente, no ano 3797.

Subliminarmente, alguns desavisados ficam assustados com a passagem do tempo, esquecendo-se de que a nossa contagem cronológica é, totalmente, arbitrária. O Universo está pouco se lixando com a maneira de como dividimos e contamos o tempo. Para os fanáticos, que fixam datas para acontecimentos futuros, sugiro que prestem bastante atenção para o seguinte fato real: O nascimento de Jesus é o episódio que, tradicionalmente, demarca o início da Era Cristã. Porém, por força de um erro de cálculo, cometido no Século VI d.C., pela Igreja, as datas não coincidem. Sabe-se, atualmente, que Jesus nasceu antes do ano 1, provavelmente, entre 6 e 5 a.C. Pode-se afirmar isso, com razoável segurança, graças à narrativa muito precisa do Evangelho de Lucas. Segundo o evangelista, o fato aconteceu na época do recenseamento, ordenado pelo Imperador romano, César Augusto. Esse censo, o primeiro realizado na Palestina, tinha por objetivo regularizar a cobrança de impostos. Os historiadores estão de acordo em situar tal fato político no período que vai de 8 a 5 a.C.

Curiosamente, a enciclopédia O Mundo do Saber, Editora Delta-Volume I, (3) registra: Jesus nasceu em Belém-Judéia, em 4 a.C. Ante muitas controvérsias sobre a questão, colhemos informes, no seio da própria Igreja, de que, no Século VI, (525 a D.), o Sacerdote Dionísio, fanático por matemática, e recebendo a incumbência de "descobrir" a data exata do nascimento do Cristo, fixou-a no ano 754, do calendário romano; (4) conclusão, essa, que foi aceita pela cúpula da Igreja Católica. Acontece, porém, que o Clérigo Dionísio começou a pesquisa, partindo de uma premissa equivocada, pois manteve como referência o batismo do Mestre, ocorrido em 15º, ano do governo do Imperador Tibério César, (5) e tinha absoluta convicção, à época, de que o imperador romano iniciou o governo no ano 14; a conclusão foi "lógica": 14+15=29, onde tentou buscar confirmação no Novo Testamento, quando Lucas, no Capítulo III, versículo 23, registra ter sido Jesus batizado com 29 anos de idade (!!?...).

Outro fato histórico relevante, é que Tibério César

governava o Império desde o ano 9 d. C.; logo, o equívoco do padre matemático subtraiu alguns anos da história cristã, cronologicamente, regida pelo calendário gregoriano.(6) Aliás, erro já, devidamente, assumido pelo Vaticano. (7)

Existe outro fator que comprova o erro de cálculo de Dionísio: sabemos, pela tradição dos textos das escrituras, que Herodes, o Grande, quando teve notícia do nascimento do Cristo, ordenou a matança de todas as crianças nascidas, nos dois últimos anos, em Belém e cercanias da Judéia. Na ocasião, Maria e José, pais de Jesus, refugiaram-se em outro país (Egito). Ora, a História se encarrega de registrar que Herodes morreu, exatamente, no ano em que nasceu Jesus (mesmo ano da ordem do infanticídio generalizado); logo, pelos dados que possuímos, considerando-se o calendário de Roma, e se Jesus era, de fato, um recém-nascido, à época da matança, atualmente estaríamos, pelo menos, em 2014 pós-Jesus.

É bem verdade que o Século XX foi marcado por grandes tragédias ligadas ao apocalipse. Começou em 1910: a Terra iria (como aconteceu) atravessar a cauda do cometa Halley e a presença do mortífero gás cianogênio mataria todos. Ninguém morreu intoxicado com o gás. Sob o pavor do final dos tempos, na noite de 18/11/1978, em Jonestown Guiana, 900 pessoas, cabrestadas pelo pastor Jim Jones, líder da seita Templo do Povo, morreram ao ingerir suco com cianureto. Em Uganda, o líder de uma seita, Joseph Kibweteere, prognosticou que o mundo acabaria no dia 31/12/1999. Como isso não ocorreu, adiou para o ano seguinte. No dia e hora marcados, o templo, bem como todas as pessoas, foram envolvidos em combustível e 470 pessoas foram carbonizadas, inclusive, 50 crianças. No ano de 1993, em Waco, Texas, EUA, 70 seguidores da seita Ramo Davidiano morrem carbonizados no Rancho do Apocalipse. Em 1995, um culto do Juízo Final, liderado por Shoko Asahara, do grupo Verdade Suprema, obcecado pela ideia do fim do mundo, lançou um gás tóxico no metrô de Tóquio, envenenando centenas de pessoas inocentes e estranhas à seita. Em março de 1997, dezenas de corpos, de homens e mulheres, que pertenciam à seita Higher Source, liderados pelo Pastor Marshall Applewhite, suicidaram-se,

acreditando que suas almas encontrariam uma nave voadora, esperando por eles na cauda do cometa Hale Bopp, e que os levaria a outro planeta.

O mundo atual, dominado por incerteza, insegurança, pobreza e desigualdades sociais, continuará a alimentar seitas apocalípticas, passíveis de causar grandes tragédias. Fanáticos religiosos, utilizando a Internet, poderão estabelecer um clima de apreensão e pavor. Aprendamos, pois, com o genial lionês, Allan Kardec, que "os grandes fenômenos da Natureza, aqueles que são considerados uma perturbação dos elementos, não são de causas imprevistas, pois tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus. E os cataclismos, algumas vezes, têm uma razão de ser direta para o homem. Entretanto, na maioria dos casos, têm por objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza." (8)

Os pessimistas insistem em considerar que a maneira, negativa e sombria, de perceber as coisas do mundo é uma maneira realista de viver. Não concordo. Na verdade, se olharmos a vida com muita emoção (distantes do raciocínio), vamos encontrar motivos que nos abatem os ânimos em qualquer lugar e em qualquer situação; crianças carentes, fome universal, guerras, violência urbana, sequestros, carestia, insegurança social, corrupção, acidentes catastróficos e por aí afora. Entretanto, é um dever para com nosso bem-estar estarmos adaptados à vida, com tudo que ela tem de bom e de ruim, sem, obviamente, cruzarmos os braços diante das situações.

Em verdade, a "forma empregada, até agora, nas predições faz, delas, verdadeiros enigmas, as mais das vezes indecifráveis. [absurdos] Hoje, as circunstâncias são outras; as predições nada têm de místicas. São, antes, advertências do que predições propriamente ditas. A humanidade contemporânea também conta com seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literário, historiador ou filósofo hão traçado, em seus escritos, a marcha futura de acontecimentos a cuja realização, agora, assistimos." (9)

Recordemos sempre que a prática dos códigos evangélicos é a condição intransferível que determinará a grande

transformação social, política e econômica do porvir. Nessa esteira, haverá de ser o final do "mundo velho", desse mundo regido pela desmesurada ambição, pela corrupção, pelo aniquilamento dos preceitos éticos, pelo orgulho, pelo egoísmo e pela incredulidade. Por isso, cremos que a Terra não se transformará por meio de um cataclismo e outras tragédias que destrua, de súbito, uma geração. A atual sociedade desaparecerá, gradualmente, e a nova lhe sucederá, sem a derrogação das leis naturais, conforme preceitua o Espiritismo.

Referências bibliográficas:

(1) Fonte: Revista Galileu - Edição 206 - Setembro de 2008 - Por Pablo Nogueira

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001

(3) Enciclopédia O Mundo do Saber, Editora Delta-Volume 1

(4) 2761 anos já se transcorreram a partir da fundação de Roma

(5) Cf. Luc. 3: 1 a 6

(6) O calendário gregoriano, aceito nos nossos dias em praticamente todo o mundo, só passou a vigorar a partir de 1582, quando foi promulgado pelo Papa Gregório XIII, tendo posteriormente sido gradualmente aceite por todos os países.

(7) Tibério César sucedeu Augusto que morreu no dia 19 de agosto do 767 da fundação de Roma, 14 da nossa era, quando assumiu de fato o título de César e começou a governar. Portanto, João começou a pregar no ano 28. O batismo de Jesus, antes da Páscoa de 29, estava com 35 anos. E na crucificação ocorrido no ano 31 da nossa era, 784 da fundação de Roma, Jesus tinha 38 anos de idade.

(8) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2004

(9) Kardec, Allan "A Gênese", Cap. XVI, item 17, 16ª ed., FEB/a973-RJ.

Os pais são responsáveis pelo desenvolvimento dos valores morais dos filhos

O livro "To Train Up a Child" (Treinando uma Criança), de autoria do pastor Michael Pearl e sua esposa Debbie , é uma espécie "manual de punição" que defende "sovas" para correção dos filhos mal comportados. Os conteúdos versam sobre "surras" com a utilização de cintos, varas e outros apetrechos correlatos, descrevendo em detalhes os castigos considerados ideais em cada caso.(1) O casal Pearl e Debbie propõe o método da "coça" a fim de condicionar a mente da criança antes que surja uma crise; é uma preparação para obediência futura, instantânea e sem questionamentos". (2) Todavia, em face da morte de três crianças, filhas de pais supostamente influenciados pelo livro, tem havido fortes reações de represália contra os autores através de campanhas populares, visando banir tal livro das livrarias americanas.

Recentemente uma brasileira foi condenada a nove meses de prisão, na Espanha, por expulsar de casa, por um dia, o seu filho de 15 anos. A sentença recebeu destaque nos principais jornais e TVs espanholas. Nossa conterrânea alegou que agiu assim, porque pretendia dar uma lição mais "forte" no filho, que é problemático, desobediente e muito agressivo. Sua intenção era ensinar-lhe regras sociais e respeito pela mãe. Para a juíza, do Tribunal Penal de Málaga, a atitude da brasileira representa uma negligência e um delito de abandono temporário, motivo pelo qual a condenou, explicando que, embora o menor se encontre em plena adolescência, com os conflitos comuns da idade, isso não é razão para colocá-lo fora de casa, deixando-o à intempérie na rua, por uma noite, porque essa decisão cria uma situação de risco para o menor.

Toda e qualquer violência doméstica é trágica sob qualquer análise. As relações entre filhos e pais deveriam ser, acima de tudo, de ordem ética. Mas, observa-se nessa relação uma

deterioração emocional profunda e uma complexa malha de desestabilidades morais, que merece comentários. Os pais devem estar sempre atentos e, incansavelmente, buscando um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva.

Sabe-se que os jovens hostis e violentos são pouco amados pelos pais, sentem-se deslocados no grupo familiar ou se consideram pouco atraentes, etc. Por estas e muitas outras razões, os pais devem transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostado, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais diferenças

Os pais são responsáveis pelo desenvolvimento dos valores dos filhos e não devem apostar na escola para exercer essa tarefa. Um pai legítimo é aquele que cultiva em casa a cidadania familiar. Ou seja, ninguém em casa pode fazer aquilo que não se pode fazer na sociedade. É preciso impor a obrigação de que o filho faça isso, assim, cria-se a noção de que ele tem que participar da vida comunitária. Não há dúvida, que ante as balizas do bom senso e moderação os pais precisam estabelecer limites. Porém essa exigência é muito mais acompanhar os limites, daquilo que o filho é capaz de fazer.

A fase infantil, em sua primeira etapa, é a mais importante para a educação, e não podemos relaxar na orientação dos filhos, nas grandes revelações da vida. Sob nenhuma hipótese, essa primeira etapa reencarnatória deve ser enfrentada com insensibilidade. Até aproximadamente os sete anos de idade é o período infantil mais acessível às impressões que recebe dos pais, razão pela qual não podemos esquecer nosso dever de orientar os filhos quanto aos conteúdos morais. "O pretexto de que a criança deve desenvolver-se com a máxima noção de liberdade pode dar ensejo a graves perigos (...)pois o menino livre é a semente do celerado." (3)

Se não observarmos essas regras, permitimos acender para o faltoso de ontem a mesma chama dos excessos de todos os matizes, que acarretam o extermínio e o delito. "Os pais espiritistas devem compreender essa característica de suas

obrigações sagradas, entendendo que o lar não se fez para a contemplação egoística da espécie, mas sim para santuário onde, por vezes, se exige a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira.”.(4)

Principalmente a mãe deve ser o padrão de todos as renúncias pela serenidade familiar. Deve compreender, que seus filhos, primeiramente, são filhos de Deus. “ Desde os primeiros anos, deve ensinar a criança a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhe as atitudes e concentrando-lhe as posições mentais, pois essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida. Ensinará a tolerância mais pura, mas não desdenhará a energia quando seja necessária no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos.”.(5)

A mãe “não deve dar razão a qualquer queixa dos filhos, sem exame desapaixonado e meticuloso das questões, levantando-lhes os sentimentos para Deus, sem permitir que estacionem na futilidade ou nos prejuízos morais das situações transitórias do mundo. Na hipótese de fracassarem todas as suas dedicações e renúncias, compete às mães incompreendidas entregar o fruto de seus labores a Deus, prescindindo de qualquer julgamento do mundo, pois que o Pai de Misericórdia saberá apreciar os seus sacrifícios e abençoará as suas penas, no instituto sagrado da vida familiar.”.(6)

Os filhos difíceis são reflexos de nossas próprias ações, no passado, cuja Benevolência de Deus, hoje, outorga a possibilidade de se unir a nós pelos laços da consanguinidade, dando-nos a estupenda chance de resgate, reparação e os serviços árduos da educação. “Dessa forma, diante dos filhos insurgentes e indisciplináveis, impenetráveis a todos os processos educativos, “os pais depois de movimentar todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação deles, é justo que esperem a manifestação da Providência Divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbas, de modo a semear-lhes, com êxito, o campo da compreensão e do sentimento.”.(7)

Esgotados todos os recursos a bem dos filhos e depois da

prática sincera de todos os processos amorosos e enérgicos pela sua formação espiritual, sem êxito algum, os pais "devem entregá-los a Deus, de modo que sejam naturalmente trabalhados pelos processos tristes e violentos da educação do mundo. A dor tem possibilidades desconhecidas para penetrar os espíritos, onde a linfa do amor não conseguiu brotar, não obstante o serviço inestimável do afeto paternal, humano. Eis a razão pela qual, em certas circunstâncias da vida, faz-se mister que os pais estejam revestidos de suprema resignação, reconhecendo no sofrimento que persegue os filhos a manifestação de uma bondade superior, cujo buril oculto, constituído por sofrimentos, remodela e aperfeiçoa com vistas ao futuro espiritual.".(8)

Como se observa o Espiritismo adentra com muita profundidade, ao encarar a educação do ponto de vista moral. Até porque o período infantil é propício para deixar o espírito mais acessível aos bons conselhos e exemplos dos pais e educadores, pois o espírito é mais flexível em face da debilidade física, daí a tarefa de reformar o caráter e corrigir suas más tendências. Quando os Espíritos Superiores falam em reformar o caráter está implícito o reforço às boas tendências conquistadas pelo espírito reencarnante em vidas passadas.

Na questão 629 de O Livro dos Espíritos, ao definirem o que é moral, os espíritos indicam duas regras básicas de procedimento para o ser humano. Primeiro fazer tudo tendo em vista o bem, segundo fazer tudo tendo em vista o bem de todos. Isso porque o bem não pode ser unilateral, ou seja, a ação não pode gerar benefícios somente para um indivíduo, e sim para todos. Só é bom aquilo que faz bem para todos. É por isso que vários discursos clamam pelas ações solidárias humanas, tão necessárias e que devem ser desenvolvidas desde a infância, para que a criança faça disso um hábito. (9)

Ainda nessa temática da educação do ponto de vista moral, Allan Kardec adverte em comentário à questão 685-A de O Livro dos Espíritos: "Há um elemento que não se ponderou bastante, e sem o qual a ciência econômica não passa de teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste

na arte de formar os caracteres, aquela que cria os hábitos adquiridos.”(10)

Não propomos soluções particulares, reprimindo ou regulamentando cada atitude, nem especificamos fórmulas mágicas de bom comportamento aos filhos. Elegemos por acatar, em toda sua amplitude, os dispositivos da Lei de Deus, que asseguram a todos o direito de escolha (o livre-arbítrio) e a responsabilidade consequente dos atos de cada um.

Referências bibliográficas:

(1) Para crianças com menos de um ano, o livro sugere o uso de uma régua de 30cm ou um galho pequeno de chorão. Para crianças maiores, galhos maiores ou cintos.

(2) http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/12/131211_livro_surras_criancas_dg.shtml?s acesso em 12/02/2014

(3) XAVIER, Francisco Cândido. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, perg. 113

(4) Idem , idem

(5) Idem, perg.189

(6) Idem, idem

(7) Idem, perg.190

(8) Idem, perg.191

(9) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. São Paulo: questão número 629, Ed. Feesp, 1972.

(10) Idem questão número 685-A.

Perante as tatuagens, o enfoque de um espírita

Médicos pesquisadores norte-americanos arrolam a tatuagem (arte corporal) à hepatite e como importante agente cancerígeno do fígado. Considerando que na pesquisa não houve relatos de casos de infestação bacteriana ou viral vinculados a estúdios de tatuagens profissionais nos Estados Unidos, os estudiosos recomendam que as pessoas apenas façam tatuagens ou coloquem piercings com profissionais habilitados. (1)

O que é tatuagem? É a introdução de pigmentos (2) insolúveis, coloridos ou não, sob a pele. As granulações microscópicas formam imagens, desenhos e palavras, permanecendo definitivamente na camada subcutânea. Para infiltração dos pigmentos são utilizados instrumentos pontiagudos especiais na epiderme. Durante o procedimento a pele é perfurada de 80 a 150 vezes por segundo para a introjeção das substâncias (3), processo esse que pode representar perigo de contaminações, e dentre os riscos relacionados, apontados em pesquisas, incluem reações alérgicas, HIV, hepatite B e C, infecção de fungos e bactérias, além de outros riscos associados até mesmo com a excisão (remoção) das tatuagens.

Sob a percepção histórica, a tatuagem é uma técnica ancestral que se esvai na memória cultural das civilizações. Surgiu, segundo alguns, como forma de expressão da personalidade, há mais de 3500 anos. Não compartilhamos da tese de que a tatuagem reflita, na essência, o caráter de alguém. Na era Cristã, na clandestinidade, sob o jugo do poder pagão, os primeiros cristãos se distinguiam por uma série de símbolos tatuados, como cruzes, as letras IHS, o peixe e as letras gregas. (4)

Atualmente existem as "tattoos" 3D, que dizem ser mais realistas do que os desenhos tradicionais e dão a impressão de

que o desenho está saindo da pele. Essas insígnias servem para assinalar o corpo de componentes de gangues, grupos de atletas esportistas (surfe, motociclismo), "beatniks" (movimento sociocultural nos anos 50 e princípios dos anos 60 que subscreveram um estilo de vida antimaterialista, na sequência da 2.ª Guerra Mundial), hippies, roqueiros e bastante presente entre os jovens comuns e prosaicos dos dias de hoje.

O que informa a Codificação sobre as tatuagens e piercings? Nada! O Espiritismo, a princípio, não proíbe coisa nenhuma, todavia adverte e orienta. Sim, O Espiritismo oferece-nos elementos para avaliação, a fim de que deliberemos conscientemente sobre o que, como, quando, onde fazer ou deixar de fazer alguma coisa.

Mesmo que expressemos aqui simples opinião, não deslembremos que Jesus nos convida ao aprimoramento moral, a prudência do comportamento e a meditação no notável "orai e vigiai" (5). Embora Kardec não tenha comentado o tema, animamos alvitrar sobre qual a atitude mais criteriosa para o espírita, visando fugir dos ressaibos amargosos de futuro. Porém, aceitar ou não nossas reflexões fica DE MODO ÓBVIO sob a prerrogativa da liberdade de consciência de cada leitor.

Considerando que conhecemos muito pouco sobre a estrutura funcional do perispírito, seria atraente saber se haveria mutilação perispiritual por ensejo do uso desses implementos (tatuagens e piercings). Quem sabe, sim! Possivelmente, não! Contudo, uma coisa compreendemos de sobejo: o psicossoma é danificado no desvio moral, no desequilíbrio emocional, nos vícios físicos e psicológicos, no ódio, no pessimismo, na cobiça, na arrogância, na luxúria.

Sim! Lesamos o corpo espiritual quando prejudicamos alguém através da maledicência (fofoca), da agressividade, da bestialidade, da deslealdade. Assim, analisado por esse ângulo, os adornos (arte corporal) comprometem bem menos o corpo perispirítico. Principalmente porque na atualidade alguns desses adereços podem ser revertidos, já na atual encanação, e naturalmente não ecoará no envoltório do além do túmulo.

Na jurisdição do além, os espíritos podem fluidicamente moldar mental e automaticamente os vestuários e artefatos de

uso e vontade pessoal. Desse modo é possível, conquanto lamuriemos que um desencarnado se conserve dependente dos modismos e tantas outras ocorrências fúteis da coletividade terrena.

Por outro lado, quais sãos os anseios, os sonhos, as crenças dos que cobrem quase que completamente seus corpos com tatuagens e piercings? Avaliá-los importa alcançar se estão mutilados psíquica, emocional e espiritualmente. Há essas ocorrências extremadas. O que conduz certas pessoas a destroçar a barreira da ponderação e do juízo? Por que atentam contra si submetendo-se a dores e sofrimentos inexplicáveis?

Obsessão? Transtorno mental?

Com a palavra, os espíritas conscienciosos e os psiquiatras.

Referências bibliográficas:

(1)http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,tatuagens-sao-relacionadas-a-hepatite-c-diz-estudo,988848,0.htm, acessado em 22/01/2013

(2) Os pigmentos têm origem mineral

(3) Atualmente são utilizadas máquinas elétricas. Elas são compostas de uma ponteira de aço inox cirúrgico e/ou descartáveis. Avisam os especialistas que essas ponteiras devem ser limpas por ultrassom e esterilizadas com estufa durante 3 horas, pelo menos, a uma temperatura maior ou igual a 170 ºC.

(4)http://whiplash.net/materias/biografias/000117.html#ixzz2LYoEo8UZ , acessado em 22/02/2013

(5) Mc 14,38

O opróbrio do "diz-que-diz"

Será que o veneno da língua [maledicência (1)] aproxima as pessoas fuxiqueiras? Pesquisadores das universidades de Oklahoma e do Texas (EUA) afiançam que "amizades" mais duráveis partilham julgamentos negativos (intrigas) sobre coisas e pessoas em comum, por isso depreciam os outros ao redor. Há grupos de "amigos" que tendem acolher as mesmas coisas e as mesmas pessoas fofoqueiras e rejeitar as pessoas miradas pelo grupo. Se alguém conhece um conluiado que faz restrições idênticas (afinidade moral) sobre o comportamento de outrem, as chances de se "gostarem" são grandes. Quando se fala mal de algo ou de alguém para um cúmplice e este concorda com o que é dito, ambos sentem-se "melhores" e "avigorados", pois ambos legitimam aquele sentimento ruim, e faz com que "percebam" mais força, e ganhem uma imensa "autoconfiança" para o mal. O filósofo Platão admoestou: "Calarei os maldizentes continuando a viver bem; eis o melhor uso que podemos fazer da maledicência" (2).

O "diz-que-diz" é um componente incrustado e inflexível nas aglomerações sociais e nos ambientes profissionais. Quando um boato é maliciosamente produzido, apresenta em si cargas de perversidade, ausência de alteridade, falta de indulgência, vingança, "olho gordo", "dor-de-cotovelo". Uma vez impregnado, mais cedo ou mais tarde, atingirá aos ouvidos dos figurantes abrangidos, provocando irreparáveis consequências que podem tanger a tolas rupturas de velhas afeições e até a demissão por justa causa, destruição de casamentos e de lares, aparecimento de rancores ferrenhos, por vezes chegando a culminar em assassinato ou suicídio de pessoas emocionalmente frágeis.

Funesta e destrutiva é a palavra na boca de quem alista falhas do próximo; tóxico perigoso é a demonstração condenatória a escoar nos beiços de quem fuxica; barro podre,

exalando enxofre, é a oscilação desafinada das cordas vocais de quem recrimina; braseiro tenebroso, escondendo a verdade, é a intriga destrutiva. "Ai do mundo por causa dos escândalos, porque é necessário que venham os escândalos, mas, ai daquele homem porque venham os escândalos.”. (3)

A maledicência é plantio improfícuo em solo apodrentado. Não há amparo se, por ensejo de ajuda, se ostentam as feridas de outrem à indiferença de quem ouve. Paulo de Tarso advertiu: “a sua garganta é um sepulcro aberto; Com as suas línguas tratam enganosamente; Peçonha de áspides está debaixo de seus lábios” (4). Lutemos contra a maldição da fofoca supostamente inofensiva, mas que arrasa todos os confins por onde se propaga. As "palavras mal-intencionadas", maledicentes têm, quase sempre, adicionadas à sua substância, uma dose peculiar de condimento, de estilo estritamente particular, cujo "cozinheiro-mor" é o próprio responsável pelo seu repasse adiante.

Quem se afirme espírita não pode esquecer que os críticos do comportamento alheio acabam, quase sempre, praticando as mesmas ações recriminadas. Deploramos o clima de comprovada invigilância admitida pelas aventuras do entusiasmo desapiedado dos caluniadores, com suas mentes doentias, sempre às voltas com a emissão ardente do fuxico generalizado. Confrades que ficam “felizes” ante as dificuldades e eventuais deslizes do próximo. Assestam a volúpia da fofoca, com acusações infames sobre fatos que ignoram, sempre em direção às aflições e lutas íntimas de pessoas que tentam se erguer de algum desacerto na caminhada.

Não é ficção! Há seres infaustos que se locupletam no mexerico exultante de verem alguém sofrendo uma prova mais difícil. Outros se valem do cansativo clichê "vamos orar por eles!", para aguçar as substâncias de suas falsidades. Esquece-se de que o falatório induz à fascinação, secundando o desequilíbrio.

Aos fuxiqueiros contumazes e rabugentos críticos dos erros de conduta do próximo recomendamos uma reflexão de que na viagem de mil quilômetros, como dizia Chico Xavier, não nos podemos considerar vitoriosos senão depois de chegarmos à

meta almejada, porque nos dez últimos metros, a ponte que nos liga ao ponto de segurança pode estar caída e não atingiremos o local para onde nos dirigimos.

Enfim, a palavra constrói ou destrói facilmente e, em segundos, estabelece, por vezes, resultados gravíssimos para séculos. Por essa razão, "o algodão do silêncio é um dos melhores recursos para asfixiar a maledicência e fazer calar acusações indébitas". (5)

Referências Bibliográficas:

(1) O termo maledicência significa fuxico, mexerico, mordacidade; é o ato ou aptidão para falar mal dos outros, cuja intenção é denegrir, difamar.

(2)http://pensador.uol.com.br/autor/platao/

(3) Mateus 18:7

(4) Rom. 3 :13

(5) Franco, Divaldo Pereira. Lampadário Espírita, ditado pelo Espírito Joana de Angelis, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1974

Diz-se que "cada povo tem o governo que merece". Será válido esse adágio?

Bancaremos nestes comentários alguns acoplamentos fatuais a propósito da denúncia do jornal New York Post sobre famílias novayorquinas abastadas que subornam pessoas portadoras de deficiência a fim de se passar por seus parentes, mirando esquivarem-se das longas filas no parque de diversões da Disney(1), em Orlando, na Flórida. "O periódico acusa os ardilosos membros de grupos familiares americanos que permanecem no máximo 1 minuto para ter acesso às atrações do parque, enquanto as outras pessoas esperam mais de 2 horas." (2) Infelizmente a defecção moral abrange a corrupção de costumes, a falta de caráter individual ou coletivo, o desleixo administrativo ou governamental, a falta de solidariedade social, a indiferença pela sorte alheia ou pelos interesses públicos.

Sem tanger especulações impróprias sobre a insinuação do New York Post, afirmamos que qualquer semelhança com fatos e pessoas no Brasil não é mera coincidência. Nem é preciso fazermos um esforço descomunal de raciocínio a fim de identificar semelhanças cabais. Habituamos aquilatar negativamente assaltantes vigaristas, homicidas, encarcerados ou ex-detentos de forma geral. Todavia, será que fora das prisões há superávit de cidadãos honestos? Quantas vezes compramos produtos de origem duvidosa para sonegar impostos? Quantas vezes devolvemos o troco que o caixa do supermercado nos deu a mais? Quantos mecânicos de automóveis, técnicos de geladeiras, de televisão, máquinas de lavar, de computadores, ludibriam para cobrar mais caro?

Quantas vezes estacionamos na vaga de idoso ou deficiente sem sermos um idoso ou deficiente? Quantos usam de sua autoridade para anular multas de trânsito? Quantos bebem alcoólicos e assumem a direção de veículo nas estradas? Não

assombra que administradores se apropriem das verbas publicas, e que empresários demitam empregados para ter lucro máximo.

Em que pese a angústia coletiva da população brasileira, envolta atualmente pelo manto da conturbação, da ausência de justiça social, da descrença nas instituições do estado, é urgente a promoção de uma reforma de base moral generalizada. Mister se torna uma mudança visceral na cultura da desonestidade. Mudança de comportamento na base da massa popular que costumeiramente elege seus representantes a custa de negociata do próprio voto, dos legisladores que comercializam a honradez a fim de aprovar leis espúrias, dos juízes descompromissados com as vozes dos justos e dos (ir) responsáveis do (des) governo da administração estatal.

Nesse fatídico cenário é imperioso que se restabeleçam os valores da ética, da solidariedade, do amor e que se revitalize a reputação e o caráter de cada cidadão. Até porque a escassez de ética, sobretudo governamental que ora vigora no País, está fundada em valores (escusos), e se esvai através de um ethos compatível para vigorar, a saber: o cinismo ideológico das "autoridades" autoritárias que administram a nação, a inumanidade e as mentiras consentidas, o enriquecimento ilegítimo de alguns carismáticos líderes políticos.

Com os escândalos divulgados pelas mídias, constata-se um entrelaçamento crescente e preocupante da administração pública com as atividades delituosas, mediante um sistêmico processo de pressões, chantagens, tráfico de influência, intimidações e putrefações morais, com a prática do suborno e da propina, dentre outras falcatruas morais inimagináveis. "A violência urbana é reflexo natural dos que administram gabinetes luxuosos e desviam os valores que pertencem ao povo; que elaboram leis injustas, que apenas os favorecem; que esmagam os menos afortunados, utilizando-se de medidas especiais, de exceção, que os anulam; que exigem submissão das massas para que consigam o que lhes pertence de direito... produzindo o lixo moral e os desconsertos psicológicos, psíquicos, espirituais ".(3)

Nessa instável conjuntura, o cidadão de bem não pode

conservar-se na inércia. Precisa reivindicar e batalhar pela rejeição da improbidade através do uso do voto consciencioso e dos exemplos de decoro. Não pode jamais esmorecer o ideal do bem. Precisa contrapor a institucionalização do mal que se faz através da arbitrariedade, da corrupção, da irresponsabilidade, da irracionalidade administrativa, da inversão dos valores morais.

Há os que desejam fazer do País a "casa-da-mãe-Joana", uma"terra de ninguém". Nas atuais mobilizações populares assistimos atônitos os vândalos devastarem com selvageria os patrimônios públicos e privados. São seres dementes,avessos à civilidade, que acreditam não haver leis para regular suas sanhas criminosas. O País carrega uma história promíscua. A prática da rapinagem tem-se repetido através dos séculos nas plagas do Cruzeiro do Sul. Isso inspirou o Patriarca da Independência (José Bonifácio), reencarnado como Rui Barbosa (segundo o Espírito Humberto de Campos), a lançar o clamor de indignação ao deparar com todas as tramóias cometidas: "De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto." (4)

As estatísticas consagram ao Brasil a liderança do ranque dos Países campeões mundiais em corrupção, fazendo associação a determinados Países africanos em estágio primitivo. Que tipo de ambição exorbitante e estúpida está na base da deficiência de caráter capaz de olvidar todos os escrúpulos para com a consciência e arremessar-se tão sagazmente no cofre do Estado? Não somos o primeiro, o único ou o último a anunciar esse séquito de vícios, contudo a mídia, frequentemente, noticia e expõe tais fatos francamente execráveis e com grande repercussão.

Cumpre ao cidadão de bem afirmar a primazia da ética na inspeção da administração pública, por ser a instância fundante do valor dos preceitos da governabilidade: o interesse prioritário da população. E os governantes precisam "assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a

segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias."(5) Até porque a Carta Magna do País consigna que "todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente nos termos da Constituição". (6)

A rigor, ser incorruptível requer dignidade e sobriedade. Ser honesto demanda disciplina moral e ética, afã para abater más tendências, diligência por não se consentir desabar na perdição das trapaças. Que nesses instantes históricos pelos quais estamos passando no Brasil, restabeleçam-se os valores da Ética Cristã e que se revitalize o mundo da honestidade. Até por uma questão muito clara, "não há mais lugar na cultura moderna para o absurdo de governos arbitrários, nem da aplicação dos recursos que são arrancados do povo para extravagâncias disfarçadas de necessárias, enquanto a educação, a saúde, o trabalho são escassos ou colocados em plano inferior". (7)

Muitos se interrogam no imo da consciência: Haverá futuro promissor para uma sociedade estruturada assim como a nossa? Pensamos que sim! Considerando pelo lado, digamos mais transcendente da questão, para apurar a estrutura social deste País, a tese de Humberto de Campo, contida no livro "Brasil coração do Mundo e Pátria do Evangelho", assegura um norte de esperança para todos nós. Creio que na "Pátria do Evangelho" estão sendo programadas reencarnações de almas nobres e sábias, e esse fato nos aponta para um futuro menos conturbado para as futuras gerações de brasileiros.

A prudência continua sendo a nossa melhor conselheira. Por questão de consciência ética, sabemos que um autêntico espírita tem que ser fiel aos princípios que a Doutrina dos Espíritos impõe e ter noção de que honestidade é prática obrigatória para todo ser humano, sobretudo para um cristão. Ou será que devemos reivindicar pedestais nos panteões terrenos por executarmos dignamente aquilo o que é nossa obrigação fazer?

Referências bibliográficas:

(1) A Disney permite que visitantes em cadeira de rodas ou que se locomovam com veículos motorizados tenham acesso direto às atrações, junto com até seis membros de sua família. Mas o sistema, que foi implantado para benefício de pessoas com deficiência, está sendo comercializado de forma ilegal.

(2)http://noticias.r7.com/internacional/familias-ricas-contratam-pessoas-com-deficiencia-para-escapar-das-longas-filas-na-disney-15052013 acesso em 23/06/13

(3) FRANCO, Divaldo P. "Amor, imbatível amor". Pelo Espírito Joanna de Ângelis, 6ª ed. Salvador, BA: LEAL, 2000, p. 84

(4)http://www.casaruibarbosa.gov.br/scripts/scripts/rui/mostrafrasesrui.idc?CodFrase=883

(5) Constituição da República Federativa do Brasil /1988, Preâmbulo

(6) Idem Art. 1º, Parágrafo único

(7) Franco Divaldo. Jornal A Tarde, de Salvador/Bahia, (http://atarde.uol.com.br/opiniao/materias/1512342-clamor-social-o-climax-e-a-indiferenca-dos-governantes). Acesso em 23/06/13

Como devemos agir perante os criminosos?

É com imensa tristeza que lemos a notícia sobre alegada morte, no Iêmen, de Rawan (1), uma menina de 8 anos, em decorrência de lesões que sofreu na noite de núpcias com um homem de 40 anos. (2) O caso foi divulgado pelo jornalista Mohammad Radman e o Gulf News. Vários sites espalharam a história, incluindo o Opera Mundi – que se baseou em relatos da agência alemã DPA, do jornal alemão Der Tagesspiegel, do espanhol El País, do Huffington Post (em sua versão britânica) e da agência de notícias Reuters. Os chefes tribais locais estão acobertando a história. O governo do Iêmen nega o fato; entretanto, para Mohammad, as autoridades estão tentando sepultar a história". (3)

Se é uma questão cultural, isso não absolve o crime de pedofilia. A rigor, é um processo de legalização da pedofilia nalguns países. Casamentos envolvendo menores de idade são corriqueiros no Iêmen. Em 2010 uma menina de 13 anos também morreu com graves lesões nos órgãos internos após ter sido forçada a se casar com um adulto, conforme denuncia uma organização de direitos humanos que atua no Iêmen. Esse comportamento existe noutras comunidades muçulmanas ortodoxas, tais como ocorre em países como Somália, Nigéria e Afeganistão. Um relatório da Organização das Nações Unidas registra que mais de 50% de todas as jovens iemenitas estão casadas antes de completarem 18 anos e cerca de 14% estão para se casar sem terem ainda 15 anos. (4) A ativista Hooria Mashhour tem lutado para que a prática do casamento infantil seja de uma vez por todas banida do país. (5)

O casamento entre adulto e criança abaixo da idade de consentimento é um crime na legislação de inúmeros países. Contudo, há outro aspecto na discussão: muitas culturas reconhecem pessoas como "adultas" (idade de consentimento) em variadas faixas etárias. Por exemplo, a tradição do

Judaísmo considera como “adultos” (membros da sociedade) as mulheres aos 12 e os homens aos 13 anos de idade, sendo a cerimônia de transição chamada Bat Mitzvah para as garotas e Bar Mitzvah para os rapazes.

Ao longo da história antiga, no período medieval, na Idade moderna e nos séculos XIX e XX, eram comuns os casamentos de crianças e pré-adolescentes (sobretudo meninas menores de 12 anos de idade) com adultos. Atualmente, tal situação configura-se como ação delitiva que prejudica gravemente o desenvolvimento atual e futuro da criança. Tal aberração, à luz do código penal de diversos países, hoje é classificada como crime de pedofilia. (6)

Em que pese essa criminalização, a situação não se modificou em diversos paises. “Mais de 200 milhões de crianças sofrem violência sexual no mundo e quase metade das vítimas das agressões sexuais são meninas menores de 16 anos. Em nível global, estima-se um número entre 500 milhões e 1,5 bilhão de meninos e meninas que sofrem algum tipo de violência sexual a cada ano, segundo relatórios de organizações internacionais realizados em pelo menos 70 países.” (7)

Ao tratarmos sobre violência infantil que ocorre no Iêmen o assunto que se destaca é a pedofilia. Esse tema nos remete inteiramente aos desvios sexuais e/ou culturais, convidando-nos a embrenhar nos códigos da lei de causa e efeito. Entretanto, na perspectiva da criança não submergiremos nos “porquês”, nem nos rudimentos cáusicos reencarnatórios de espíritos que padecem tamanha crueldade. Não recorreremos à lógica (ação e reação) sobre esses processos expiatórios, enfocaremos tão somente o crime da pedofilia sob a lupa da indulgência. Seria isso possível?

O termo pedofilia (8) significa depravação sexual na qual a fascinação sexual do adulto ou adolescente está conduzida para crianças pré-púberes (antes da puberdade) ou no início da adolescência. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada em 1989 pela Assembléia Geral das Nações Unidas, define que os países signatários devem tomar "todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas" adequadas à proteção da criança, sobretudo no que se refere à

violência sexual.

No que tange aos criminosos, inclusive agressores sexuais (pedófilos) que sucumbem diante de crianças para fúria das suas truculências, a Doutrina Espírita recomenda não condenar ninguém, advertindo sempre que tenhamos com todos a prática da caridade. Tais criminosos constituem espíritos que atravessam um momento difícil em que necessitam promover a sua edificação moral, através de uma conduta sexual equilibrada.

O tema é na essência potencialmente complexo, culturalmente polêmico e trágico; não há como ignorá-lo no contexto de nossa situação na terra. O pedófilo, sendo um desnorteado da alma, e ao mesmo tempo um criminoso, logicamente não pode ficar impune. Contudo, precisa, antes, de tratamento psíquico e espiritual.

Sim! Cabe aqui refletir, à luz da Doutrina Espírita, sobre os crimes e sobre a lei. O mandamento maior da lei divina inclui a caridade para com os criminosos, por mais difícil que possa parecer ter este sentimento diante da barbárie da pedofilia. Perante a Lei de Deus, somos todos irmãos, por mais repugnante que seja para alguns tal ideia. O criminoso é alguém que desconhece a Lei Divina, que não reconhece a paternidade divina e, portanto não vê no outro um irmão. Nós, que já temos esses valores, sabemos que ele é também um filho de Deus, por enquanto transviado do bem, que precisa do nosso amor fraterno.

Mas de que maneira amar um criminoso, um inimigo da sociedade? Kardec nos ensina que amar os inimigos não é ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contato de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu pulsar ao contato de um amigo. Amar tais inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes, sem pensamento oculto e sem condições, o mal que causem; é desejar-lhes o bem e não o mal; é socorrê-los, em se apresentando ocasião; é abster-se, quer por palavras, quer por atos, de tudo o que os possa inutilizar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, sem a intenção de degradá-los. (9)

Se assim procedermos, preencheremos as condições do preceito do Mestre Jesus: "Amai os vossos inimigos."(10)

Referência bibliográficas

(1) Rawan residia em Meedi, uma cidade na província norte-ocidental de Hajjah , fronteira com a Arábia Saudita. A menina foi vendida pelo padrasto para um saudita por cerca de R$ 6 mil, segundo o jornal alemão Der Tagesspiegel

(2) Segundo os médicos, a Rawan morreu com hemorragia no útero e alguns órgãos internos decorrente da união carnal

(3)http://oglobo.globo.com/mundo/policia-do-iemen-nega-morte-de-menina-de-oito-anos-apos-lua-de-mel-com-marido-de-meia-idade-diz-site-9904846#ixzz2fpzsOAFH

(4)http://www.ionline.pt/artigos/mundo/iemen-luta-banir-casamento-infantil-num-dos-paises-arabes-mais-pobres

(5)http://www.ionline.pt/artigos/mundo/iemen-luta-banir-casamento-infantil-num-dos-paises-arabes-mais-pobres

(6) A Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial da Saúde (OMS), item F65.4, define a pedofilia como "Preferência sexual por crianças, quer se trate de meninos, meninas ou de crianças de um ou do outro sexo, geralmente pré-púberes

(7)http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/27705/mais+de+200+milhoes+de+criancas+sofrem+violencia+sexual+no+mundo+diz+ong.shtml

(8)Também conhecida como paedophilia erótica ou pedosexualidade

(9) Mateus 5:44

(10)Kardec, Allan. O Evangelho Segundo O Espiritismo, Cap. XII, Item 3, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000

Em suma: tudo são celas, cadeias, presídios, cárceres, exovias, calabouços, xadrezes, xilindrós, prisões etc ...

Maquiavel já dizia que o caminho para o inferno é pavimentado de boas intenções. Na Holanda, a secretária de Estado da Justiça, Nebahat Albayrak, anunciou o intuito do encerramento de oito prisões (para alguns são hotéis de grande luxo, super equipados). O encerramento provocará a supressão de 1.200 empregos. Atualmente, o sistema penitenciário conta com 14.000 celas, o que já não corresponde às necessidades reais, de "apenas" 12.000 cubículos penitenciários. O fechamento dos xilindrós será por falta de "delinquentes" (falta de delinquentes?????) Os holandeses garantem que a "diminuição" da taxa de criminalidade se deve à utilização de tornozeleiras com rastreadores em substituição à cadeia.

Há 5 anos a imprensa internacional noticiou que a "redução" da criminalidade na Holanda levou o governo a anunciar o fechamento das unidades prisionais, pois sob o guante da lei de "mercado" a baixa oferta de bandidos provoca a pouca procura de carcereiros. Para evitar demissões dos agentes carcerários está sendo estudada a possibilidade de importação de 500 marginais da Bélgica, a fim de manter um contingente "mínimo" nas enxovias. (1)

É um paradoxo tal situação. Será plausível os holandeses ensinarem virtudes ao mundo? Na Holanda o comércio e consumo de drogas é praticamente livre. Amsterdã é uma das mais apetitosas rotas mundiais do tráfico de drogas. A circulação e o comércio de drogas são considerados legítimos por lá; por isso, os traficantes, que deveriam estar encarcerados, permanecem livres, leves e soltos e, pior, sem tornezeleiras, o que esclarece, em boa paródia, a "carência" de criminosos na terra de Maurício de Nassau.

No Brasil, segundo o Ministério da Justiça, há 514 mil presos e 306 mil vagas em todo o sistema carcerário. Resultado:

superlotação. Diz-se que os presídios no "país do futebol" são medievais e escolas do crime. Quem entra em um presídio como pequeno delinquente muitas vezes sai como membro de uma organização criminosa para praticar grandes delitos. Há tempos se fala na humanização no sistema carcerário brasileiro, em face de sua falência. Hoje há prisões em péssimas condições, agentes desqualificados, Leis esparsas etc. A somatória de todos estes fatores contribui para a reincidência do reeducando.

Muitos afirmam que a Lei Penal brasileira é pusilânime. Mas cremos que o desígnio da lei não é punir puramente, entretanto igualmente possibilitar a recuperação do indivíduo. "Em verdade vos digo – todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo". (2) Para os especialistas do assunto, a pena é uma resposta estatal punitiva contra um determinado crime e deve ser proporcional à extensão do dano, jamais poderá violar a dignidade humana, pois estaria reparando um erro com outro erro. A punição por si só não muda o comportamento transgressor do ser humano socialmente opresso; é preciso reeducá-lo para que possa compreender a importância da liberdade. A ausência de políticas públicas com objetivo de reintegrar o preso à sociedade inviabiliza qualquer possibilidade de reabilitação quando este torna-se egresso do sistema prisional.

Todos os seres humanos que erraram devem ter oportunidade de recompor-se. Para tanto, a sociedade e o governo lhes devem condições dignas. Até mesmo os presos tidos por "irrecuperáveis" foram e são vítimas do sistema. A sociedade precisa ser transformada. Esse conjunto de fatores dificulta uma necessária, providencial e humanitária reinserção do detento no mercado de trabalho, e consequentemente ao convívio social.

Os Benfeitores Espirituais nos instruem que devemos "amar os criminosos como criaturas que são, de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependerem, como também a nós, pelas faltas que cometemos contra sua Lei". (3) Muitas vezes somos "mais repreensíveis, mais culpados

do que aqueles a quem negamos perdão e comiseração, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como O conhecemos, e muito menos lhes será pedido do que a nós". (4)

Por várias razões, não podemos nem devemos julgar nenhuma pessoa, porquanto "o juízo que proferirmos ainda mais severamente nos será aplicado e precisamos de indulgência para as iniquidades em que sem cessar incorremos. Não podemos ignorar que há muitas ações que são crimes ante os ditames da Lei de Deus e que o mundo nem sequer como faltas leves considera". (5)

Nas prisões, a reeducação deverá ser feita por meio da implantação de frentes de trabalho para profissionalização, e não apenas para tirar apenados da ociosidade, mas também abrindo segura perspectiva de integração futura na sociedade. Sabemos que existem grupos de religiosos que vêm desenvolvendo projetos que visam a recuperação do preso, por intermédio de uma efetiva coordenação de visitas permanentes aos presídios. Palestras de valorização humana, divulgação doutrinária, instituição de voluntários padrinhos, contato com parentes, distribuição de cestas básicas para familiares dos recuperandos. Estes são alguns dos métodos levados a efeito por alguns grupos de visita, para a materialização do aumento do índice de recuperação dos internos nos presídios no Brasil. Em suma, diante dos criminosos devemos "observar o nosso modelo: Jesus. Que diria Ele, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Em realidade, se não podemos fazer o mesmo, podemos pelo menos orar pelos criminosos. Podem eles ser tocados de arrependimento, se orarmos com fé". (6)

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2013/06/governo-holandes-estuda-fechar-prisoes-devido-falta-de-criminosos.html
(2) Mt 25:31-46

(3) Kardec, Allan . O Evangelho Segundo O Espiritismo. Cap. XI "Amar o próximo como a si mesmo – Caridade para com os criminosos", RJ: Ed FEB, 1990
(4) Idem
(5) Idem
(6) Idem

Doutores? Ah, sim! Os Doutores!...

Sentimo-nos constrangidos quando empregamos o vocábulo "doutor" antes do nome de um médico ou de um advogado, mormente ser for um espírita. Ajuizamos que o termo "doutor" é uma erva daninha inflexível que reflete muito sobre um Brasil tupiniquim. Nossa rejeição ao extemporâneo "doutor" é um ato consciente. Dia virá (queira Deus, o quanto antes!) em que os filólogos e bons dicionaristas definirão a palavra "doutor" como "um arcaísmo usado no passado pelos subordinados (pobres) para acercar-se dos mais presunçosos (ricos), a fim de limitar a dominação especialmente de médicos e advogados, entretanto, com a abolição da desigualdade socioeconômica e a conquista dos direitos de cidadania, essa definição desmoronou em desuso".

A tradição impôs o termo "doutor" em nossa sociedade como uma maneira de abordar os superiores na divisão socioeconômica. O "doutor" não se instituiu em nosso idioma como uma expressão inocente, porém como um abismo, ao propagar na linguagem uma diferença vivida na realidade do dia-a-dia que deveria ter nos envergonhado desde o século XIX. Os causídicos de plantão defendem o "Dr." porque estaria numa licença régia no qual D. Maria, de Portugal, avaliada como "a louca", teria concedido o título de "doutor" aos advogados. Mais tarde, em 1827, o "Dr." teria sido garantido aos bacharéis de Direito por um decreto de D.Pedro I, ao instituir os primeiros cursos de Ciências Jurídicas e Sociais no Brasil. Ora, supostamente o decreto imperial não foi "derrogado", assim, ser "doutor" seria parte do "direito" dos advogados (pasmem, mesmo com a inauguração da República!).

Ah! No Brasil se dá um jeitinho em tudo e o título de "Dr." foi "espontaneamente" esticado para os médicos em décadas posteriores (acreditem!). No caso dos médicos, a

contemporaneidade e a insistência do título de “doutor” devem ser abrangidas no contexto de uma sociedade enfermada, na qual as pessoas se decidem em grande monta por seu check-up ou por suas patologias. De ordinário, o “doutor” médico e o “doutor” advogado (promotor, procurador, delegado) têm algo em comum: o império sobre os indivíduos. Um pela lei, o outro pela medicina, eles normatizam a vida de todos os outros. Etimologicamente, o vocábulo "doctor" procede do verbo latino "docere" ("ensinar"). Significa, pois, "mestre", "preceptor", "o que ensina". Da mesma família é a palavra "douto” que significa "instruído", "sábio”.(1) Infelizmente, a maioria dos “doutores” médicos e dos “doutores” advogados estimula e até exige o título no dia a dia, mesmo que não sejam doutores.

DOUTORES (com maiúsculas) somente são os que tenham defendido uma tese diante de uma banca de notáveis. E diga-se que os autênticos DOUTORES (com maiúsculas) em geral, quase sempre nenhum deles é chamado de Doutor na vida cotidiana, seja na sala de aula, seja na rua.

Por essas razões, não podemos concordar com líderes espíritas que fazem questão de manter em seus nomes a sigla "doutor" e se vangloriam desse pronome de tratamento (2) nos eventos de que participam em nome do Cristo. Como dissemos acima, o emprego ultrapassado de "doutor" é comum entre os pobres, os sem instrução que associam a palavra a um status social ou a um nível de autoridade superior ao seu. Estratificações sociais que não se coadunam com o Evangelho.

Enquanto houver líderes espíritas que não se reconheçam como indivíduos comuns e acreditem merecer o tratamento cerimonioso, submetido às formalidades dos protocolos sociais, com cuidadosa discriminação em vários graus de adequação e propriedade, indiscutivelmente refletirá a prova de seu "potencial doutrinário" e "superioridade moral", incentivando comportamentos distorcidos das propostas cristãs.

É bastante conhecida a influência que os endinheirados desempenham nos diferentes domínios da sociedade, e também no movimento espírita. Fragmentos dos poderosos acabaram assumindo postos de autoridade nas federações e centros espíritas. E como idolatram os prestígios sociais, os

títulos e o assentar-se nos principais espaços dos eventos o desfile do inchaço da vaidade passa a ser apenas um espelho adequado desse antiespiritismo bem em voga dos dias de hoje, onde a barganha pública de “meiguices” é tão somente o verniz da moléstia moral dos que detêm as rédeas do movimento espírita.

Os expositores-“doutores" não deveriam olvidar que Chico Xavier, Ivone Pereira, Zilda Gama, Frederico Junior, tanto quanto no passado Léon Denis, não poderiam participar desses congressos pagos conduzidos pela importância dos títulos acadêmicos, sob pena de se perceberem desambientados e constrangidos, por nunca terem possuído uma titulação conferida pelas universidades do mundo. Isso para não citar o próprio Cristo, que não passou da condição de modesto carpinteiro.

Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem. Não é admissível prosseguirmos escutando expositores espíritas, aplaudidos pelo tratamento de doutores, realizarem preleções jactanciosas de prosperidade enquanto a humanidade estertora na penúria da ignorância das letras.

Referências bibliográficas:

(1) Nos países de língua inglesa, os médicos são chamados de "doctor". Quando escrevem artigos, ou em seus jalecos, no entanto, não empregam o termo, mas apenas o próprio nome, acompanhado da abreviatura M.D. (medical degree), isto é, "formado em Medicina", "médico".

(2) O “Aurélio” define os pronomes de tratamento como "palavra ou locução que funciona tal como os pronomes pessoais". Os gramáticos, por sua vez, ensinam que esses pronomes são da terceira pessoa, substituindo o "tu" da segundo pessoa.

Inumar ou cremar, eis a questão

A despeito de ser praticada desde a mais remota antiguidade, a cremação (incineração de um cadáver até reduzi-lo a cinzas) é assunto controverso na opinião da sociedade contemporânea ocidental. Em eras recuadas, a prática da cremação provinha de duas razões diferentes: a necessidade de trazer de volta os guerreiros mortos, para receberem sepultura em sua pátria, como sói ocorrer entre os gregos; ou de fundamentos religiosos, como entre os nórdicos, que criam assim libertar o Espírito de seu arcabouço físico e evitar que o desencarnado pudesse causar danos aos encarnados.

Em Roma, quiçá, devido ao ritual adotado para queimar os corpos dos soldados mortos, a cremação se transformou em símbolo de prestígio social, de tal forma que a construção de columbários (1) tornou-se negócio rentável. De longa data, os indianos e outros povos reencarnacionistas sabem que o corpo físico, uma vez extinto, não mais pode ser habitado por um Espírito, pois isso contraria a Lei Natural; portanto, o cadáver poderá ser cremado, transformado em cinzas, sem qualquer processo traumático. As obras da codificação espírita nada dizem a respeito da cremação. Por isso, cremos que o problema da incineração do corpo merece mais demorado estudo entre nós. Até porque, se para uns o processo crematório não repercute no Espírito, para muitos outros, por trás de um defunto, muitas vezes, esconde-se a alma inquieta e sofrida, sob estranhas indagações, na vigília torturada ou no sono repleto de angústia. Para semelhantes viajores da grande jornada, a cremação imediata dos restos mortais será pesadelo terrível e doloroso.

Existem correntes ideológicas avessas à cremação, quase sempre embaladas por motivo de ordem médico-legal (nos casos estabelecidos em lei, quando envolva morte violenta, por

interesse público); ou movida por razão de ordem afetiva (porque os familiares acham uma violência a incineração do corpo e querem preservar os restos mortais para culto ao morto); ou, ainda impulsionada pela lógica de ordem religiosa (porque muitas pessoas ainda acreditam na ressurreição do corpo etc.) principalmente, porque a Igreja de Roma era contra o ato e até negava o sacramento às pessoas cremadas. Poderíamos, ainda, acrescentar mais uma objeção - talvez a mais séria: o desconhecimento das coisas do Espírito, que persiste, em grande parte, por medo infundido, preconceito arraigado e falta de informação.(2)

Além disso, a questão que envolve a cremação tem implicações sociológicas, jurídicas, psicológicas, éticas e religiosas. Até porque, o tema diz respeito a todas as pessoas (lembremos que todos nós, ante a fatalidade biológica, iremos desencarnar). De acordo com tese de pesquisa sobre o tema, a cada 70 anos o planeta terá o número de enterrados na mesma quantidade de encarnados atuais, ou seja: daqui a sete décadas terá 6 bilhões de cadáveres sepultados. Enquanto os profitentes do enterro tradicional (inumação) o defendem por aguardarem, o juízo final e a ressurreição do corpo físico, os que defendem a cremação, afirmam que o enterramento tem consequências sanitárias e econômicas, e nesse raciocínio explicam que os cemitérios estariam causando sérios danos ao meio ambiente e à qualidade de vida da população em geral. Laudos técnicos atestam que cemitérios contaminam a água potável que passa por eles e conduz sério risco de saúde humana às residências das proximidades, além das águas de nascentes, podem também contaminar quem reside longe dos cemitérios. O planeta tem seus limites espaciais o que equivale dizer que bilhões e bilhões de corpos enterrados vão encharcar o solo, invadir as águas com o necrochorume (líquido formado a partir da decomposição dos corpos que atacam a natureza, as quais provocariam doenças), disseminando doenças e outros riscos sobre os quais sanitaristas e pesquisadores têm se preocupado. Por outro lado, o uso da cremação diminuiria os encargos básicos econômicos, como por exemplo: adquirir terreno para construir jazigo; a manutenção das tumbas; nas

grandes capitais falta de espaço para construir cemitérios etc.

Pelo menos em ralação ao nosso País fiquemos, por enquanto, sossegados, pois, como lembra Chico Xavier "ainda existe bastante solo no Brasil e admitimos, por isso, que não necessitamos copiar apressadamente costumes em pleno desacordo com a nossa feição espiritual".(3)Sob o enfoque espiritual o assunto é mais complexo quando consideramos que muitas vezes "o Espírito não compreende a sua situação; não acredita estar morto, sente-se vivo. Esse estado perdura por todo o tempo enquanto existir um liame entre o corpo e o perispírito. (4) O perispírito, desligado do corpo, prova a sensação; mas como esta não lhe chega através de um canal limitado, torna-se generalizado. Poderíamos dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser, chegando assim ao seu sensorium commune (5), que é o próprio Espírito, mas de uma forma diversa. Ressalta Kardec, "Nos primeiros momentos após a morte, a visão do Espírito é sempre turva e obscura, esclarecendo-se à medida que ele se liberta e podendo adquirir a mesma clareza que teve quando em vida, além da possibilidade de penetrar nos corpos opacos".(6)

Dessa forma, o homem que tivesse vivido sempre sobriamente se pouparia de muitas tribulações e menos sentirá as sensações penosas. Portanto, para ele, que vive na Terra tão somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças, a desencarnação não significa perturbações em face de sua consciência elevada e do coração amante da verdade e do amor. Ao ser indagado se o recém-desencarnado pode sofrer com a incineração dos despojos cadavéricos, Emmanuel respondeu: "Na cremação, faz-se mister exercer a caridade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o 'tônus vital', nas primeiras horas sequentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material".(7)Chico Xavier, ao ser questionado no programa "Pinga Fogo", da extinta TV

Tupi, de São Paulo, pelo jornalista Almir Guimarães, quanto à cremação de corpos que seria implantada no Brasil, à época, explicou: "Já ouvimos Emmanuel a esse respeito, e ele diz que a cremação é legítima para todos aqueles que a desejem, desde que haja um período de, pelo menos, 72 horas de expectação para a ocorrência em qualquer forno crematório, o que poderá se verificar com o depósito de despojos humanos em ambiente frio". (8) (grifamos) porém, Richard Simonetti, em seu livro "Quem tem Medo da Morte" lamenta que "nos fornos crematórios de São Paulo, espera-se o prazo legal de 24 horas, inobstante o regulamento permitir que o cadáver permaneça na câmara frigorífica pelo tempo que a família desejar".(9) Nesse caso o prazo poderia ser maior. O Espiritismo não recomenda nem condena a cremação.

Mas, faz-se necessário exercer a piedade com os cadáveres, protelando por mais tempo a incineração das vísceras materiais(10) pois existem sempre muitas repercussões de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se esvaiu o "fluido vital", nas primeiras horas sequentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material. A impressão da desencarnação é percebida, havendo possibilidades de surgir traumas psíquicos. Destarte, recomenda-se aos adeptos da Doutrina Espírita que desejam optar pelo processo crematório prolongar a operação por um prazo mínimo de 72 horas após o desenlace.

Referências bibliográficas:

(1) Edifício com nichos para as urnas funerárias

(2) A Igreja romana, por ato do Santo Ofício, desde 1964, resolveu aceitar a cremação, passando a realizar os sacramentos aos cremados, permitindo as exéquias eclesiásticas. Aliás, em nota de rodapé de seu "Tratado" (vol. II. P. 534), o professor Justino Adriano registra o seguinte: Jésus Hortal, comentando o novo Código de Direito Canônico diz que a disciplina da Igreja 'sobre a cremação de cadáveres, a que, por razões históricas, era totalmente contrária, foi

modificada pela Instrução da Sagrada Congregação do Santo Ofício, de 5 de julho de 1963 (AAS 56, 1964, p. 882-3). Com as modificações introduzidas pelo novo Ritual de Exéquias, é possível realizar os ritos esquiais inclusive no próprio crematório, evitando, porém, o escândalo ou o perigo de indiferentismo religioso.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Escultores de Almas, SP: edição CEU, 1987.

(4) Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos (cap. VI item IV, questão 257 Livro dos Espíritos).

(5) Sensorium commune: expressão latina, significando a sede das sensações, da sensibilidade. (N. do E.).

(6) Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos (cap. VI, item IV, questão 257 Livro dos Espíritos)

(7) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB 11ª edição, 1985, pg 95.

(8) As duas entrevistas históricas realizadas ao saudoso Francisco Cândido Xavier na extinta TV Tupi/SP canal 4, em 1971 e 1972, respectivamente, enfaixadas nos livros Pinga Fogo com Chico Xavier (Editora Edicel) e Plantão de Respostas - Pinga Fogo II (Ed. CEU)

(9) Simonetti, Richard. Quem tem Medo da Morte, SP: editora CEAC, 1987.

(10) Depoimento de Chico Xavier in Revista de Espiritismo

Gerações infelizes na caça da "felicidade" construída nas areias da ilusão

Após o ano de 1945, a Alemanha despedaçada era um cenário caótico sob o ponto de vista psíquico, social e econômico. Foi um desafio para nova liderança reorganizar a Nação, dividida entre duas disposições ideológicas: a Alemanha Ocidental (capitalismo) e a Alemanha Oriental (socialismo). Nesse panorama, encontramos a juventude européia, notadamente a germânica, completamente sem rumo. Sociólogos, filósofos, pedagogos, psicólogos e professores muito se preocuparam com aquela geração de jovens marcada por inimagináveis agonias psíquicas, físicas e morais resultantes de um conflito estúpido, testemunhas oculares de uma guerra que teve início a 1º de setembro de 1939 com a invasão de Hitler à Polônia e se estendeu até agosto de 1945, com as detonações das duas bombas termonucleares em Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

A interrogação que aflorava em cada um desse espantoso contingente de moças e moços depois da guerra era: e agora como será o nosso destino? Já não nos basta trabalhar, ganhar dinheiro, comer, beber, procriar! A vida não pode se resumir somente nisso. Contudo, a percepção materialista, na Europa, sobretudo com base na ideologia negativista de Jean-Paul Sartre, acabou reconduzindo aqueles adolescentes do pós-guerra à caverna, fazendo-os afundar nas masmorras das metrópoles e ali se confiando à fuga espetacular da consciência e da razão pela busca desenfreada do prazer alucinado do gozo imediato.

A juventude desgovernou-se e a filosofia da flor ("paz") e do amor ("sexo") assumiu dimensões assombrosas, solicitando de especialistas as propostas para preparação de novos conceitos filosóficos apropriados para conter a invasão da droga, do sexo e da violência. Instala-se a reedição do ancestral princípio de

Diógenes (isolamento social, reclusão em casa e negligência de higiene são os principais padrões do comportamento), adicionado pela luxuosidade e desinteresse pela vida. O "Cinismo diogenano" esguichou nas últimas amostras filosóficas, transformando os alucinógenos e barbitúricos em rota de fuga da realidade e espetacularização da paranóia.

A geração do pós-guerra foi uma geração aniquilada. Com o advento da "Guerra Fria" dos anos 50, surge as manifestações da juventude transviada americana. Logo após apareceu a geração hippie como artifício do movimento de contracultura dos anos de 1960. Nos idos dos anos de 1970 encontramos uma geração com qualidades deprimentes. No Brasil convivemos com os patéticos "Anos Rebeldes", em cuja circunstância os jovens, manipulados por ideologias materialistas, repugnavam o regime estabelecido. Na ocasião, alguns impetuosos admiradores do violentíssimo guerrilheiro "Che Guevara" somaram esforços no sentido de transplantar para a Pátria do Evangelho o execrando ateísmo materialista tramado pela Revolução Soviética, o que resultou em despropositados conflitos ideológicos, numa luta terrorista, por reivindicações menores no que tange a situações econômicas e sociais.

Nos anos de 1980 e 1990, houve uma invasão generalizada de ideologias extravagantes. Há irrupção dos desvios de vidas passadas, e surgem as gangues neonazistas, os bad boys, os Punks. Paralelo às buscas desses jovens estranhos, desencadeia-se, no anverso social, a explosão do consumo com o advento, em profusão, dos centros comerciais (Shopping Center). Os meios de comunicação quebraram os valores regionais e introduziram uma cultura uniforme, sem fronteiras. Em face de valores como o amor, a liberdade, a justiça e a fraternidade, que na prática perderam o conteúdo original, surgia uma nova realidade, o CONSUMO, estabelecendo os seus próprios valores: o sucesso e a competição.

Atualmente se faz menção a uma geração sem necessariamente compará-las com as mesmas características de gerações anteriores. Antigamente, quando se fazia referência a crianças, adolescentes ou pessoas mais velhas,

generalizavam-se o comportamento e características das mesmas, independente da época em que viviam. Agora, estuda-se o comportamento do adolescente, considerando o modo de vida de sua época. De tal modo, procura-se entender que um adolescente do Século XIX, carrega características desiguais de um adolescente do início do Século XX, ou dos anos 50, 60 ou 90.

A primeira proposta para explicar essa querela foi batizada como Geração "X" (nascidos entre os anos 1960 e 1980). Geração essa constituída pelos filhos dos "Baby Boomers"(1) da Segunda Guerra Mundial. A Segunda geração foi a denominada Geração "Y" - Yuppie(2). Apesar de não haver um consenso a respeito do período da Geração "Y", a maioria da literatura faz referência a ela como as pessoas nascida entre os anos de 1980 e de 2000. São, por isso, muitos deles, filhos da geração "X" e netos da Geração "Baby Boomers".(3)

Afirma-se que a Geração "Y" (Yuppie), também conhecida como Geração "Next" ou "Millennnials", é uma geração infeliz.(4) São jovens profissionais entre os 20 e os 40 anos de idade, geralmente de situação financeira intermediária entre a classe "média" e a classe "alta". Em geral possuem formação universitária, trabalham em suas profissões de formação e seguem as últimas tendências da moda. Para Paul Harvey, professor da Universidade de New Hampshire, nos Estados Unidos, a geração Y tem "expectativas fora da realidade e uma grande resistência em aceitar críticas negativas" e "uma visão inflada sobre si mesmo".(5)

Na experiência de cada geração, o jovem encontrará adultos inescrupulosos, ambiciosos, calculistas (ex-jovens sem ideais) e isso muitas vezes o deixará desanimado, esfriando-lhe o entusiasmo e o idealismo; apesar disso, não deve congelar o ânimo, porque também encontrará adultos idealistas, compreensivos, honestos. Um fato é real: quando o jovem (de qualquer geração) deixa de seguir os bons exemplos dos homens honestos e idealistas e se abate na amargura, a sociedade terrena sofre um prejuízo irreparável, isso porque a melhora do mundo depende invariavelmente das novas gerações.

Para a “infeliz” Geração “Y” podemos afirmar que a “felicidade” é um assunto subjetivo. Não há como restringi-la a discursos improdutivos, pois tendemos a configurá-la num modelo “perfeito”, num padrão que se enquadre para todos. E não existe um molde de felicidade, cada um atinge do seu jeito. Não há como alcançar a tal felicidade racionalmente, é impossível medi-la ou discorrê-la como um padrão que sirva para todos, o tempo todo. A percepção de “felicidade” é uma experiência pessoal, exclusiva para cada indivíduo.

No campo filosófico, as gerações podem entender que elas também têm o “direito” de ficar “(in)felizes” e que aflição não é enfermidade, mas parte da condição humana – e que, sem ela, não temos o ensejo de mensurar a virtude da resignação. Portanto, em tempos de tirania da “felicidade”, acatar e permitir essa aflição diária é uma forma de resistência, uma espécie de ventura. O Espiritismo esclarece que a felicidade “é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais lograrem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado.”(6)

Há dois mil anos o Cristo avisou que "a felicidade não é deste mundo", portanto, por elevadas razões, as gerações que se sucedem continuamente necessitam viver no mundo sem escravizar-se ao mundo material sob o jugo de insana busca por uma felicidade construída nas areias da ilusão.

Notas e referências bibliográficas:

(1) Baby Boomer é uma definição genérica para crianças nascidas durante uma explosão populacional - Baby Boom em inglês, ou, em uma tradução livre, Explosão de Bebês. Dessa forma, quando definimos uma geração como Baby Boomer, é necessário definir a qual Baby Boom estamos nos referindo;

(2) "Yuppie" é uma derivação da sigla "YUP", expressão inglesa que significa "Young Urban Professional", ou seja, Jovem Profissional Urbano;

(3) Há outras definições para diferentes Gerações: Geração Z (formada por indivíduos constantemente conectados através

de dispositivos portáteis e, preocupados com o meio ambiente, que pode ser integrante ou parte da Geração Y).

Geração Alfa (Ainda sem características precisas definidas, poderão ser filhos, tanto da geração Y, como da Geração Z).

After Eighty: Geração de Chineses nascidos depois de 1980 (equivalente à Geração Y para os ocidentais).

Beat Generation: Geração de norte-americanos nascidos entre as duas Guerras Mundiais.

Lost Generation (Geração Perdida): Expatriados que rumaram para Paris depois da Primeira Guerra Mundial;

(4) O site Wait But Why publicou a reportagem "Why Generation Y Yuppies are Unhappy" ilustrando com detalhes as prováveis razões pelos quais a atual geração Y está infeliz;

(5)http://www.fashionbubbles.com/comportamento/o-motivo-da-infelicidade-da-geracao-y/

(6) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap.V, item 20, RJ: Ed. FEB, 1999.

Insignificantes desperdícios! - até quando?

O Brasil desperdiça US$ 250 bilhões a cada doze meses, o que equivale a 1/4 do PIB (Produto Interno Bruto), aproximadamente. É inaceitável que um País negligencie valores de tamanha proporção pelos bens e serviços produzidos em um ano, por invigilância e insensatez da sociedade, de um modo geral, e das autoridades no poder de fiscalização.

Reduzindo-se o desperdício em, pelo menos, US$ 30 bilhões/ano, um milhão de empregos seriam gerados, isso mesmo (!), um milhão de novos postos de trabalho - nos vários setores de produção -, segundo atestam os especialistas.

Existem inúmeros desperdícios de difícil quantificação, mas identificáveis pelas lupas dos estudiosos, seja na construção civil, no saneamento básico, no funcionalismo público, no consumo de água, etc. Muitos de nós já presenciamos, nas estradas brasileiras, o desperdício de grãos transportados nas carrocerias dos caminhões que, numa rápida vista-de-olhos, parece-nos "insignificante." No entanto, esse desperdício representa uma significativa perda para os cofres públicos, que poderia ser evitado, não fosse o descaso das autoridades competentes, em nossas rodovias, quanto a fiscalizar com mais rigor a condução de tais produtos. Como se não bastasse, há, ainda, o sério problema da estocagem de grãos, feita de maneira imprópria em vários armazéns do país, de que temos notícia, redundando em vultosos prejuízos para a Nação. Até quando?

Cerca de 30% dos alimentos produzidos no Brasil vão parar no lixo, sem qualquer chance de aproveitamento. Essa é a conclusão de um estudo realizado pela Associação Prato Cheio (1), que visa combater ao mesmo tempo a fome e o desperdício de alimentos nos centros urbanos.(2). O processo de perda de produtos tem início logo após a colheita, na zona rural. Muitos alimentos são encaixotados sem cuidado e em

recipientes não apropriados.

No tópico desperdício de energia elétrica, segundo dados da Eletrobrás, a indústria brasileira consome cerca de 9,2 milhões de MW/h, dos quais 31% poderiam ser economizados. Estima que o segmento consuma cerca de 9,2 milhões de MW/h, dos quais 31% poderiam ser economizados. O setor é o que mais consome energia elétrica e é o que mais desperdiça. Já no segmento comercial, pelos cálculos da Eletrobrás, seria possível economizar até 18,9% dos 5,6 milhões de MW/h consumidos. Na área residencial o desperdício também é grande. O segmento consome cerca de 7,5 milhões de MW/h, e poderia economizar até 25% desse total. (3)

Nas situações inusitadas, igualmente, presenciamos desperdícios. Quantas vezes observamos nos banheiros públicos alguns usuários que, para enxugarem as mãos, pegam exageradamente muito mais que duas folhas de papel toalha? É um gesto "insignificante" que revela falta de educação, de respeito ao próximo, do desperdício do material coletivo. A cidadania plena deve ser exercida nos pequenos gestos que, no conjunto da população, fazem uma grande diferença. São inúmeros os outros pequenos gestos que poderiam ser educados, como, por exemplo: torneira aberta, luz acesa, lixo nas ruas, poluentes no ar e nos rios, etc.. Tudo isso pode ser evitado se, paralelamente, à educação familiar, fosse incluída a cidadania familiar.

Realmente, há um gravíssimo problema a considerar: estamos usando mal nossa água potável. Sabe-se que quase metade do volume recolhido nas fontes não chega até as torneiras das residências brasileiras. Há, no meio do trajeto, vazamentos nos encanamentos, erros na medição do consumo e desvios provenientes de ligações clandestinas.(4) O levantamento é do ISA (Instituto Socioambiental), organizador da campanha "De Olho nos Mananciais", que tem por objetivo alertar a população para o uso racional da água. Essa realidade é, realmente, preocupante. O recurso está ficando cada vez mais escasso.

Segundo pesquisas atuais - é importante salientar - a perda de água nas capitais brasileiras é de 6,14 bilhões de litros por

dia, ou seja, 2.457 piscinas olímpicas, a cada 24 horas. Isso equivale a 45% de toda a água retirada das fontes. A campeã do desperdício é Porto Velho, com 78,8% de perda. Depois, vêm Rio Branco (74,6%) e Manaus (72,5%). Em volume absoluto de água desperdiçada, o Rio de Janeiro está em primeiro lugar, com 619 piscinas olímpicas por dia. Em seguida, aparecem São Paulo (426) e Salvador (160). Das 27 capitais brasileiras, em apenas seis, a população possui o serviço de distribuição domiciliar de água tratada. As menores taxas de atendimento são as de Porto Velho (30,6% da população), Rio Branco (56,2%) e Macapá (58,5%). A capital campeã, em consumo de água, é Vitória, com 236 litros por habitante por dia. Logo após, estão Rio de Janeiro (226) e São Paulo (221). A ONU recomenda o uso de 110 litros, por habitante, por dia.(5)

Aprendamos, pois, como economizar água nas diversas situações da vida cotidiana. A exemplo do banho diário, habituemos a fechar a torneira ao nos ensaboarmos. Quando escovarmos os dentes, molhemos a escova, fechemos a torneira e, ao enxaguarmos a boca, usemos um copo com água. Ao lavarmos aos mãos, lavarmos o rosto, ou ao fazermos a barba, sejamos igualmente racionais. Mantenhamos, sempre, a válvula da descarga bem regulada e consertemos quaisquer vazamentos, assim que forem identificados. Ao lavarmos a louça, primeiramente, limpemos os restos de comida, contidos nos pratos e nas panelas, para, em seguida, usarmos a esponja com sabão, previamente molhada. Para finalizarmos a tarefa, abramos a torneira para enxaguá-los. Lavar roupa, também exige disciplina. Deixemos acumular uma quantidade razoável de peças, lavando-as de uma só vez, pois assim estaremos usando, racionalmente, esse tão precioso líquido. Após colocarmos água no tanque, não há necessidade de mantermos a torneira aberta enquanto ensaboamos a roupa, e aproveitemos a água do enxágue para lavar o quintal. Dessa forma, estaremos economizando não somente água, mas energia elétrica (para quem usa máquina de lavar). Quanto aos jardins, molhemos as plantas, usando um regador, em vez de utilizarmos a mangueira. Ao limparmos a Calçada, basta que usemos a vassoura.

Evitemos desperdícios, até, porque, diante dos fatos, não podemos acusar a natureza, a vida, Deus, o clima, o País, etc., pelo que é, apenas, consequência da imperícia, imprevidência, e irresponsabilidade de cada um de nós. A propósito, lemos certa ocasião lemos a obra Alvorada Cristã, ditada pelo Espírito Neio Lúcio, Cap. 14 - O descuido impensado (6), a respeito de uma costureira que não se preocupava em aproveitar, durante o seu labor, as "insignificantes" sobras de linha de costura. Por esse motivo, voltou a encarnar com o espinhoso compromisso cármico de lidar com o campo, para cultivar e cuidar de algodoeiros, a fim de que fosse reparado o desperdício inobservado. A lição é significativa e nos desperta, também, para a interessante reflexão: O que temos feito das "insignificantes" sobras, resultantes da nossa contumaz rebeldia contra as diretrizes da natureza?

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em
<www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132246.shtm> acessado em 06/12/2007
(2) Idem
(3) Disponível em
http://www.estadao.com.br/arquivo/economia/2007/not20070201p19525.htm acessado em 01 de dezembro de 2007
(4) Para chegar à quantidade de água perdida na rede, a conta é a seguinte: faz-se a subtração entre o que é retirado dos mananciais (a medição acontece nas Estações de Tratamento de Água) e o que é consumido pela população. Por isso, acaba sendo computado como perda, além de vazamentos, os erros de medição, as fraudes nos hidrômetros e as ligações clandestinas de água.
(5) Disponível em
http://revistadasemana.abril.com.br/edicoes/13/ambiente/materia_ambiente_261265.shtml acessado em 06 de dezembro de 2007